

The background of the image is a dense collage of various Brazilian samba school emblems (cores). Each emblem is a circular or oval-shaped crest with intricate designs, often featuring a central figure or symbol, surrounded by a decorative border. The colors are vibrant and varied, including red, blue, yellow, green, and white. The text is overlaid in a large, white, sans-serif font with a thin black outline, making it stand out against the colorful background.

**O SAMBA
QUE SE
APRENDE
NA ESCOLA**

CLÁUDIO CARVALHO

O samba que se aprende na escola

Cláudio Carvalho

O samba que se aprende na escola

Rio de Janeiro

2012

Para minha mãe, Sílvia, salgueirense e tricolor

Para meu pai, Délcio, portelense e vascaíno

ÍNDICE

PREFÁCIO	7
INTRODUÇÃO	9
BREVIÁRIO HISTÓRICO	12
Os primeiros anos	13
A História do Samba mudou	18
Surge o Sambódromo	25
Pós-Modernidade	36
O SAMBA DOS BAIRROS	42
Centro	43
Zona Norte	45
Zona Oeste	50
Zona Sul	52
Baixada Fluminense	54
Niterói e São Gonçalo	56
DADOS DAS ESCOLAS	58
Inativas	150
Extintas	152
QUESITOS	157
Bateria	158
Samba-enredo	162
Discografia	164
Sambas-enredo Inesquecíveis	168
Grandes sambas-enredo	172
Ofício de Puxador	178
Harmonia, Evolução e Conjunto	180
Comissão de Frente	181
Mestre-Sala e Porta-Bandeira	183

Enredo, Alegorias e Fantasias	185
FOTOS	190
RANKINGS	210
Campeãs do Grupo Especial	211
Número de títulos de cada escola	216
Campeãs pós-Sambódromo	218
Ranking da Liga Independente das Escolas de Samba	219
Ranking dos 80 anos dos Desfiles	221
Ranking do Estandarte de Ouro	223
Estandarte de Ouro x Apuração	225
As Melhores do Rio	226
Campeãs do Grupo de Acesso	228
Todas as Campeãs	233
Campeãs do Terceiro Grupo	236
Premiação S@mba-Net	240
S@mba-Net x Apuração	242
As mais queridas	243
OS ARTISTAS DO ESPETÁCULO	247
BE-A-BÁ DO SAMBA	264
BIBLIOGRAFIA	269
Sites	270
Créditos das Fotos	270

PREFÁCIO

Marco Maciel

Conheci Cláudio Carvalho num fórum de Carnaval na Internet. Na página, ele se dedicava a postar informações históricas, curiosidades e outras preciosidades a respeito do maior espetáculo da Terra. Desde sempre não só cumpre o notável papel de folião como também é um arlequim obcecado pela pesquisa sobre o rico passado do Carnaval do Rio de Janeiro.

Coloquei no ar o site Sambario em 29 de abril de 2004. Pouco tempo depois, Cláudio tinha sua primeira coluna publicada lá. Um dos textos mais fantásticos que já conferi no gênero foi o “Guia do Colecionador”, onde divulgou dados sobre todos os discos de sambas-enredo do Rio lançados. Outro artigo de extrema relevância foi sobre a relação dos orixás com as escolas de samba. Uma leitura mais do que esclarecedora e agradável.

É de autoria de Cláudio uma das mais intrigantes teses a respeito do histórico do Carnaval carioca. Regressamos a 1976. A Em Cima da Hora teve problemas nos preparativos de seu desfile, considerado subversivo pelo regime vigente. Mesmo de posse de um dos melhores sambas-enredo de todos os tempos, “Os Sertões”, os militares não engoliram a saga de Antônio Conselheiro e seus jagunços, sertanejos fortes revoltados com o mundo em que viviam, na Guerra dos Canudos.

Testemunhas da época afirmavam que, pela beleza das alegorias e fantasias presentes, a Em Cima da Hora seria a escola a ser batida. Na ocasião, não se encontravam num bom momento as agremiações que formavam o chamado bloco das quatro grandes: Mangueira, Portela, Império Serrano e Salgueiro – este último, com as recentes saídas de Joãozinho Trinta e Laíla, certamente teria dificuldades para defender seu bicampeonato.

No entanto, forças ocultas, sem maiores explicações, proibiram que os elementos fundamentais para o desfile deixassem o barracão da escola. Ainda por cima, uma tempestade desabou na hora da apresentação da azul-e-branco de Cavalcanti. Assim, foi inevitável a 13ª colocação entre 14 agremiações. Em contrapartida, uma luxuosa Beija-Flor de Nilópolis, escola então conhecida por

seus enredos de exaltação à ditadura militar, ganhava com sobras o Carnaval daquele ano, num espetáculo de proporções jamais vistas até então.

O que teria acontecido com a Em Cima da Hora – que não desfila na Sapucaí desde 2003 – se a história tivesse sido diferente em 1976? Seria ela a Beija-Flor de hoje? Nunca saberemos.

O Samba que se Aprende na Escola oferece uma interessante pesquisa não só a respeito do histórico dos desfiles – desde a fundação da Deixa Falar por Ismael Silva até o Carnaval nos dias de hoje – e esclarecimentos sobre o julgamento dos quesitos, como também apresenta um diferencial: a origem do samba nos bairros do Rio de Janeiro, além dos municípios vizinhos. Fichas das escolas, rankings e glossários são outros predicados que servem de atrativo.

Samba-enredo... uma explosão de alegria, a paixão do folião. O desabafo melódico de um povo, a emoção transparecida de quem colore o asfalto de ilusão. A você, caro leitor bamba, o recado em forma de poesia.

Canta, sua vida esse canto... faz sua voz ecoar!

Surgem os tamborins, vem emoção. A bateria vem no pique da canção.

Eu quero ver, eu quero ver a sua ginga... e se você não sabe, eu posso lhe ensinar!

Oh melodia, oh melodia triunfal... Sublime festa de um povo, orgulho do nosso Carnaval!

Marco Maciel – jornalista e editor do Sambario
(<http://www.sambariocarnaval.com>)

INTRODUÇÃO

Mais do que um projeto, este livro é a realização de um sonho pessoal. Um sonho que começou na minha infância, quando tive meu primeiro contato com o samba através do “bolachão” duplo de 1989, que meu pai comprou na antiga Sendas do Campinho e eu ouvia até gravar todos os hinos na memória.

Nessa época, a gente morava em Oswaldo Cruz, no Largo da Fontinha, ali mesmo onde Paulinho da Viola encontrou inspiração para sua música *Bebadosamba*, que depois virou disco e turnê. Ali onde Nei Lopes, sempre iluminado, encontrou material para seu recém lançado romance *A lua triste desacamba*. A Fontinha da minha época já não era a zona rural desses tempos, mas ainda havia ali curimbas, malandros que resolviam tudo no tapa, pinguços que trocavam um pacote de macarrão por um copo de cachaça, vizinhas fofoqueiras, o português da quitanda, o italiano da banca de jornal e toda sorte de gente que compunha o cotidiano dos subúrbios de outrora.

Foi nesse território que me criei, e foi ali que ouvi falar pela primeira vez de uma tal Portela, que diziam, era a maior escola de samba. Eu ainda era criança, e naquele tempo o samba não era tão “politicamente correto” como nos tempos atuais. Então, minha falecida mãezinha (que Deus a tenha) não me deixava conhecer a escola. Certa vez, ela abriu uma exceção, e isso foi em 1991. Se a Portela ganhasse, a gente iria pra quadra. Como é do conhecimento de todos, a escola ficou em sexto lugar, e eu chorei pra burro. Não só porque tive de adiar meu sonho de criança, mas também porque naquele ano eu havia me tornado portelense de fato. Quando vi o Paulinho emocionado comentando o desfile da escola, e ouvi do meu pai que ele era vascaíno como nós dois, não tive dúvida que meu coração tinha se deixado levar pela azul e branca.

Os anos se passaram, eu concluí meu segundo grau (atual ensino médio) no GPI de Madureira e entrei pra faculdade. Apenas em 2000, quase dez anos depois do episódio citado, é que tive outra oportunidade de conhecer a Portela. Sofri mais uma decepção, pois estava de chinelos e não me deixaram entrar. Menos mal que havia outra escola pertinho dali, escola da qual eu também tinha ouvido falar muito, e sobre a qual varava a noite

buscando informações na então incipiente internet. Lembro bem da sensação de êxtase que tive quando entrei na quadra do Império Serrano pela primeira vez. Naquele dia, a escola ensaiou na rua Carvalho de Souza, e esquentou com *Aquarela Brasileira*. Dali em diante, meu coração se dividiu em dois, e até hoje eu digo pra quem quiser ouvir que tenho duas escolas. Não me perguntem se sou portelense ou imperiano, senão dá briga. Já levei muito chabu de amigos das duas escolas por causa disso, mas não posso fazer nada. Coração da gente é terra onde ninguém pisa. Às vezes, eu mesmo me confundo e falo o nome de uma no lugar da outra. Esse ato falho não é à toa, pois, mesmo rivais, Portela e Império sempre militaram juntas pela causa do samba verdadeiro: aquele que não se vende nem se rende ao pós-modernismo em detrimento às suas raízes.

Passada minha “crise de identidade” dos primeiros anos, conheci uma rapaziada boa de papo e de samba na Escola de Enfermagem Anna Nery, cujo pavilhão de aulas fica próximo à quadra da Estácio. Foi lá que ouvi falar pela primeira vez em Ismael Silva, e há quem diga que a alcunha de escola de samba, criada por ele, foi inspirada na escola de enfermeiras, e não na de professoras. Do outro lado da rua, eu fazia estágio no Hospital Escola São Francisco de Assis. Perambulando por lá certo dia, me deparei com uma passagem secreta, que segundo informações levava a um túnel subterrâneo, que conduzia à faculdade. Então me contaram que o túnel foi construído para as discípulas da Sr^a Ethel Parsons não terem contato com as moças da zona de baixo meretrício e seus respectivos cafetões. Desde então, nunca mais deixei de frequentar o largo do Estácio, tampouco de reconhecer seu pioneirismo na história do samba. Mas meu coração pertence à Portela, ao Império, à Madureira, e, sobretudo, à Fontinha, onde nasceu minha paixão pelo carnaval.

Dedico esse livro primeiro a meu pai, que me introduziu no mundo do samba, e que nele foi reintroduzido por mim ao desfilar na bateria do Império em 2004 e ganhar Estandarte de Ouro. Dentre os amigos que fiz nesse meio, destaco Thiago Daniel, Miguel Paul, Fillipe Neves, Marco Maciel, Rogério Rodrigues, Luiz Tadeu Soares, Marcelo Pessanha, Carlos Pereira, Henrique Hoffmann, Luciano Vargem, Marcelo Akerman, Sílvio Cesar e Joseclei Nunes.

Agradeço a todos pela amizade e pelo aprendizado que adquiri. Aprendizado que serviu de base para escrever essa obra, cuja leitura, espero, seja útil e prazerosa de alguma forma.

BREVIÁRIO HISTÓRICO

“Respeite quem pode chegar onde a gente chegou”

(Jorge Aragão)

OS PRIMEIROS ANOS

. A história do samba começa na Pequena África, entre a Pedra do Sal, na Gamboa, e a Cidade Nova. Naquela região reuniam-se em sambas de roda, batucada e candomblé os descendentes de escravos, que criaram o embrião do ritmo genuinamente carioca. Mesmo depois da Abolição, os ex-escravos e as colônias de negros baianos que vieram para o Rio se fixaram no bairro da Saúde em busca de trabalho no porto e moradia barata (o morro da Favela - atual Providência - emprestou seu nome ao tipo de moradia que hoje se espalha por toda a cidade). Essa população aumentou em virtude da decadência do ciclo do café no Rio de Janeiro e na Zona da Mata mineira. Naquela época, a repressão ao samba e ao culto afro-brasileiro era grande, e a legalização dos terreiros foi uma brecha encontrada pelos sambistas para tocar adiante o ritmo após a cerimônia religiosa. A casa de Hilária Batista de Almeida, a Tia Ciata, na Rua Visconde de Itaúna, 117, era a capital daquela "cidade". Lá foi criado o primeiro samba gravado em disco: "Pelo Telefone", de Donga, que, ao lado de João da Baiana e Pixinguinha, formou o que é conhecido como a "santíssima trindade" do samba brasileiro.

A semente criou raiz, deu frutos e o samba começou a adquirir os contornos da forma atual ao chegar ao Estácio, Oswaldo Cruz e aos morros para onde foi empurrada a população de baixa renda quando o Rio começou a urbanizar-se. A primeira escola de samba nasceu no Estácio, e debutou oficialmente no desfile da Praça Onze, em 1929. Chamava-se Deixa Falar e surgiu como um "ato de malandragem". O Estácio, tradicional bairro de bambas, boêmios e tipos perigosos, situava-se geograficamente perto do morro de São Carlos e também da Praça Onze, o que facilitava a troca cultural. Esses "bambas" eram, pois, os mais visados no caso de qualquer ação policial. Assim, não é de estranhar que tenha partido de um grupo jovens geniais - Ismael Silva, Rubens, Alcebíades Barcellos, Sílvio Fernandes, o Brancura, e Edgar Marcelino dos Santos – o desejo de reconhecimento e a subversão da regra vigente, criando uma agremiação carnavalesca capaz de gozar da mesma proteção policial conferida aos ranchos e às chamadas grandes Sociedades.

Pelo fato de seus fundadores se reunirem no Bar do Antonico e no Café do Compadre, próximos à escola normal do Largo do Estácio, a Deixa Falar foi batizada por seu criador, Ismael Silva, de escola de samba. O raciocínio era lógico: a escola normal formava professoras para a rede escolar, e a Deixa Falar formava professores de samba. Histórica é a entrevista onde Ismael reivindica para si a autoria do termo e diz que, diante de qualquer discussão com sambistas de outros bairros, saía-se com a seguinte pérola: “Deixa falar, aqui é escola de samba”. Foi dele também, a sacada genial de que o samba da época era "tam tam tam tam" e se tornou "bumbum paticumbum prugurundum", como forma de explicar a mudança implementada pelos sambistas do Estácio no ritmo. Não menos relevante foi sua discussão com Donga, que chamou seu samba *Se você jurar* de marcha após ouvir dele que *Pelo Telefone* era maxixe.

Assim, com sede num porão que fazia esquina entre a Rua do Estácio e a Maia Lacerda, surgiu a primeira escola de samba, que na verdade era um bloco e depois transformou-se em rancho carnavalesco. As cores vermelho e braço foram adotadas em homenagem ao América Futebol Clube e ao bloco União Faz a Força, ambos próximos ao Estácio. A Deixa Falar teve vida curta. e sequer desfilou no primeiro desfile oficial das escolas de samba, promovido pelo jornal *Mundo Sportivo*, de Mario Filho, na Praça XI. Acabou por fundir-se ao bloco União das Cores, gerando o União do Estácio de Sá, que também durou pouco tempo. É inegável, porém, que se tornou referência para as demais, fez uma releitura da forma de cantar e dançar o samba e introduziu nele novidades como a cuíca, o surdo e o tamborim. Os mais antigos são enfáticos em afirmar seu pioneirismo, como se pode observar na letra do samba *Primeira Escola*, de Noite Ilustrada: *A primeira Escola de Samba surgiu no Estácio de Sá. Eu digo isso e afirmo. E posso provar...* Certa vez, quando questionado sobre a melhor definição a respeito do samba do Estácio, o mangueirense Carlos Cachaça foi enfático: “Era samba de sambar”.

Mesmo extinta, a Deixa Falar originou, mediante laços praticamente consanguíneos, três agremiações carnavalescas, já com a devida nomeação "escola de samba" incorporada: Paraíso das Morenas, Recreio de São Carlos (antiga Vê Se Pode) e Cada Ano Sai Melhor. Mas foi só a partir dos anos 50 que as favelas do Estácio (São Carlos, Mineira, Zinco, Larginho, Querosene,

Fogueteiro, Coroa, Turano, Fallet, Prazeres e Escondidinho) juntariam forças definitivamente com a criação da Unidos de São Carlos, hoje Estácio de Sá.

Ismael Silva, o fundador, viveu até 1978 e fez fama, mas não dinheiro. Em seu percurso, compôs, deu e vendeu parcerias para Chico Viola e Francisco Alves, dentre outros. Seu samba influenciou diretamente Noel Rosa, em quem encontrou um parceiro e amigo, mas sua prisão e a morte do colega puseram fim de maneira trágica à dobradinha que consolidou o samba tal qual o conhecemos nos dias atuais.

Noel, por sua vez, é um capítulo à parte na história do samba. Nascido num parto a fórceps em 1910, ano da passagem do cometa Halley pela Terra e da revolta da Chibata, o poeta da Vila aprendeu a tocar bandolim de ouvido quando adolescente, e adulto trocou a faculdade de medicina pela música. Filho de classe média, viveu sempre dividido entre as exigências de uma sociedade moralista e a boemia, que tanto amava. Dividiu-se também entre a esposa Lindaura e a amante Ceci, dançarina do cabaré que frequentava. Enquanto teve forças, foi um defensor arraigado e irônico do samba e de sua gente, até que a tuberculose abreviou seus dias em 1937. Morreu aos 26 anos, sem tempo para ver a escola de seu bairro nascer, crescer e virar referência no mundo do samba, mas deixou um legado de obras que se perpetuam no cancionário popular até hoje. Sempre irreverente, ainda teve tempo para deixar um "recado" a seu médico quando da ocasião de seu tratamento, em Belo Horizonte: *Já apresento melhoras/Pois levanto muito cedo/E deitar às nove horas/Para mim é um brinquedo/A injeção me tortura/E muito medo me mete/Mas minha temperatura/Não passa de trinta e sete/Creio que fiz muito mal/Em desprezar o cigarro/Pois não há material/Para o exame de escarro.*

Noel também foi parceiro de Angenor de Oliveira, o Cartola. Nascido a 11 de outubro de 1908, o sambista saiu ainda menino de Laranjeiras para o morro de Mangueira, onde conheceu Carlos Cachça e junto dele fundou o Bloco dos Arengueiros, embrião daquela que viria a ser a Estação Primeira de Mangueira. Não por acaso, as cores da escola são similares a do Fluminense, time de coração do sambista. Existem no entanto versões que dizem que tratou-se de uma homenagem ao Rancho Arrepiados. Cartola carregava esse apelido porque usava um chapéu-coco quando trabalhava de pedreiro, para

que a argamassa não caísse em seu rosto. É dele a autoria do primeiro samba da escola, *Chega de demanda*. Seus sambas popularizaram-se na década de 1930 e, após um período de ostracismo, ele foi reencontrado por Sérgio Porto em 1956. Sobre esse período obscuro de sua biografia, especula-se que se deveu a um afastamento da escola, a morte de sua esposa Deolinda e a uma suposta meningite contraída. Fato é que chegou a ser dado como morto. Em 1964, no entanto, inaugurou junto à sua nova esposa, Dona Zica, o restaurante Zicartola, que protagonizou encontros históricos do samba e da MPB. Uma década depois, já com sessenta e seis anos de idade, gravou seu primeiro disco. Nesta mesma época, mudou-se da Mangueira para Jacarepaguá, onde faleceu em 1980.

As histórias de Cartola e da Mangueira são indissociáveis. Fundada em 28 de abril de 1929, a escola mais popular do mundo do samba nasceu com a vocação para a vitória. Apesar de não ter sido a vencedora da primeira disputa envolvendo escolas de samba, realizada por Zé Espinguela em sua casa no Engenho de Dentro no ano de 1929, ganhou o primeiro desfile oficial e os outros dois subsequentes. No ano de 1933, a imprensa notificou que o samba da Unidos da Tijuca estava “de acordo com o enredo”, o que endossa a polêmica sobre o primeiro samba enredo cantado em um desfile. Ressalta-se também que em 1934 houve dois desfiles, tendo a verde-e-rosa vencido o realizado no Campo de Santana, a 20 de janeiro, enquanto o Recreio de Ramos venceu no Estádio Brasil, em 4 de fevereiro. Esses dois desfiles não são considerados oficiais, pois o primeiro ocorreu fora de época e o segundo, promovido pelo jornal *A Hora*, não teve comissão julgadora, sendo a vencedora eleita por aclamação popular. A verde-e-rosa, no entanto, contabiliza esse título em sua galeria.

Nos anos 1930, houve ainda a vitória da Unidos da Tijuca, em 1936, e da Vizinha Faladeira, no ano seguinte. Sobre esses desfiles, dois fatos curiosos. A agremiação tijuicana venceu por ter obtido o melhor desempenho no quesito harmonia, que determinaria a campeã do ano segundo o regulamento, e a coirmã do Santo Cristo consolidou-se como a “Vizinha Rica” depois de seu campeonato. Após as conquistas, no entanto, ambas as escolas viveram dias difíceis. A Tijuca passou vinte anos (de 1960 a 1980) fora do

desfile principal, caiu e subiu de grupo várias vezes e só viria a conquistar outro título em 2010. A Vizinha, por sua vez, foi desclassificada do desfile de 1939 por apresentar enredo estrangeiro (Branca de Neve e os Sete Anões) e permaneceu 50 anos com a bandeira enrolada. Em seu retorno, porém, nunca mais foi a mesma e hoje luta para não virar bloco ou repetir o destino de 70 anos atrás. Ainda sobre o ano de 1937, na Praça XI, deve constar que o mesmo foi interrompido antes da metade, e dezesseis escolas, dentre elas a defensora do título Unidos da Tijuca e a Mangueira, foram impedidas de desfilar. No ano seguinte, houve desfile, mas não julgamento.

A verde-e-rosa, no entanto, reinou quase absoluta nos primeiros anos de desfile. Diz-se “quase” porque data dessa época a maior e mais sadia rivalidade da história do samba. Eterna companheira mangueirense, a Portela já mostrava sua força nos anos de 1935 e 1939, quando se sagrou campeã. A Majestade do Samba, junto a verde-e-rosa e a Deixa Falar, forma a tríade das escolas fundadoras do carnaval carioca. Oriunda de um bloco denominado Conjunto de Oswaldo Cruz em 11 de abril de 1923, mudou de nome para “Quem nos faz é o Capricho” e “Vai como Pode”, até adotar a atual denominação na década de 1930. Há quem reivindique para a escola a alcunha de “berço do samba”, sob o argumento de que o bloco do qual se originou já carregava em si todos os fundamentos de uma escola de samba.

Dentre seus fundadores, destaca-se a figura de Paulo Benjamim de Oliveira. Paulo da Portela, como era conhecido, foi o responsável por conduzir a escola em seus primeiros anos e, mais que isso, por zelar pela imagem do samba diante da sociedade. Sua orientação para que os sambistas se apresentassem em público com “pés e pescoços ocupados” era uma crítica velada aos malandros do Estácio, que desfilavam de sandália e sem gravata. Paulo foi eleito o primeiro cidadão samba em 1937, e permaneceu na sua Portela até 1942, quando brigou com dirigentes da escola. O motivo da briga deveu-se ao fato de seus amigos Cartola e Heitor dos Prazeres, com quem ele formava o Conjunto Carioca, terem sido impedidos de desfilar na escola sem trajar azul e branco. Paulo ainda tentou argumentar, mas Manuel Bambambam, diretor da época, mostrou-se irredutível dizendo que havia recebido tais ordens dele próprio. Esta cena foi brilhantemente retratada no filme *Natal da Portela*,

produção franco-brasileira, com Almir Guineto no papel de Paulo e Milton Gonçalves no de Natal. Fato é que, depois da confusão, Paulo deixou de ser “da Portela” e filiou-se a Lira do Amor, de Bento Ribeiro. Verdade seja dita, esta seria apenas a primeira das dissidências que a Portela enfrentaria ao longo de sua história. Após se desligar da azul e branco, o sambista que deu origem ao personagem de quadrinhos Zé Carioca compôs um samba que dizia: *Chora cavaquinho chora/Chora violão também/O Paulo no esquecimento/Não interessa a mais ninguém/Chora Portela, minha Portela querida /Eu que te fundei, serás minha toda a vida*. Apesar de ter garantido que voltaria a escola, Paulo morreu antes de cumprir a promessa.

Outro personagem fundamental na história da azul e branco é Natalino José do Nascimento, o Natal da Portela. Patrono da escola, comandou-a durante o heptacampeonato, entre 1941 e 1947. Com um braço só (posto que o direito foi amputado após acidente de trabalho), mostrou força para que a Portela ocupasse sempre uma posição cimeira nos desfiles e iniciasse sua trajetória de maior vencedora do carnaval carioca. Sua condição de bicheiro fez com que exercesse grande influência, e criou a figura do patrono nas agremiações, que perdura até hoje. Sob sua liderança, a Portela viria ainda a conquistar outros dez carnavais. Após sua morte, em 1975, a escola sofreu um grande baque e só conquistou mais dois títulos. Hoje, são 28 anos de jejum, mas o portelense de verdade não perde a fé e confia que a vitória demora, mas vem. Mesmo porque a Águia não perdeu sua identidade durante o período e continua ocupando lugar de destaque no samba.

A HISTÓRIA DO SAMBA MUDOU

Os “anos Portelenses” da década de 40 instauraram uma certa monotonia nos desfiles da época. Cogitou-se até mesmo a possibilidade da Portela se transformar num rancho, agremiação que gozava de maior prestígio na época. No pós-carnaval, entretanto, uma escola vizinha à azul e branca apareceu para roubar a cena. A Império Serrano surgiu de uma dissidência da Prazer da Serrinha na ocasião em que Alfredo Costa, dono da antiga escola, impediu que o samba ensaiado para o desfile de 1947 (Conferência de São Francisco) fosse cantado. “Seu” Alfredo optou por um antigo samba de terreiro,

e o resultado foi uma péssima colocação da escola, que dias depois perderia boa parte de seus quadros. Cansados de tanto autoritarismo, jovens liderados por Sebastião Molequinho fundaram na casa de sua irmã Eulália a nova agremiação.

No ano de 2007 tive a honra e o prazer de entrevistar pessoalmente o grande Molequinho e esclarecer dados acerca da fundação do Império Serrano. As cores da escola por pouco não foram azul e amarelo, e prevaleceu na escolha a homenagem ao Império da Tijuca. A escola do Morro da Formiga, no entanto, não é madrinha imperiana. Tal homenagem se deu pelo convívio que Molequinho teve com seus componentes. No que diz respeito ao apadrinhamento, metade dos fundadores era a favor da Portela como madrinha e a outra preferia a Mangueira. O culto a São Jorge, sempre homenageado em procissões na Serrinha, fez com que se optasse pela figura do Santo Guerreiro como padrinho.

Fundado a 23 de março de 1947, o Império Serrano sagrou-se campeão logo em seu primeiro desfile, o que gerou grande ciúme das duas forças do carnaval até então, sobretudo da vizinha Portela. Sob o pretexto de que o campeonato do Império teria sido fruto da influência exercida por jornalistas como Irênio Delgado e mesmo o grande Ary Barroso, a escola de Oswaldo Cruz uniu-se a Mangueira e filiou-se a União Geral das Escolas de Samba do Brasil (UGESB), esvaziando o desfile principal. Em 1949, houve dois desfiles: o da UGESB (não-oficial), vencido pela verde-e-rosa, e o da Federação Brasileira de Escolas de Samba (oficial), vencido pela escola da Serrinha. Em 1950, foi criada a União Cívica das Escolas de Samba (UCES) e houve três desfiles. O da UGESB (não-oficial), vencido por Unidos da Capela e Prazer da Serrinha, e os oficiais da UCES e da FBES, vencidos respectivamente por Mangueira e Império Serrano. Em 1951, A Portela venceu o desfile da UGESB e o Império sagrou-se tetracampeão pela FBER.

Império, Mangueira e Portela voltariam a se reunir num único grupo em 1952, quando a FBES uniu-se a UGESB dando origem à Associação das Escolas de Samba do Brasil (AESB). A briga, no entanto, estaria longe de terminar por aí. Um temporal de verão fez com que jurados abandonassem o

palanque no momento em que o Império desfilava, e a escola, sentindo-se prejudicada, trabalhou para que se anulasse a apuração do resultado antes da abertura dos envelopes.

A medida serviu para acirrar ainda mais a rivalidade entre Império e Portela. Ponto de encontro das duas escolas, Madureira protagonizou na época discussões acaloradas entre seus componentes, que não raro acabavam em confronto físico. Antes do desfile de 1953, a Portela “esquentou” com um samba-paródia cuja letra continha os seguintes versos: *Não foi a Portela que anulou/Não foi a Mangueira/Também não foi, não senhor/ Essa escola pra vocês é um mistério/Não digo o nome, deixo isso a seu critério/ Mas uma chance eu vou lhe dar/Essa escola fica perto de Madureira/ Saiu representando em 1952/Anna Nery, a corajosa enfermeira. Se a provocação mexeu ou não com os nervos dos componentes do Império, pouco se sabe. A Portela, no entanto, sagrou-se campeã no desfile e pôs fim ao que Sérgio Cabral pai chamou de “guerra fria no samba”.*

Portela, Mangueira e Império, a partir daí, consolidaram-se como as grandes escolas do carnaval carioca e seguiram alternando-se em primeiro lugar nos desfiles subsequentes. Essa dança das cadeiras foi marcante não apenas pelas vitórias, mas também por derrotas como a que a escola da Serrinha sofreu em 1969. No primeiro carnaval pós-AI-5 (ato institucional que oficializou a censura no país), a verde e branca apresentou-se com o enredo “Heróis da Liberdade”, cujo samba, de Silas de Oliveira, Mano Décio da Viola e Manuel Ferreira, trazia na letra diversas críticas subliminares ao regime militar. Reza a lenda que a palavra “revolução”, contida num versos, foi trocada por “evolução” a mando do regime. O argumento oficial dos censores era de que o samba plagiava em letra e melodia o Hino da Independência. O Império só obteve autorização para desfilar na última hora, e o clima de opressão foi a tônica do desfile. Na apuração, um misterioso quarto lugar, colocação considerada pífia para uma escola daquele porte na época.

O samba seguiu adiante até que outra agremiação entrou em cena para mudar o rumo dos desfiles. O morro do Salgueiro, na Tijuca, era sede das escolas Azul e Branco, Depois eu Digo e Unidos do Salgueiro. Separadas, as

três nunca conseguiram grandes resultados nos desfiles, até que surgiu a ideia de que se unissem e formassem uma única agremiação. No sábado em que se anunciou o resultado do desfile de 1953, o sambista Geraldo Babão desceu o morro cantando um samba que fizera no ano anterior e que dizia o seguinte: *Vamos balançar a roseira/Dar um susto na Portela, no Império e na Mangueira/ Se houver opinião/O Salgueiro apresenta uma só união.* A fusão, no entanto, restringiu-se a duas escolas, já que a Unidos, a despeito do que apregoava seu nome, ficou de fora e acabou pendurando as baquetas anos depois. Surgia, então, a Acadêmicos do Salgueiro, que em seu primeiro desfile já ficaria à frente da Portela e em 1960 ganharia seu primeiro campeonato ao lado da mesma Portela, Mangueira, Unidos da Capela e Império Serrano. Como a azul-e-branco e a verde-e-rosa estouraram o tempo, fato até então inédito no carnaval, o Salgueiro deveria ser declarado campeão sozinho, mas diante das alegações das duas escolas e da proposta de Natal, que no dia da apuração desferiu um cruzado de esquerda na cara do chefe de polícia, o júri optou por dividir o título entre as cinco primeiras colocadas.

Uma fusão parecida com a que originou o Salgueiro aconteceu em 1966, no bairro de Parada de Lucas, onde as escolas Unidos da Capela (campeã em 1950 e 1960) e Aprendizes de Lucas (vice em 1950, 1951 e 1960), separadas apenas pela linha do trem, juntaram forças para formar a Unidos de Lucas. A união, entretanto, não rendeu os frutos esperados, já que a mola propulsora das duas escolas sempre foi a rivalidade existente entre ambas. Uma piada de mau gosto da época dizia que a nova agremiação herdou o pior das que lhe deram origem. Nem as cores eram as mesmas, e os simpatizantes da Aprendizes de Lucas trocaram o verde e branco da antiga escola pelo do Império Serrano, como fizeram os fãs da Unidos da Capela em relação ao alvi-anil portelense. A Unidos de Lucas teve um começo empolgante e chegou a ser considerada a quinta força dentre as escolas. Entre quedas e acessos, permaneceu no desfile principal até 1976, ano em que levou para a avenida o samba “Mar baiano em noite de gala”, que, ao lado de “Sublime pergaminho”, se destaca como um dos melhores da escola e da história do samba.

O Salgueiro voltaria a ganhar em 1963, 1965 (ano em que todas as escolas desfilaram com temas que giravam em torno do quadricentenário do

Rio de Janeiro), 1969 e 1971, quando o compositor Zuzuca implementou um novo modelo de samba-enredo. Supostamente criado pela Portela em 1939, com “Teste ao Samba”, o gênero consagrou-se nos primeiros anos com hinos que cobriam praticamente todo o enredo e ganhavam o apelido de lençol. O compositor de maior renome desta época foi Silas de Oliveira, do Império Serrano, autor do já citado “Heróis da Liberdade” e do maior samba-enredo de todos os tempos, “Aquarela Brasileira”, dentre outras obras-primas. No ano seguinte, Zuzuca emplacaria outro samba de letra curta e melodia marchada, solidificando as mudanças do gênero. O enredo do Salgueiro era “Mangueira, minha madrinha querida”, homenagem à escola que a batizou. Dizem as más línguas que, na verdade, o carnavalesco Fernando Pamplona queria mostrar aos colegas da verde-e-rosa como se fazia carnaval usando essas cores. No fim, o título de campeã ficou com o Império Serrano, com enredo sobre Carmen Miranda desenvolvido pelo estreante Fernando Pinto e em um samba adaptado ao “novo estilo”, repleto de gírias em sua letra. A dupla derrota de Silas de Oliveira, na disputa de samba da escola (6x0) e na disputa pelo estilo de samba, nunca foi bem assimilada. Meses depois do carnaval, ele veio a sofrer um infarto fulminante quando se apresentava numa roda de samba. Seu legado, no entanto, permanece vivo. Até hoje o Viga Mestre é reconhecido como o maior compositor de samba-enredo que já existiu.

Em 1973, com “Viagem encantada Pindorama adentro”, o Império fez outra apresentação arrebatadora e foi aclamado por público e mídia como o grande bicampeão do carnaval, fato que não se confirmou na abertura dos envelopes. Venceu a Mangueira, com outro samba histórico: “Lendas do Abaeté”.

Os anos seguintes marcariam a história dos desfiles pelo surgimento daquele que ficou conhecido como mago do carnaval. João Jorge Clemente Trinta, nascido em São Luís do Maranhão, começou sua carreira como carnavalesco assistente do Salgueiro, e nessa condição sagrou-se campeão em 1965, 1969 e 1971. Logo a seguir, foi promovido a carnavalesco junto de Maria Augusta e em seu primeiro trabalho solo, no ano de 1974, sagrou-se campeão. Com o enredo “O Rei da França na Ilha da Assombração”, que fazia alusão à sua própria terra natal, Joãozinho iniciou uma sequência de

campeonatos que só findaria em 1977. No ano seguinte, o bi pelo Salgueiro com “As Minas do Rei Salomão. Nesse mesmo ano, uma escola oriunda da Ilha do Governador, que fazia história por seus enredos irreverentes e sambas inesquecíveis, fazia sua estreia no desfile principal.

O trabalho de Joãozinho logo chamou a atenção da Beija-Flor de Nilópolis, escola emergente comandada por uma família de origem judaico-libanesa, cujo principal expoente era Aniz Abraão David, o Anízio. Em seu primeiro ano na agremiação, Joãozinho emplacaria um tricampeonato pessoal e quebraria a hegemonia das “quatro grandes” do mundo do samba. Com o enredo “Sonhar com Rei dá Leão”, que falava sobre o jogo do bicho, a Beija-Flor tornou-se a primeira escola fora do município do Rio a ser campeã.

Sobre o ano de 1976, de sambas-enredo antológicos, cabe ainda um registro importante. A escola de Cavalcanti Em Cima da Hora vinha para a avenida com o melhor deles, “Os Sertões”, de Edeor de Paula, que serviria de pano de fundo para aquele que prometia ser o maior desfile de todos os tempos. Quem visitava o barracão da escola, saía de lá maravilhado. Uma suposta lei governamental, no entanto, impedia que mesmo um prego fosse removido do prédio. Os componentes da escola retiravam na calada da noite o que podiam para garantir ao menos um desfile digno. Como não há nada que esteja tão ruim que não possa piorar, desabou um temporal no dia do desfile, e tais componentes, marcados pela própria natureza, lutaram como jagunços até o final contra o rebaixamento. Em vão. Se o fato ocorreu como se conta, nunca se confirmou, mas percebe-se que “forças ocultas” já atuavam. Eram tempos de ditadura militar, e falar sobre a insurreição do arraial de Antônio Conselheiro contra o exército soava como afronta ao regime.

A Beija-Flor ganharia mais dois títulos, com “Vovó e o Rei da Saturnália na Corte Egípciana”, em 77, e “A criação do mundo na tradição Nagô”, em 78. O estilo carnavalesco de Joãozinho Trinta, ousado, grandioso e sobretudo polêmico, revolucionou os desfiles e foi alvo de muita polêmica. Para muitos, ele deu vida nova a um espetáculo que se repetia ano após ano e caminhava para a extinção, como os carnavais dos ranchos e das grandes sociedades.

Para outros, ele foi responsável direto pela verticalização dos desfiles e pela elitização do carnaval carioca.

Um dos críticos ferrenhos do destino que o desfile seguia era Candeia, da Portela, que, ao lado de Nei Lopes e Wilson Moreira, fundou em 1975 o Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo. A iniciativa tinha como objetivo resgatar valores do samba, que desde a época já estavam se perdendo pelo caminho. A Quilombo nunca se filiou a Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro (AESCRJ), que promovia os desfiles, e sempre se apresentou como *hors-concours*. Sua proposta original, no entanto, deturpou-se pelo excesso de apresentações na mídia e pela adesão maciça de setores da classe média à causa. Atualmente a escola encontra-se inativa, embora sua quadra, em Fazenda Botafogo, continue de pé.

O tricampeonato da Beija-Flor não só quebrou barreiras e consagrou de vez Joãozinho Trinta, como infligiu novos rumos ao carnaval. Cada vez mais, escolas lideradas por bicheiros ganharam a cena. Isso ficou claro nos títulos de Mocidade Independente, comandada por Castor de Andrade, em 1979; e Imperatriz Leopoldinense, por Luiz Pacheco Drummond, em 1980 (dividido com Portela e a própria Beija-Flor) e 1981.

Em contrapartida, quem não tinha patrono ia morrendo pagão. Exemplo maior disso foi vivenciado por Império Serrano e Vila Isabel, duas das mais tradicionais escolas, que ficaram nos últimos lugares em 1978 e 1981. No auge da indignação, Mestre Fuleiro, da Serrinha, chegou a dizer que era o início do fim de uma grande escola. Quão surpreso deve ter ficado ele com o que aconteceria no ano seguinte...

Segundo relatos da época, o Império contava com a maior torcida dentre as escolas de samba, e havia todo um clamor popular para que voltasse aos anos de glória. Para o carnaval de 1982, a escola escolheu o enredo “Bumbum Paticumbum Prugurundum”, evocando a onomatopeia de Ismael Silva e resgatando a história do samba. Não deu outra: do último lugar no ano anterior, o Império saltou para o primeiro após desfile memorável. A comoção gerada por este e a catarse após o resultado tomaram conta da cidade.

Sacramentaram a vocação revolucionária da escola da Serrinha e sua capacidade de reinventar-se. Revoltado com a sexta colocação da Beija-Flor, Anizio anunciou que no ano seguinte a escola desfilaria em Niterói. Não cumpriu sua promessa e sagrou-se campeão mais uma vez no ano seguinte.

SURGE O SAMBÓDROMO

O ano de 1984 seria de grandes mudanças no carnaval carioca. Após ser eleito governador em 1982, Leonel Brizola nomeou o arquiteto Oscar Niemeyer como responsável pela construção de um local definitivo para a realização dos desfiles. Construída às vésperas do carnaval, na avenida Marquês de Sapucaí, a Passarela Professor Darci Ribeiro, conhecida como Sambódromo, marcou o início do sistema de desfile das escolas em duas noites. O regulamento previa, inclusive, uma campeã de cada dia e um posterior desempate, onde as duas se juntariam às segundas e terceiras colocadas de domingo e segunda e à campeã e vice do Acesso para que se conhecesse a Supercampeã. O mesmo regulamento incluía de forma polêmica uma comissão julgadora na Praça da Apoteose, que prejudicava a evolução e dispersão das escolas. Menos mal que a obrigatoriedade durou apenas dois anos.

No desfile de domingo, a Portela levou o título ao homenagear Paulo da Portela, Natal e Clara Nunes, morta no ano anterior por choque anafilático decorrente de uma anestesia cirúrgica. Na segunda-feira, sagrou-se vencedora a Estação Primeira de Mangueira, com o enredo “Yes, nós temos Braguinha” e o histórico desfile que terminou com o retorno da escola à avenida após dar a volta na Praça da Apoteose. A Mangueira sagraria-se também Supercampeã, mas as polêmicas geradas em torno desse modelo de duas campeãs fez com que ele não fosse mais adotado. Naquele ano, o GRES Estácio de Sá (antiga Unidos de São Carlos) realizou seu primeiro desfile com o novo nome. A mudança estratégica deu-se para ampliar o território de abrangência da escola, que já havia trocado o azul pelo vermelho numa alusão a Deixa Falar. Surgia também em 1984 a Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA), que organiza os desfiles até hoje. Naquele ano também ocorreu uma curiosa dança das cadeiras entre os intérpretes oficiais de três escolas. Ney Vianna, da

Mocidade, foi para o Império Serrano, cujo intérprete Quinzinho atravessou o mar em direção a União da Ilha de Aroldo Melodia, que foi para Padre Miguel.

Em 1985, a Mocidade Independente conquistou o bicampeonato com o enredo futurístico “Ziriguidum 2001”. Era a consagração do carnavalesco Fernando Pinto, que iniciara seu trabalho na escola em 1980 e lá permaneceu até 88, desenvolvendo enredos memoráveis, sempre marcados pelo estilo tropicalista e uso do verde, como “Tropicália Maravilha”, “Como era verde meu Xingu” e “Tupinicópolis”.

A Estação Primeira conquistaria mais dois campeonatos nos anos seguintes, e esteve muito perto do tri em 1988, não fosse a Unidos de Vila Isabel trazer para a avenida aquele que, para muitos, é o maior desfile já realizado. O enredo “Kizomba, festa de uma raça”, que deu origem ao inesquecível samba de Luís Carlos da Vila, emoldurou um desfile cujos destaques foram a criatividade da comissão de carnaval e a garra dos componentes. No primeiro ano após Airton Guimarães Jorge, o Capitão Guimarães, deixar a escola para assumir o comando da LIESA, a Vila deu a volta por cima. O bairro de Noel conquistava, pela primeira vez, o título de campeão do carnaval.

Mas o ano de 1988 ficaria marcado também por outra briga histórica na Capital do Samba. Inconformado com o resultado do desfile de 1984 e em pé de guerra com a diretoria da Portela, Nésio Nascimento, filho de Natal, resolveu afastar-se da escola e refunda-la sob outros moldes. A proposta inicial era de que a nova escola se chamasse Portela Tradição e adotasse as mesmas cores e símbolo da azul-e-branco, o que foi coibido por sua diretoria.

A dissidência contou com o apoio de várias personalidades do mundo do samba, inclusive portelenses do porte de João Nogueira, que assinou os primeiros sambas da escola. Grandes carnavalescos como Maria Augusta, Viriato Ferreira e Lícia Lacerda passaram por ela em seu limiar, e a impressão que se tinha era de que a velha Portela de fato sucumbiria. O Império Serrano, de certa forma, ajudou a por lenha na fogueira, ao batizar a filha rebelde.

Com quatro anos de idade, a Tradição já havia chegado ao desfile principal, e em sua estreia foi premiada com o Estandarte de Ouro de melhor escola. A reação da Portela não foi menos contundente, e naquele mesmo ano a escola desfilou com um samba cujo refrão dizia: *Briga, eu, eu quero briga/Hoje eu venho reclamar/Que que tem, o que é que há/Essa praça ainda é minha/Eu também estou fominha/Jacaré quer me abraçar.*

Jacaré, na verdade, referia-se ao endereço da Tradição, cujo número remetia ao animal no jogo de bicho. Rumores dão conta de que, quando a Portela se preparava para entrar no Sambódromo, foi alvo de insultos dos rivais, o que faz com que a tal “briga” se consumasse na concentração, tendo sido necessária a ação policial para que a Sapucaí não se transformasse numa praça de guerra. No ano seguinte, porém, a Tradição não confirmaria sua vocação avassaladora e seria rebaixada, o que amenizou o mal estar em Madureira.

E Joãosinho Trinta voltaria a aprontar das suas... Sem ganhar um carnaval há seis anos, a Beija-Flor resolveu investir pesado num desfile polêmico onde a imagem do Cristo Redentor em meio a urubus era apenas um detalhe. Obviamente, a arquidiocese reagiu, e a solução encontrada pelo carnavalesco foi cobrir a alegoria com sacos de lixo e a mensagem “Mesmo proibido, olhai por nós”. O próprio Joãosinho desfilou de gari, ao lado de vários componentes com roupas rasgadas simulando maltrapilhos. A seguir vinha uma escola luxuosa, espécie de ironia do carnavalesco à falácia de que Nilópolis era um lixo e a Beija-Flor um luxo, a qual ele respondia dizendo “povo gosta de luxo, quem gosta de pobreza é intelectual.” O desfile foi um tapa na cara do politicamente correto, mas o conservadorismo falou mais alto na apuração e a Beija-Flor teve de se contentar com o vice-campeonato.

Melhor para a Imperatriz, que com um samba digno da galeria dos imortais, fez um belo desfile e ganhou com dez de ponta a ponta. A mesma Imperatriz que no ano anterior quase havia sido rebaixada.

Outro destaque de 1989 foi a União da Ilha do Governador, com o enredo “Festa Profana” e o samba que até hoje é cantado em todas as quadras e mesmo arquibancadas de estádios.

Ao mesmo tempo que Joãosinho causava outro rebuliço no mundo do samba, outro carnavalesco começava uma trilogia de vitórias na Mocidade Independente. Revelado pelo Salgueiro e com passagens por Unidos da Tijuca e Império Serrano, dentre outras escolas, Renato Lage chegou a Padre Miguel naquele que prometia ser o ano da virada na Mocidade, que recebia de braços abertos seu patrono Castor de Andrade, afastado fazia dois anos. O título do enredo, em alusão ao momento da escola, era “Vira-Virou, a Mocidade chegou”. Contando fatos de sua própria história, a verde-e-branco levou pra casa seu terceiro troféu e começou a formar uma legião de torcedores que, dez anos mais tarde, faria dela a mais querida do carnaval, sobretudo dentre os mais jovens. A mocidade também era Mocidade. Nesse desfile, Paulinho Mocidade fez sua estreia à frente do microfone principal da escola, após a morte de Ney Vianna meses antes.

No ano seguinte, diante do furdúncio quanto ao suposto bicampeonato da Mocidade, a alternativa encontrada por Lage foi o enredo “Chuê-Chuá, as águas vão rolar”, dando a exata medida de como lidava com a pressão. Não deu outra, Mocidade bi. O Salgueiro, que se apresentou num grande desfile sobre a Rua do Ouvidor, ficou com a segunda colocação e brigou pelo título até o último quesito. Na ponta de baixo da tabela, a Mangueira fez um desfile melancólico e ficou com a décima segunda colocação, no limite para não cair. Mas em 91, quem chorou de verdade foi o Império, que com caminhões de verdade na avenida, acabou rebaixado. Naquele mesmo ano, uma escola de Niterói desfilava pela primeira vez no Grupo Especial do Rio de Janeiro. A Unidos do Viradouro, campeã do ano anterior, trouxe para a avenida enredo sobre Dercy Gonçalves, que irreverente como sempre, desfilou de peito de fora. Após um digno sétimo lugar, à frente de Vila Isabel e Mangueira, a Viradouro iniciou sua trajetória de vinte anos no desfile principal. Igualmente oriunda de outro município, Duque de Caxias, a Acadêmicos do Grande Rio também estreou entre as grandes no ano de 1991.

Veio 1992, e a Mocidade trouxe o enredo “Sonhar não custa nada”, abordando a história das elaborações oníricas. Foi o mais belo dentre os três desfiles, com o samba mais bonito. Mas a escola de Padre Miguel sonhou com o tri, e acordou com o título da Estácio... A escola oriunda do bairro de Ismael

Silva vinha fazendo bonito desde 1987, quando levantou o Sambódromo com o samba “O Tititi do Sapoti”. Seus ensaios na quadra da rua Miguel de Frias, dentro da antiga Vila Mimosa, eram os mais badalados no final da década de 1980 e início dos anos 1990. Sob o comando de Acyr Pereira Alves, a Estácio trouxe de volta o intérprete Dominginhos e manteve Mestre Ciça, numa dobradinha que fez sucesso durante anos e que trouxe o único campeonato da escola no Grupo Especial. A entrada na avenida foi apoteótica, com toda a arquibancada fazendo coreografia quando o refrão do meio era cantado. Diante de tal comoção, Dominginhos falou ao microfone: “É agora ou nunca!”. E foi mesmo. O samba curvava-se diante de seu nascedouro e promovia o leão vermelho-e-branco ao lugar mais alto do pódio. Ainda naquele ano, a Unidos do Viradouro sofreu com um incêndio em uma de suas alegorias, o que atrasou em treze minutos seu desfile e a tirou da terceira para a nona colocação.

Em 1993, a Estácio se preparou para o bicampeonato com o belíssimo samba “A dança da Lua”, talvez o mais bem gravado de todos os tempos. Por ironia do destino, problemas no sistema de som do Sambódromo fizeram com que ele atravessasse e tiraram a escola da briga pelo título. O Salgueiro, que vinha correndo por fora desde 1991 e desfilou com o antológico “Peguei um Ita no Norte”, soube aproveitar o momento e conquistar um título que não vinha desde 1975, exatos 18 anos.

E quando todos achavam que a briga pelo campeonato do ano seguinte se daria entre a escola tijuicana e a Mangueira, com o sambaço “Atrás da verde-e-rosa só não vai quem já morreu”, a Imperatriz voltou a brilhar e, novamente com 10 de cabo a rabo, sagrou-se campeã. Sua madrinha, Império Serrano, ficou na outra ponta da tabela após desfile desastroso, embora não tenha caído por força do regulamento.

Eram tempos difíceis em Madureira, mas a Portela mostrava-se disposta a virar a página, com a volta de Paulinho da Viola, afastado desde 1974, e João Nogueira, dentre outros baluartes. No desfile de 1995, pela primeira vez a escola esquentou com o samba “Foi um rio que passou em minha vida”, do próprio Paulinho, e desde a concentração levantou o Sambódromo. O enredo “Gosto que me enrosco”, parte da trilogia do carnavalesco José Félix, iniciada

em 1994 e encerrada em 1996, proporcionou um grande desfile. Durante esse período, a escola foi comandada por José Carlos Scafura, o Piruinha, falecido em 2010. Aclamada por público e crítica, a Portela iniciou a apuração como grande favorita, e acreditava-se que apenas a Mocidade Independente poderia tirar-lhe o título. A perda de décimos preciosos no quesito conjunto, entretanto, fez com que ela fosse derrotada por meio ponto para a Imperatriz, que com o enredo “Mais vale um jegue que me carregue que um camelo que me derrube lá no Ceará”, conquistou o bi. O resultado é considerado até hoje uma das maiores injustiças do carnaval, mas, justiça seja feita, a escola de Ramos também fez um belo desfile, apesar de uma de suas alegorias ter quebrado antes de entrar na avenida.

Uma curiosidade daquele ano diz respeito ao desfile do segundo grupo sob o comando de uma nova entidade, a Liga Independente das Escolas de Samba do Grupo de Acesso (LIESGA). O polêmico resultado do ano anterior, que promovera São Clemente e Unidos de Villa Rica ao desfile principal com margem de mais de vinte pontos sobre as demais, foi o impulso para a criação da entidade. Para 1995, o regulamento previa a participação de 19 escolas, dentre elas a Porto da Pedra, campeã do quarto grupo e que acabou sagrando-se vencedora. Nenhuma escola foi rebaixada, e no ano seguinte, o desfile foi dividido em dois, dando origem aos grupos de acesso A e B, que perduraram até 2012.

O inchaço acabou tendo reflexos no Grupo Especial de 1996, que contou com 18 escolas e foi vencido pela Mocidade, com vantagem de meio ponto sobre a Imperatriz Leopoldinense. Uma triste fato daquele ano aconteceu no desfile do terceiro grupo, quando a escola de samba Mocidade Unida de Jacarepaguá desfilou apenas com a marcação de um surdo, em forma de luto, devido a enchente que atingiu o bairro da Cidade de Deus no período pré-carnavalesco.

Como parecia tendência, a campeã Mocidade foi vice no ano seguinte, quando a emergente Viradouro fez história. Apenas seis anos após iniciar seu percurso no Grupo Especial, a vermelho-e-branca de Niterói sagrou-se campeã do carnaval carioca com o enredo “Trevas, luz, a explosão do

Universo”, de Joãozinho Trinta (que estava na escola desde 1994, após desligar-se da Beija-Flor em 1992) e o belo samba cantado pelo recém-contratado Dominginhos. Destaque também para a bateria do mestre Jorjão, que com sua paradinha funk levantou o Sambódromo. A nota triste ficou por conta do novo rebaixamento do Império Serrano, que fez grande papel no ano anterior, e da Estácio de Sá, sem sua quadra (demolida para a construção do Teleporto).

Mestre Jorjão, porém, não repetiu a dose no ano seguinte, em que sua bateria recebeu notas abaixo da crítica. A Viradouro, cotadíssima para o bi, acabou em quinto lugar, e Joãozinho Trinta abriu a apresentação da escola no desfile das campeãs com uma faixa questionando o resultado. Depois de 14 anos, o título do carnaval voltava a ser dividido entre duas escolas, nesse caso Mangueira, que homenageou Chico Buarque, e Beija-Flor, com o enredo “O mundo místico dos Caruanas nas águas do Patu-Anu”. A Unidos da Tijuca, que resolveu homenagear o centenário do Clube de Regatas Vasco da Gama, como a Estácio fizera com o Flamengo em 1995, acabou rebaixada apesar do belo desfile. A boa nova ficou por conta do acesso do Império Serrano, enquanto o leão iniciava sua fase mais triste desde a mudança de nome.

. Em 1999, as campeãs Beija-Flor e Mangueira prometeram novidades em seus desfiles. Os pagodeiros Belo e Alexandre Pires foram convidados para tomar parte no carro de som das escolas. Apenas o primeiro, no entanto, desfilou, pois Jamelão teria se recusado a compartilhar espaço com o então vocalista do grupo Só Pra Contrariar. Na avenida, as escolas tiveram desempenhos diferentes. Enquanto a Beija-Flor fez um desfile deslumbrante com enredo sobre a cidade mineira de Araxá, que a credenciou ao vice-campeonato, a Mangueira cantou o século do samba, mas pecou em quesitos fundamentais e nem sequer desfilou entre as campeãs. Mas trágico mesmo foi o desfile da Mocidade. Com enredo sobre Villa Lobos, a escola de Padre Miguel fazia uma apresentação perfeita em todos os quesitos, sendo aclamada com gritos de “É campeã!” por todo o Sambódromo. Um problema ocorrido na colocação de um destaque provocou um esgarçamento nas alas que preenchem o intervalo entre o quarto e o quinto carro alegórico. A falha ocorreu bem próximo ao primeiro módulo de julgamento, e uma nota 7,5 na

apuração tirou a escola da briga pelo título, que acabou ficando com a Imperatriz. A escola de Ramos, que corria por fora, iniciava seu caminho rumo ao tricampeonato.

No carnaval dos 500 anos de descobrimento do Brasil, todas as escolas se apresentaram com enredos nacionais, e mais uma vez deu Imperatriz, com a Beija-Flor em segundo. Iniciava-se aí uma das maiores rivalidades contemporâneas do samba. Em terceiro lugar, e também pelo segundo ano seguido, ficou a Viradouro, que confirmava sua grande fase. Uma agradável surpresa daquele ano foi o quinto lugar da Unidos da Tijuca, recém-promovida do Acesso com o enredo “O dono da terra”, que rendeu um grande samba e desfile. Triste foi a queda da Vila, que desde meados da década de 1990 vinha enfrentando problemas para colocar seu carnaval na avenida, seja em pleno desfile, como em 1998, seja no período pré-carnavalesco, como em 1999. Quem subiu foi o Império Serrano, rebaixado no ano anterior. A segunda colocada, Paraíso do Tuiuti, ficou com a vaga da Em Cima da Hora no último quesito. Seus componentes só ficaram sabendo da vitória após diretores da irmã de Cavalcanti parabenizá-los. O baque para os últimos foi tão grande que, no ano seguinte, a escola seria rebaixada para o Grupo B, e dali em diante seguiria ladeira abaixo rumo a Intendente Magalhães, onde desfila até hoje.

Em 2001, a rivalidade entre Imperatriz e Beija-Flor acirrou-se de vez após mais um título da primeira e outro vice da segunda. Revoltado com o resultado, Neguinho da Beija-Flor parabenizou de forma irônica a verde-e-branco, e um grupo de torcedores da escola nilopolitana posou para fotos com um cartaz dizendo: “Ano que vem o bloco de Ramos não será tetra”. Mangueira, Salgueiro, Viradouro e Grande Rio completaram o desfile das campeãs. A escola de Caxias fez um belo desfile sob a batuta do eterno Joãozinho Trinta, que, inovador como sempre, pôs o astronauta Eric Scott para sobrevoar o Sambódromo. A Tradição, com uma inusitada homenagem a Silvio Santos, ficou à frente das vizinhas Portela e Império, que fizeram apresentações pírias. A última por pouco não retornou ao Acesso, para onde foram União da Ilha e Tuiuti. A tricolor insulana, após 27 anos de desfile principal, iniciava um calvário que duraria oito anos.

E mais uma vez a Beija-Flor seria vice, só que agora da Mangueira. Este talvez tenha sido o mais doído dos vices, pois 2002 foi o primeiro ano das “notas quebradas”, e a escola nilopolitana perdeu por apenas um décimo. O detalhe é que a última nota do último quesito da Mangueira foi 9,9. Caso tivesse sido 9,8, a escola perderia o carnaval no desempate. Desnecessário descrever a histeria que tomou conta dos componentes das duas escolas nos milésimos de segundos mais tensos da história das apurações, compreendidos entre a entonação dos dois “noves” por Jorge Perlingeiro.

Stress a parte, a verde-e-rosa, com o enredo “Brasil com ‘z’ é pra cabra da peste, Brasil com ‘s’ é nação do Nordeste”, sacudiu o Sambódromo e conquistou o carnaval 2002 de forma unânime. A Imperatriz, que brigava pelo tetra, ficou em terceiro, consagrando o trio carnavalesco que dava as cartas no novo milênio. A Mocidade ficou em quarto na despedida de Renato Lage, que no ano seguinte voltaria ao Salgueiro. Portela e Império recuperaram-se do vexame no ano anterior com desfiles dignos. A azul-e-branco, inclusive, foi injustiçada, pois merecia sorte melhor que um reles oitavo lugar. Uma semana após o carnaval, as duas escolas protestaram em Madureira. A queixa do Império dizia respeito às notas baixas da bateria, que ganhou Estandarte de Ouro. No mesmo ano, Mestre Macarrão seria covardemente assassinado a mando do bandido Gan-Gan, que chefiava o tráfico de drogas na Serrinha. Mestre Átila, hoje presidente da Escola, assumiria o comando da Sinfônica no ano seguinte.

Uma passagem do samba da Beija-Flor para 2003 dava o tom de indignação da escola diante da sequência de campeonatos perdidos, às vezes, por um décimo de nota. A frase *Pare com essa ganância, pois a tolerância pode se acabar*, que teoricamente aludia ao enredo de crítica social, mexeu com os brios dos componentes. O recém-eleito presidente Luís Inácio Lula da Silva, torcedor da escola, foi homenageado com uma alegoria no desfile. A Mangueira dessa vez trocou de lugar com a Beija e a surpresa ficou por conta da homenagem da Grande Rio ao Vale do Rio Doce, talvez o último grande carnaval de Joãozinho Trinta. Decepcionante foi o Salgueiro, que, no ano do cinquentenário, errou várias vezes durante o desfile e sequer voltou no sábado das campeãs. A Unidos da Tijuca desfilou com o melhor samba do ano, mas o

cavaco do carro de som estava desafinado e um grave acidente envolvendo a atriz Neusa Borges, que caiu de um dos carros alegóricos, deu tons trágicos ao desfile. A Acadêmicos de Santa Cruz, que ganhara a vaga no Grupo Especial após polêmica diante da Vila Isabel envolvendo notas da apuração, foi a rebaixada.

No final dos desfiles de 2003, o presidente da LIESA, Capitão Guimarães, anunciou que, para o ano seguinte, as escolas deveriam reeditar sambas da era pré-Sambódromo. Escolas como a Beija-Flor manifestaram-se contrárias à ideia, adotada apenas por Portela, Império Serrano, Tradição e Viradouro. A azul-e-branco de Oswaldo Cruz optou pelo enredo de 1970, “Lendas e Mistérios da Amazônia”, e fez um grande desfile, injustamente avaliado pelos jurados. O Império, que no período pré-carnavalesco viveu uma das maiores crises políticas de sua história, com constantes trocas de presidente, deu um show na avenida com “Aquarela Brasileira”. Embalados pelo antológico samba de Silas de Oliveira, os componentes cantaram como tenores, e a comoção gerada pela escola na avenida fez com que ela arrebatasse cinco Estandartes de Ouro. O resultado na apuração, entretanto, foi um melancólico nono lugar. A Tradição reeditou o samba “Contos de Areia”, da Portela, no ano em que Carlinhos Maracanã e Nésio do Nascimento fizeram as pazes. Era o fim da briga. Mas nenhuma reedição causou tanto disse-me-disse quanto a da Viradouro. Campeã no ano em que a Estácio de Sá caiu, a escola de Niterói trouxe para seus domínios vários segmentos da co-irmã depois disso. A polêmica atingiu seu auge quando o então presidente José Carlos Monassa Bessil cancelou a disputa de samba e anunciou que reeditaria “A festa do Círio de Nazaré”, hino da Unidos de São Carlos, atual Estácio. O intérprete Dominginhos teria chegado a dizer que não cantaria o samba na avenida, e depois voltado atrás. A escola carioca, que vivia uma grave crise financeira desde a época do presidente Acyr, acabou rebaixada para o Grupo B no mesmo desfile em que a Vila Isabel sagrou-se campeã. Voltando ao desfile principal, nenhuma das escolas que reeditou enredos obteve sucesso, e a Beija-Flor acabou faturando o bicampeonato com um belo samba inédito e um luxuoso desfile debaixo de um temporal. O vice-campeonato ficou com a surpreendente Unidos da Tijuca, que naquele ano revelaria aquele que

atualmente é tido como o mago do carnaval pós-moderno, Paulo Barros. Ao introduzir componentes realizando coreografias nos carros alegóricos, o carnavalesco surpreendeu a todos com a alegoria do DNA e iniciou sua trajetória vitoriosa e polêmica. Curiosamente, Joãosinho Trinta foi dispensado da Grande Rio após a escola ser classificada em décimo lugar. Era como se estivesse passando o bastão para seu sucessor, já que Paulo Barros, criado em Nilópolis, nunca negou a influência do artista maranhense em seu trabalho. No pós-carnaval daquele ano, o Salgueiro sofreu a perda de seus dois patronos, Maninho e Miro, em cerca de dois meses. Na Portela, uma nova diretoria assumia o comando após três décadas com Carlinhos Maracanã à frente da escola.

A Beija-Flor confirmaria em 2005 sua fama de bicho-papão com mais um título. Em outro desfile polêmico, com a imagem do Cristo sendo açoitado na comissão de frente, a escola chegou ao tri e seus torcedores exageraram na dose ao dizer que Nilópolis era a nova capital do samba. A Tijuca ficou mais uma vez com o vice, após outro surpreendente desfile recheado de alegorias humanas. A Grande Rio recuperou-se do mau resultado no ano anterior com um terceiro lugar e coube à Imperatriz o quarto, naquele que talvez tenha sido seu último grande desfile. O Salgueiro, que desfilou de luto, fez uma exibição de gala e merecia melhor sorte que o quinto lugar. Em sexto ficou a Mangueira, num desfile que não empolgou a ninguém. Em sétimo, a Porto da Pedra, que reeditou o samba “Festa Profana”, da madrinha União da Ilha. A Viradouro também decepcionou ao enfrentar problemas com alegorias e, pela primeira vez desde 1997, ausentou-se do desfile das campeãs. Mas quem chorou novamente foi Madureira, com Império, Portela e Tradição nas três últimas colocações. Apesar do rebaixamento da última, nada se comparou ao vexame protagonizado pela escola de Oswaldo Cruz, que desfilou com a águia sem asas e não contou com a presença da Velha Guarda na avenida. O presidente Nilo Figueiredo impediu a entrada dos integrantes para que a escola não estourasse o tempo.

PÓS-MODERNIDADE

Um grande divisor de águas aconteceria após o fim do carnaval de 2005, com a inauguração, em setembro daquele ano, da Cidade do Samba, no bairro da Gamboa, onde tudo havia começado. A área, destinada às escolas do Grupo Especial, tornou-se prontamente atração turística e permitiu pela primeira vez que o público pudesse acompanhar os bastidores pré-carnavalescos de perto. Como era de se esperar, o burburinho gerado em torno do fato foi grande, e logo começaram a surgir especulações sobre as candidatas ao título daquele ano.

Coube ao Salgueiro, ainda enlutado pela perda de seus patronos, abrir o desfile de 2006, o que se deu de forma triste. Acostumada a encantar o público com suas belas alegorias, a escola apresentou um carnaval abaixo de seus padrões e desfilou sem empolgação, ficando num melancólico 11º lugar. Em seguida veio a debutante Rocinha, Imperatriz Leopoldinense e Caprichosos, também decepcionantes. A escola da Zona Sul e a de Pilares acabaram rebaixadas.

Foi então que a Vila Isabel surpreendeu a todos com seu grande desfile, cujo enredo “Soy Loco por ti América: a Vila canta a latinidade”, deu origem a um samba abraçado pela comunidade e cantado a plenos pulmões na avenida. Embalada pelos petrodólares da Venezuela de Hugo Chavez, a escola deu a volta por cima e logo se candidatou ao título. Em seguida vieram Grande Rio e Beija-Flor, com desfiles corretos, mas não tão empolgantes.

A noite de segunda foi aberta pela Porto da Pedra, que enfrentou diversos problemas durante o desfile e por pouco não desceu de grupo. Logo após veio a Estação Primeira, que se recuperou do insucesso de 2005 com uma apresentação emocionante, o canto do cisne negro Jamelão na avenida.

A Unidos do Viradouro, igualmente de luto pela morte de seu grande patrono meses antes, rasgou o chão da Sapucaí com o enredo “Arquitetando Folias” e engrossou a briga pelo campeonato.

Após a escola de Niterói, apresentou-se a Mocidade, que comprovou sua má fase em outro desfile aquém de seu passado recente. A Unidos da

Tijuca, que há dois anos vinha beliscando o título, saiu-se bem novamente e foi aclamada por parte da mídia como virtual campeã.

Coube às escolas de Madureira, Império Serrano e Portela, encerrar com chave de Ouro os desfiles após duas apresentações dignas, que apagaram a má impressão deixada no ano anterior. Verdade seja dita, o Império surpreendeu pela qualidade das alegorias e fantasias, que somadas ao belíssimo samba de Arlindo Cruz e à boa performance da bateria, serviram de pano de fundo para um desfile que merecia melhor sorte que um oitavo lugar. A Portela, dessa vez, desfilou com a águia e a Velha Guarda, dois de seus maiores símbolos, em seus devidos lugares: à frente da escola.

A ansiedade deu o tom na apuração da primeira campeã da Cidade do Samba. Vila Isabel, Grande Rio e Viradouro brigaram décimo a décimo até a última nota do último quesito pelo título, e a escola de Noel venceu a caxiense no desempate. Coube a vermelho-e-branca o terceiro lugar, seguida por Mangueira, Beija-Flor e Unidos da Tijuca. Após o anúncio dos resultados, Paulo Barros mostrou-se indignado e falou que dali em diante mudaria seu estilo para o barroco, já que os jurados não entendiam a mensagem que ele pretendia passar.

No Acesso, a Estácio, que desde a chegada de Carlinhos Maracanã vinha numa curva ascendente, sagrou-se campeã. Era o retorno do Leão ao desfile principal dez anos após as trágicas quedas de 1997 e 2004.

A escola abriu o desfile do ano seguinte, com a reedição do samba-enredo “O tititi do Sapoti”, cantado vinte anos antes, e foi seguida pelo Império Serrano, que não repetiu o desempenho do ano anterior e passou friamente pela avenida. Para tristeza dos amantes do samba, as duas tradicionais escolas acabaram rebaixadas, como já havia acontecido uma década atrás.

A Mangueira foi a terceira escola de domingo e se apresentou brilhantemente, apesar da comoção causada pelo fato de Beth Carvalho ter sido impedida de participar do desfile. Em seguida veio a Viradouro, que causou frisson no Sambódromo ao colocar a bateria em cima de um carro alegórico, ideia de Mestre Ciça, desenvolvida junto ao recém-contratado Paulo

Barros. A seguir desfilaram Mocidade, mais uma vez decepcionando seus fãs, e a campeã Vila Isabel, que apesar da boa apresentação não chegou perto do ano anterior.

A segunda-feira começou com Porto da Pedra, que mais uma vez enfrentou problemas e Tijuca, que apesar da perda de Paulo Barros se manteve no topo. O Salgueiro foi a melhor escola da noite e a grande injustiçada do carnaval, ao superar seus traumas com o desfile “Candaces”, injustamente classificado em sétimo lugar. Imperatriz e Portela vieram na sequência com desfiles medianos, e coube à Grande Rio e Beija-Flor fecharem o carnaval com duas belas apresentações. No final, as duas brigaram pelo título e a Beija sagrou-se campeã pela quarta vez em cinco anos.

Passado o carnaval, uma operação da Polícia Federal batizada de Hurricane deteve vários contraventores ligados ao mundo do samba, dentre eles Aniz Abraão David, o Anísio, presidente de honra da escola nilopolitana.

Poucos meses depois, Anísio já estaria em liberdade, a tempo de ver sua escola sagrar-se bicampeã do carnaval. Em segundo lugar ficou o Salgueiro, confirmando de vez a volta por cima e espantando a crise. A Grande Rio jogou a chance de título fora quando uma das onças que compunha o abre-alas ficou presa na grade das frisas, fazendo com que a escola permanecesse quase cinco minutos parada e abrisse buracos gigantescos na avenida. A bem da verdade, o início do desfile já pressagiava que algo de ruim estaria por vir, pois o intérprete oficial da escola, Wander Pires, se atrasou e chegou ao Sambódromo quando a apresentação já havia começado.

Mas não houve maior exemplo de superação que o da Portela. Com um carnaval luxuoso, a escola de Oswaldo Cruz emocionou a Sapucaí e deu seu recado ecologicamente correto. Depois de dez anos, voltou ao desfile das campeãs (o qual merecia até mesmo ter encerrado) junto das três primeiras colocadas, além de Tijuca e Imperatriz. A festa em Madureira foi maior ainda pela volta do Império Serrano, que fez um desfile brioso debaixo de toró e ficou com a vaga da rebaixada São Clemente no Grupo Especial. Ainda em 2008, o samba perderia três de suas maiores personalidades: Aroldo Melodia, Jamelão e Mestre Louro.

E o Salgueiro se redimiou de vez em 2009. Com o enredo “Tambor”, sobre a história do instrumento de percussão nas diferentes etnias e culturas, a vermelho-e-branca da Tijuca sagrou-se pela nona vez a grande campeã, dezesseis anos após pegar um Ita no Norte. A Beija-Flor, grande bicho papão do início do século, beliscou o título com enredo sobre o banho. Foi seguida pela Portela, que mesmo não fazendo um desfile tão grandioso como o anterior, mais uma vez causou comoção ao falar de amor. Até a apuração da última nota do último quesito, a escola estava em segundo lugar, quando foi ultrapassada pela co-irmã nilopolitana. Em quarto ficou a Vila Isabel, seguida por Grande Rio e Mangueira. A verde-e-rosa se recuperou da morte de Jamelão e do lastimável desfile no ano anterior, quando se apresentou abalada pelas notícias de que sua quadra dava livre acesso a um ponto de venda de drogas.

A decepção do ano ficou por conta da Tijuca, que pela primeira vez desde 2004 ausentou-se do desfile das campeãs. Diga-se de passagem, a escola foi prejudicada pelo fato da Beija-Flor ter molhado a pista ao desfilar antes dela. Mas desastroso mesmo foi o desfile da Mocidade, que teve até incêndio no abre-alas. Coube ao Império Serrano, porém, o retorno ao Acesso, onde permanece até os dias atuais. E do mesmo Acesso, agora sob o comando da recém-criada LESGA, emergiu a União da Ilha, para alegria dos simpatizantes daquela que é tida como a segunda escola de todo carioca.

Após dois anos afastado, Paulo Barros voltou a Tijuca, e a dobradinha que havia feito grande sucesso entre 2004 e 2006 foi finalmente coroada com o troféu em 2010. Juntando sua tradicional criatividade com requinte, o carnavalesco protagonizou um verdadeiro show na avenida, com os truques de ilusionismo da comissão de frente e o abre-alas que parecia estar pegando fogo de verdade. Era a consagração definitiva do mago do carnaval pós-moderno, e a volta da Tijuca ao topo setenta e seis anos depois do primeiro título.

A Grande Rio, que homenageou os vinte e cinco anos de desfile no Sambódromo, ficou em segundo, na estreia de Mestre Ciça à frente da bateria. Em terceiro ficou a Beija-Flor, seguida por Vila Isabel, que cantou o centenário

de Noel Rosa com samba de Martinho da Vila. Fecharam o desfile das campeãs Salgueiro e Mangueira, em seu primeiro desfile sob a presidência de Ivo Meirelles.

A Mocidade, que vinha mal das pernas, ensaiou uma reação e por pouco não voltou no sábado, enquanto a Portela apostou num enredo futurista e desfilando com alegorias paupérrimas ficou em nono lugar.

Decepção maior, no entanto, protagonizou a Viradouro. Ausente do desfile das campeãs desde 2008, a escola de Niterói fez um desfile melancólico e despediu-se do Grupo Especial, do qual participou durante vinte anos. Após a morte de seu patrono, a vermelho-e-branca perdeu o rumo, e hoje luta para retornar à elite sob o comando de Gustavo Clarão, compositor campeoníssimo na escola.

O Carnaval 2011 começou com o trágico incêndio na Cidade do Samba, que atingiu os barracões de Grande Rio, Portela e União da Ilha. As três escolas desfilaram como *hors-concours* e nenhuma agremiação foi rebaixada naquele ano, o que aumentou o número de escolas para treze em 2012.

Numa homenagem a Roberto Carlos, a Beija-Flor conquistou seu sexto título em nove anos, num resultado contestado diante do grande desfile da Tijuca. Mesmo a Mangueira, que ficou num honroso terceiro lugar, sentiu-se prejudicada, e o presidente Ivo Meirelles nem mesmo esperou o fim da apuração para abandonar a Praça da Apoteose. Desfilaram também entre as campeãs Vila Isabel, Salgueiro e Imperatriz.

O Salgueiro enfrentou diversos problemas com alegorias ao longo do seu desfile, e estourou o tempo máximo em dez minutos, perdendo grande oportunidade de brigar pelo título.

No dia 17 de dezembro daquele ano, o mundo do samba sofreria a irreparável perda de Joãozinho Trinta, que há anos lutava contra complicações decorrentes de uma isquemia cerebral.

Seu legado, de fato, parece ter sido absorvido por Paulo Barros, que em 2012 conduziu a Unidos da Tijuca a seu terceiro título, consagrando de vez

uma nova concepção de desfile. Salgueiro e Vila beliscaram o título, seguidos por Beija-Flor, Grande Rio e Portela, que prestou uma bela homenagem a Bahia, numa espécie de releitura do enredo “Contos de Areia”. Aquele foi o primeiro desfile do “novo Sambódromo”, com arquibancadas em ambos os lados, após a demolição da antiga cervejaria.

Como nenhuma escola foi rebaixada no ano anterior, caíram Porto da Pedra e a estreante Renascer de Jacarepaguá. A grande polêmica, no entanto, ficou por conta do acesso da Inocentes de Belford Roxo. Numa linda homenagem a Dona Ivone Lara, o Império Serrano foi aclamado por público e crítica como o grande campeão do Grupo A em 2012, mas acabou preterido pela escola a qual o presidente da LESGA era ligado, o que culminou na dissolução da entidade. Em seu lugar, foi criada a Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (LIERJ), que reuniu agremiações dos antigos Grupos A e B e criou o modelo de desfile do acesso (agora chamado de Série A) em dois dias.

No mesmo ano de 2012, Portela, Mocidade, Império Serrano e União da Ilha ganharam quadras novas, seja mediante obras ou cessão de novos espaços pela prefeitura. O samba torce para que o incentivo seja bem aproveitado pelas escolas e elas voltem a brilhar como sempre fizeram. Mas esta já será outra história...

O SAMBA DOS BAIRROS

*“Vou pra terra de Candeia, onde o samba me seduz. Pois lugar de gente
bamba, onde é? Oswaldo Cruz...”*

(Beth Carvalho)

CENTRO

Como já sabemos, foi nessa região que o samba nasceu e criou-se, precisamente na área conhecida como Pequena África, da Gamboa a Cidade Nova. No primeiro destes dois bairros, encontra-se a sede da Vizinha Faladeira, enquanto que no outro situam-se as quadras de São Clemente e Estácio de Sá, herdeira da primeira escola de samba, embora esse pioneirismo seja reivindicado pela Vizinha. Componentes da escola divergem quanto ao ano de sua fundação, que segundo eles poderia ser 1922, ou até mesmo 1913. O bairro de Santo Cristo, próximo à hoje desativada estação terminal da Leopoldina, também é sede da Unidos da Tijuca, que divide o espaço do Clube dos Portuários com a Alegria da Zona Sul, da Série A, como fazia antes do Império da Tijuca voltar para seu antigo reduto.

Em termos históricos, o desfile das escolas de samba quase sempre teve como palco o Centro do Rio, seja na Praça XI, Campo de Santana (1934 e 1938), Av. Rio Branco, Candelária, Castelo ou Marquês de Sapucaí, onde foi construído o atual Sambódromo. Exceções foram os desfiles no antigo pavilhão de São Cristóvão, atual Centro de Tradições Nordestinas e os realizados no Estádio Vasco da Gama, popularmente conhecido como São Januário.

O primeiro desfile oficial foi realizado na Praça XI, em 1932, e nele tomaram parte Mangueira, Vai Como Pode (atual Portela), Segunda Linha do Estácio (depois Cada Ano Sai Melhor), Para o Ano Sai Melhor e Unidos da Tijuca. A vencedora foi a Estação Primeira.

Já o desfile de 1934 foi realizado antecipadamente, em 20 de Janeiro, dia de São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro. O evento, que também teve como vencedor a Mangueira, não era oficial, e sim uma homenagem ao prefeito Pedro Ernesto.

Os desfiles na Praça XI (exceto o de 1938) foram realizados até 1942. Passaram posteriormente para a Av. Rio Branco e em 1946 seriam transferidos para a Av. Presidente Vargas, espaço que os sambistas preferiam nomear como Candelária.

Em 1974, em virtude das obras do metrô, houve mudança para a Av. Presidente Antônio Carlos, no Castelo, e dois anos depois, o retorno para o tradicional reduto da Praça XI.

A partir de 1978, os desfiles passaram a ser realizados na Av. Marquês de Sapucaí, onde seis anos depois seria construído o Sambódromo

Atualmente, a Rio Branco é palco de desfiles de blocos carnavalescos, dentre os quais se destaca o Cordão da Bola Preta, que abre oficialmente o carnaval no sábado de manhã e arrasta milhões de pessoas desde a concentração, na Cinelândia, até a dispersão, na Candelária. Outro bloco tradicional que desfila na avenida na terça-feira gorda é o Bafo da Onça, fundado em 12 de dezembro de 1956 e sediado no bairro do Catumbi, próximo ao Túnel Santa Bárbara.

O Bola Preta mudou recentemente de sede. Trocou a Cinelândia pela Lapa, tradicional reduto da boemia carioca. Repleta de casas noturnas especializadas em samba, o bairro é uma espécie de Montmatre tupiniquim, e recebe públicos das mais variadas faixas etárias e tendências. O site Agenda do Samba e do Choro (www.samba-choro.com.br) possui um link que mapeia essas casas e suas respectivas rodas de samba. Embora não tenha mais o glamour de antigamente e por vezes se torne um amontoado de estereótipos ambulantes, a Lapa ainda possui seus encantos e basta ser seletivo para obter boa diversão em seus arredores.

ZONA NORTE

A Zona Norte do Rio de Janeiro é um espaço macrocômico, onde universos diferentes coexistem. É dividida em dois “subúrbios” (Central e Leopoldina), Ilha do Governador e Grande Tijuca, da qual falaremos a seguir.

Bem pertinho do Centro da Cidade, a região conhecida como Grande Tijuca abrange os bairros de Tijuca, Praça da Bandeira, Rio Comprido, Alto da Boa Vista, Muda, Andaraí, Usina, Grajaú, Vila Isabel e Maracanã. A região tem como grandes atrativos o Parque Nacional da Tijuca, também chamado de Floresta da Tijuca, e o Estádio Mário Filho, conhecido como Maracanã.

O vermelho-e-branco é tradição dentre as agremiações esportivas e carnavalescas da região. O América Futebol Clube, O Tijuca Tênis Clube e o GRES Acadêmicos do Salgueiro adotam as cores. O panorama se modifica quando se sobe a rua Conde de Bonfim rumo a Muda e Usina, onde se localizam os morros da Formiga e do Borel, sede, respectivamente, das escolas de samba Império da Tijuca e Unidos da Tijuca. Muda também quando chegamos ao bairro de Noel, cuja escola veste azul.

Outra escola de samba da localidade é a Flor da Mina do Andaraí, antigo bloco carnavalesco. Quem se mantém como bloco é o Raizes da Tijuca, afilhado do Salgueiro que luta para transformar-se em escola de samba no Grupo 2 dos Blocos de Enredo. Algumas semanas antes do carnaval, o Império da Tijuca desfila na rua arrastando a multidão, e inclui esse desfile na programação oficial de blocos do Rio de Janeiro.

Em termos de roda de samba, a região tem como principal referência as feijoadas da Vila Isabel (recentemente eleita a melhor da cidade), Salgueiro, o clube Renascença, onde acontece o tradicional Samba do Trabalhador, dentre outros eventos, e o Terreiro do Galo, palco do já renomado grupo de samba Galocantô.

O trecho de estações de trem entre Central do Brasil e Deodoro, que corresponde aos subúrbios da Zona Norte, passa por várias estações importantes no mundo do samba. A primeira delas, como o próprio nome já diz, é a Mangueira. Contraditoriamente, a escola adota como símbolo um surdo e

uma coroa, que remete ao bairro imperial de São Cristóvão, cuja estação se localiza antes. São Cristóvão também é sede de outra escola tradicional, a Paraíso do Tuiuti.

Adiante se encontra o Méier, bairro principal de uma região onde coabitam escolas como Unidos do Cabuçu, Lins Imperial e Arranco. Este último situa-se já no Engenho de Dentro, onde foi realizado o primeiro concurso de escolas de samba, promovido pelo sambista e pai-de-santo Zé Espinguela em 1929 e vencido por Heitor dos Prazeres, da Vai Como Pode, atual Portela. O Méier foi berço da extinta Aprendizes da Boca do Mato, cuja sede ficava na área conhecida como Serra do Matheus, antes Serra dos Pretos Forros, que acolhia escravos recém-libertos. O samba de 1972 da Unidos de São Carlos (Rio Grande do Sul na Festa de Preto Forro) versa sobre o tema. Também no Méier foi criado o Clube do Samba, de João Nogueira, que hoje dá nome ao atual Imperator, recentemente reinaugurado num show de seu filho Diogo.

Passando um pouco dali, chega-se a Cascadura, terra do Arrastão e do antigo pagode do Arlindo Cruz, e depois a Madureira, berço do jongo, do Império Serrano e da Portela. A grande capital do samba. Embora nenhuma das duas escolas seja originalmente do bairro (o Império é de Vaz Lobo e a Portela de Oswaldo Cruz), é lá que se localizam suas quadras. Também é nas ruas de Madureira que ambas ensaiam nos domingos que antecedem o carnaval. Outra escola dos arredores é a Tradição, situada em Campinho, bairro que recebe anualmente os desfiles dos grupos C, D e E.

Madureira é referência não apenas no jongo e no samba, mas na cultura afro-brasileira como um todo. É grande o número de terreiros de Umbanda e Candomblé na região, e lá se localiza o tradicional Mercado de Madureira, especializado em artigos religiosos e cultura afro.

Os eventos mais badalados da região são as feijoadas da Portela e do Império, que acontecem respectivamente no primeiro e no terceiro sábado de cada mês. Há também a Feira das Yabás, evento “etílico-gastronômico” apadrinhado pelo sambista Marquinhos de Oswaldo Cruz, que ocorre na Praça Paulo da Portela a cada segundo domingo do mês. O bairro que empresta seu nome ao idealizador do evento é a última parada do Trem do Samba, também

comandado por ele, a cada 2 de dezembro. Lá também é a terra do Pagode da Tia Doca. Marquinhos não tem esse nome artístico à toa. Seu temor é de que, pela especulação imobiliária, Oswaldo Cruz acabe sendo fagocitado por Madureira, num processo conhecido como conurbação. O mesmo já aconteceu a Dona Clara, que possuía estação de trem e hoje é conhecida apenas como nome de rua, e a Fontinha, localidade onde havia a estação de Rio das Pedras (hoje Oswaldo Cruz), reduzida atualmente a um Largo e à estrada que se inicia no nascedouro da Portela, passa por Bento Ribeiro e termina em Vila Valqueire.

Próxima a Madureira encontra-se a sede do tradicional bloco carnavalesco Bohêmios de Irajá, que revelou bambas do porte de Zeca Pagodinho, cujo “sobrenome” se deve ao fato de ter sido mascote de uma ala do bloco assim batizada. Atualmente, o Bohêmios empresta sua quadra para que a União de Vaz Lobo realize seus ensaios, uma vez que a escola, recentemente rebaixada a bloco de enredo, perdeu sua sede para a construção da rodovia Transcarioca.

Falemos agora dos subúrbios da Leopoldina, e por mais contraditório que pareça, o samba ali começa na Tijuca. Explica-se. Em frente à antiga estação terminal do trem que se dirigia a estes locais, fica a quadra da Unidos da Tijuca. Atualmente, os trens partem da Central do Brasil rumo à estação de Saracuruna, no município de Duque de Caxias. Durante o percurso, passam por bairros como Triagem, Benfica, Manguinhos, Bonsucesso, Olaria, Penha, Penha Circular, Braz de Pina, Cordovil, Parada de Lucas, Vigário Geral e Ramos, todos eles homenageados nas estrelas douradas da bandeira da escola de samba Imperatriz Leopoldinense.

A quadra da Imperatriz, no entanto, situa-se em Ramos, famoso reduto de samba desde a fundação da extinta Recreio de Ramos, espécie de embrião da escola verde-e-branca. O bairro se destaca também por ser o berço do Cacique de Ramos, tradicional bloco carnavalesco carioca que revelou, dentre vários compositores, Almir Guineto, Arlindo Cruz, Beth Carvalho, Luiz Carlos da Vila, Jorge Aragão, Jovelina Pérola Negra e Marquinhos Satã.

Fundado pelos irmãos Ubirajara, Ubirani e Ubiraci (daí seu nome), o Cacique também foi a fonte onde beberam os criadores do grupo Fundo de Quintal, responsável por popularizar o pagode na mídia e referência para todos os outros que surgiram depois dele. O nome do grupo surgiu das reuniões que eram realizadas na quadra, herdeiras dos encontros promovidos por Candeia em Jacarepaguá e garantias de cultivo e preservação do samba e do partido-alto. Como já foi dito anteriormente, a Imperatriz surgiu a partir de uma dissidência do bloco. Portanto, Ramos é o ponto de encontro entre uma grande escola, o mais tradicional bloco carnavalesco e talvez o maior grupo de pagode já existente. Não por acaso, é considerado um dos berços do samba.

Ainda na Leopoldina, existem outras escolas, como a tradicionalíssima Unidos de Lucas, Unidos de Manguinhos, Gato de Bonsucesso e Acadêmicos de Vigário Geral. Escolas extintas como Aprendizes de Lucas, Unidos da Capela e Independentes de Cordovil também escreveram seu nome na história do samba carioca. Afilhada do Império Serrano, a Imperatriz é madrinha do Boca de Siri, antigo bloco de enredo e atual escola de samba da Comunidade Roquete Pinto, em Ramos. Fundada em 1997, a escola é a caçulinha da região.

Localizada próximo a Leopoldina e sede da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Aeroporto Internacional Tom Jobim, a Ilha do Governador é uma espécie de bairro à parte da cidade. O acesso a ela se dá pela Av. Brasil e Linha Vermelha, e a saída não é menos complicada. Com uma população em torno de 200 mil habitantes, é a região da Zona Norte com maior poder aquisitivo e um dos maiores IDH do município. Apesar disso, há na região diversas favelas, muitas das quais serviram de nascedouro para escolas como a Acadêmicos do Dendê, do morro de mesmo nome. Antes um bloco carnavalesco denominado Boi da Freguesia, o Boi da Ilha tornou-se escola de samba em 1988, filiando-se a AESCRJ.

Mas a grande escola da região é mesmo a União da Ilha do Governador, a tricolor insulana, que desde meados da década de 1970 tornou-se tradição do carnaval carioca e é muito querida por todos do mundo do samba. Embora

nunca tenha vencido o desfile do Grupo Especial, a União da Ilha já foi vice-campeã em 1980 e terceira colocada em 1989. Escreveu sua história com desfiles irreverentes e sambas-enredo nostálgicos.

A trajetória da União da Ilha inicia-se no bairro do Cacúia, onde desfilava até o início dos anos 1960, quando estreou na Praça XI. Em 1974, com o enredo “Lendas e Festas das Yabás”, sagrou-se campeã do Acesso, onde desfilou até 2001. Depois de oito anos na segunda divisão do samba, a escola voltou ao Grupo Especial em 2009.

ZONA OESTE

O ramal Santa Cruz da Supervia inicia-se na Central do Brasil e vai até o bairro citado. A primeira estação de trem da Zona Oeste é a Vila Militar, mas é a partir de Realengo que o samba começa a dar o tom na região. A estação seguinte, Padre Miguel, foi posteriormente chamada de Mocidade, pela sua ligação com a verde-e-branca da Vila Vintém. No mesmo bairro, entretanto, situa-se a Unidos de Padre Miguel, que atualmente desfila na Série A. Uma escola que voltou recentemente à atividade depois de 15 anos é a Unidos de Bangu. Fundada a 15 de novembro de 1937, é a madrinha da Acadêmicos de Santa Cruz e da Unidos de Cosmos, e participou por alguns anos do Grupo Especial do carnaval carioca. A exemplo do Casino Bangu e do Bangu Atlético Clube, nasceu de um grupo de operários da hoje extinta Fábrica Bangu. Foi a primeira escola de samba a ter uma quadra coberta no Brasil. Sua sede ficava localizada na Avenida Cônego de Vasconcelos, 1313, junto ao "paredão negro", que durante muitos anos foi um foco de resistência cultural, onde se jogava capoeira e se dançava o jongo. Parte da bateria da Unidos de Bangu desfilava pela Estácio, e toda a ala das baianas da escola morava na Serrinha, em Madureira, único lugar do país onde atualmente se dança o jongo. Até a década de 80, a Unidos de Bangu era a quarta escola de samba mais antiga em atividade no Brasil. Só perdia em tempo de existência para a Portela, Mangueira e Unidos da Tijuca.

O bairro de Campo Grande é sede da Sereno, escola emergente no carnaval carioca, e da inativa Delírio da Zona Oeste. Mais adiante, encontra-se a Unidos de Cosmos, e por fim a Acadêmicos de Santa Cruz, no bairro de mesmo nome, onde se localiza a estação terminal de trem. Segunda força da região, a Santa Cruz é uma força do Grupo de Acesso e já esteve no Grupo Especial em nove ocasiões.

A outra parte da Zona Oeste vai desde o bairro de Vila Valqueire, sede da União de Jacarepaguá, até o Recreio dos Bandeirantes. Vizinho a Vila Valqueire, o bairro da Praça Seca já contou com o Império do Marangá, primeira escola a desfilar no Sambódromo e figurinha carimbada nos grupos de

Acesso até 1999, quando enrolou bandeira. Atualmente, quem representa a localidade é a Império da Praça Seca, que desfila na Intendente Magalhães e possui estreitas ligações com o Império Serrano, sua madrinha. Seguindo até o bairro do Tanque, chega-se na Renascer, escola oriunda do antigo bloco carnavalesco Bafo de Bode e que teve uma participação rápida no Grupo Especial em 2012. Mais adiante, temos Unidos do Anil, Mocidade Unida da Cidade de Deus e União do Parque Curicica. O bairro de Jacarepaguá, como se vê, possui várias escolas, mas até hoje nenhuma delas se firmou no Grupo Especial. O samba na região se concentra mais nas rodas, grande parte delas promovidas pelos clubes poliesportivos ali existentes. Dentre estas, destaca-se a conhecida como Samba no Sítio, que acontece mensalmente no bairro da Freguesia e recebe público restrito para evitar superlotação.

A Barra, reduto preferido de dez entre dez neo-pagodeiros e jogadores de futebol, já foi cogitada como palco dos desfiles em 1974 e 1980, e teve uma escola de samba, a Acadêmicos da Barra da Tijuca. A idéia dos fundadores era criar uma escola poderosa, já que o poder aquisitivo dos moradores da região é grande. Como o samba não costuma sobreviver em lugares onde não há esquinas e botecos, a agremiação teve vida curta. A bem da verdade, o que predomina na Barra são rodas de pagode “contemporâneas”, em sua grande maioria descaracterizadas do ritmo original e de gosto duvidoso. Há que se considerar, porém, alguns oásis de boa música no território, como a casa de samba Bom Sujeito, no Itanhangá, e o Barril 8000 (já no Recreio).

ZONA SUL

Nélson Rodrigues costumava dizer que, depois do Méier, começava a sentir saudades do Rio de Janeiro. Me autorizo a subvertê-lo dizendo que depois do Catumbi, sede do Bafo da Onça e bairro fronteiriço com a Zona Sul, o sambista carioca sente saudades de sua cidade.

Não que a Zona Sul seja exatamente um “tumulo do samba”, como disse certa vez Vinícius de Moraes em relação a São Paulo, mas o fato é que o samba do Estácio chegou à grande Tijuca, seguiu pela linha do trem e não fez curva. O que se produziu nos arredores ou longe disso não está no mesmo patamar, o que não quer dizer que seja ruim.

Na Zona Sul, é comum escolas migrarem para outras partes da cidade, como foi o caso da Independentes do Leblon, que se transferiu para Cordovil, e das escolas Unidos de Cosmos e Acadêmicos da Cidade de Deus. Em tempos mais recentes, São Clemente e Alegria da Zona Sul saíram de Botafogo e Copacabana para a Cidade Nova e Santo Cristo, respectivamente. Embora as circunstâncias que as levaram a isso sejam diferentes em cada caso, é de se estranhar que uma região com poder aquisitivo e IDH tão alto não tenha uma grande escola de samba que a represente, sobretudo por se tratar do maior cartão-postal do Rio de Janeiro.

Talvez o fato se explique porque a proposta carnavalesca dos sulistas seja outra, e isso fica evidente pela quantidade de blocos lá existentes. A grande maioria deles, como a Banda de Ipanema, o Simpatia é Quase Amor e o Suvaco de Cristo, recebem contingentes maiores que os das grandes escolas em seus desfiles gratuitos.

Uma escola muito querida na Zona Sul é a Portela, que durante anos ensaiou na sede náutica do Botafogo, conhecida como Mourisco Mar. Atualmente, quem leva seus ensaios para a região é a Grande Rio, no Clube Monte Líbano.

Outro dado interessante do samba na Zona Sul é o apreço cada vez maior dos jovens da região pelo chamado samba de raiz, talvez pela proximidade territorial com a Lapa. Cada vez mais, vão surgindo redutos de boa música na área, como a Casa Rosa, em Laranjeiras, e o Samba do Horto, na Cobal do Humaitá.

BAIXADA FLUMINENSE

Hoje forte no mundo do samba pela presença de Beija-Flor e Grande Rio no Grupo Especial, a Baixada conta com várias escolas nos demais grupos. Mas nem sempre foi assim. O carnaval mais badalado da região era o de Nova Iguaçu, que chegou a ter desfile próprio. Com o surgimento da escola nilopolitana, no bairro de Nova Cidade, em 1948, a folia fluminense seguiu outros rumos.

Até o início da década de 1990, a escola que mais se aproximava da Beija-Flor em termos de grandeza era a Unidos da Ponte, de São João do Meriti. Estreou no Grupo Especial em 1983, com o antológico samba “E eles verão a Deus”, e foi rebaixada no ano seguinte com outro belo samba, “Oferendas”, que versava sobre comidas de santo. Voltou ao desfile principal já em 1985, onde permaneceu até 1989. Em 1992, mais um título do Acesso, e a escola retomava o convívio com as grandes, até nova queda em 1996. Atualmente, está no Grupo C (4ª divisão), tendo realizado seu último desfile no Sambódromo em 2006.

Outra escola que se destaca na região é a Leão de Nova Iguaçu, que teve breve passagem pelo Grupo Especial em 1992, ano em que homenageou a dramaturga Janete Clair. Pouca gente sabe, mas a Leão é berço de grandes puxadores do samba. Gente do porte de Negoinho da Beija-Flor (então Negoinho da Vala), seu irmão Nêgo, Dedé da Portela e Pixulé passaram pela escola de Santa Eugênia.

Atualmente, a rival da Beija-Flor na Baixada é a Grande Rio, de Duque de Caxias, que já beliscou o título de campeã do carnaval diversas vezes. Campeã do Grupo de Acesso em 2012, a Inocentes de Belford Roxo entrou para o seleto grupo de escolas da região que ganharam o direito de desfilar no Grupo Especial.

Outras escolas como Matriz de São João de Meriti, Chatuba e Tradição Barreirense, as duas últimas de Mesquita, lutam nos grupos de acesso para desfrutar desse privilégio, que não mais poderá ser alcançado pela

Independente de São João de Meriti, escola que pendurou as baquetas recentemente e cedeu sua vaga no Grupo C para a rediviva Unidos de Bangu.

NITERÓI E SÃO GONÇALO

Certa vez Jorge Amado disse que o segundo melhor carnaval do país era o de Niterói, numa clara exaltação ao carnaval baiano e ao mesmo tempo provocação ao desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro. Se o grande escritor tinha razão, não se pode dizer, mas é fato que os desfiles na Av. Amaral Peixoto marcaram época. Até meados da década de 1980, quando Cubango e Viradouro resolveram atravessar a Ponte e desfilar no Rio, Niterói teve um desfile bastante popular e organizado, que produzia até mesmo discos de samba-enredo, muitos dos quais com obras memoráveis.

A primeira gravação oficial data de 1974. Houve então um pequeno hiato até a retomada de 1979 (via Top Tape) até 1987, sendo que o disco do ano anterior já não conta com a faixa da Cubango e o deste ano já não traz nem a desta nem a da Viradouro. Desse período, destacam-se sambas como “Afoxé”, “Fruto do amor proibido” e “Porque Oxalá usa Ekodidé”, da Cubango, bem como “Amor em tom maior”, “Motou Muido Kitoko”, “O sonho de Ilê Ifé”, da Viradouro. Também houve gravações em 1992 (com participação especial da Cubango) e 1995.

Como se percebe, as duas eram as grandes rivais da cidade. A Viradouro sagrou-se campeã do desfile principal 18 vezes e a Cubango 11. Ambas foram pentacampeãs, sendo a primeira de 1980 a 1984 e a segunda de 1975 a 1979. Outras campeãs foram Sabiá, Combinado do Amor, Corações Unidos e União da Ilha da Conceição. A Acadêmicos do Sossego foi tricampeã entre 1986 e 1988 e voltou a ganhar em 1990. Nessa época, a escola contou com grande apoio da já “carioca” Cubango, e talvez por isso tenha optado por seguir o mesmo caminho da co-irmã e atravessar a “poça”.

Um dado curioso sobre o carnaval de Niterói diz respeito ao fato de que, por serem respectivamente afilhadas de Portela e Império, Viradouro e Cubango sempre tiveram estreitas ligações com as escolas de Madureira. Era comum na época dos desfiles de Niterói torcer-se para uma escola na cidade e sua madrinha no Rio, algo parecido com o que acontece entre as torcidas de times do Nordeste.

Em meados de 2005, foi iniciado o processo de revitalização do Carnaval, com a criação da União das Escolas de Samba e Blocos de Niterói (UESBCN), após 15 anos de interrupção dos desfiles oficiais. Desde 2006, o evento acontece na Rua da Conceição.

O Carnaval de São Gonçalo é atualmente realizado na Avenida Presidente Kennedy, no Centro do município. A maior das escolas de samba gonçalenses sem dúvidas é a Porto da Pedra, maior ganhadora do carnaval da cidade até os anos 90. Em 1994, a escola abandonou o Carnaval da cidade para ir disputar os desfiles do Rio de Janeiro.

Ainda na década de 90 do século XX, com o fim dos tradicionais desfiles da cidade vizinha, Niterói, algumas escolas dessa cidade migraram para o Carnaval gonçalense.

Entre 1999 e 2003, o Carnaval da cidade foi dominado pela Unidos do Sacramento, pentacampeã consecutiva. Porém, para 2004, a prefeitura não liberou a verba do Carnaval e não houve desfile oficial. A Sacramento então, a exemplo da Porto da Pedra, migrou também para o Carnaval carioca onde ficou até 2009. Dois anos depois, em 2006 os desfiles retornaram.

Atualmente, Viradouro, Porto da Pedra e Cubango estão na Serie A do carnaval carioca e a Sossego desfila pelo Grupo C. Sabiá e Sacramento encontram-se no Grupo Especial e no Acesso de Niterói, respectivamente. As demais agremiações citadas foram extintas.

Não poderia finalizar esse capítulo sem citar a casa de samba Candongueiro, em Maria Paula, Pendotiba. O local recebe grandes nomes do gênero e abre espaço para novos compositores

DADOS DAS ESCOLAS

“Minha escola estava tão bonita. Era tudo o que eu queria ver. Em retalhos de cetim. Eu dormi o ano inteiro. E ela jurou desfilas pra mim.”

(Benito di Paula)

GRES ACADÊMICOS DO GRANDE RIO



Fundação: 22 de março de 1988

Escola-madrinha: Acadêmicos do Salgueiro

Cores: verde, vermelho e branco

Símbolo: uma coroa

Filiação: LIESA (Grupo Especial)

Padroeiro: São Jorge

Bases: O município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense

Quadra de ensaios: Rua Almirante Barroso, 5 e 6 – Duque de Caxias

Site: www.academicosdogranderio.com.br

Presidente: Edson Alexandre

Presidente de honra: Jayder Soares

Títulos: 1992 (Grupo de Acesso)

Personalidades: Gilberto Silva, Helinho, Jayder Soares, José Carlos Teodoro, Leandrinho, Milton Perácio, dentre outros.

Dados históricos

A origem da escola remete a uma série de fusões de outras agremiações do município de Duque de Caxias. Em 1971, as escolas Cartolinhas de Caxias, Capricho do Centenário, União do Centenário e Unidos de Vila São Luís se

uniram para fundar o GRES Grande Rio, que por sua vez se aliou à Acadêmicos de Caxias, dando origem à atual Acadêmicos do Grande Rio.

A Grande Rio sempre desfila com um grande contingente de personalidades, sobretudo atores globais, em seus quadros, e já serviu até mesmo de inspiração para uma escola de samba fictícia em uma novela da Rede Globo

A Região Amazônica foi tema da escola em 1995, 1997, 2006 e 2008.

GRES ACADÊMICOS DO SALGUEIRO



Fundação: 5 de março de 1953

Escola-madrinha: Estação Primeira de Mangueira

Cores: vermelho e branco

Símbolo: Instrumentos de percussão

Lema: “Nem melhor, nem pior: apenas uma escola diferente”

Filiação: LIESA (Grupo Especial)

Padroeiros: O orixá Xangô e os santos católicos São Sebastião e N. S^a da Conceição (mais recentemente a escola também reverencia São Jorge e a entidade de umbanda Zé Pelintra)

Bases: Os bairros da Grande Tijuca e o Morro do Salgueiro

Quadra de ensaios: Rua Silva Teles, 104 – Andaraí

Site: www.salgueiro.com.br

Presidente: Regina Celi

Títulos: 1960, 1963, 1965, 1969, 1971, 1974, 1975, 1993 e 2009.

Personalidades: Almir Guineto, Anescarzinho, Argemiro Calça Larga, Arlindo Rodrigues, Bala, Caxiné, Demá Chagas, Djalma Sabiá, Duduca, Fernando Pamplona, Geraldo Babão, Haroldo Costa, Isabel Valença, Joãosinho Trinta, Júlio Machado, Laíla, Maria Augusta, Max Lopes, Mercedes Baptista, Mestre Louro, Miro Garcia, Narcisa, Nei Lopes, Noel Rosa de Oliveira, Paula do Salgueiro, Renato Lage, Rico Medeiros, Rosa Magalhães, Vitamina, Zé Di e Zuzuca, dentre outros.

Dados históricos

O nome Acadêmicos do Salgueiro foi adotado em detrimento a “cadetráticos”, que segundo os fundadores poderia “enrolar a língua” dos componentes.

O Salgueiro foi a primeira escola a excursionar para o exterior, numa viagem a Cuba durante intercâmbio cultural.

A escola sempre foi berço de grandes carnavalescos e responsável pela revolução na estética dos desfiles, bem como pelo resgate da cultura negra nos mesmos.

Em 1959, o Salgueiro introduziu adereços de mão às fantasias de seus componentes, introduzindo mais uma inovação no carnaval carioca.

Excetuando-se o ano de 2006, quando ficou em 11º lugar, a escola sempre figurou entre as oito primeiras e nunca foi rabaixada, o que mostra sua regularidade.

GRES BEIJA-FLORES DE NILÓPOLIS



Fundação: 25 de dezembro de 1948

Escola-madrinha: Portela

Cores: azul e branco

Símbolo: um beija-flor

Filiação: LIESA (Grupo Especial)

Padroeiro: São Jorge

Bases: Os municípios de Nilópolis, Nova Iguaçu e outros da Baixada Fluminense

Quadra de ensaios: Rua Pracinha Wallace Paes Leme, 1025 - Nilópolis

Site: www.beija-flor.com.br

Presidente: Néelson David

Presidente de honra: Anísio Abraão David

Títulos: 1976, 1977, 1978, 1980, 1983, 1998, 2003, 2004, 2005, 2007, 2008 e 2011

Personalidades: Anísio Abraão David, Cabana, Claudinho, Dicró, Farid Abraão David, Joãozinho Trinta, José Carlos Faria Caetano (Machine), Laíla, Neguinho da Beija-Flor, Pinah, Raíssa, Selminha Sorriso, Soninha Capeta, dentre outros.

Dados históricos

A Beija-Flor foi a primeira escola a quebrar a hegemonia das quatro grandes (Portela, Mangueira, Salgueiro e Império Serrano) até a década de 70 e também a primeira escola de outro município a se sagrar campeã do Grupo Especial.

Quando ainda era uma escola pequena, a Beija-Flor desfilou com enredos que aludiam ao regime militar, exaltando o PIS, PASEP e o FUNRURAL. Ao se tornar uma grande do carnaval carioca, tais enredos foram abandonados e esquecidos.

Ao todo, a escola já venceu 12 desfiles e foi vice-campeã outras 11 vezes, nos anos de 1979, 1981, 1985, 1986, 1989, 1990, 1999, 2000, 2001, 2002 e 2009.

GRES ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA



Fundação: 28 de abril de 1929

Escola-madrinha: Deixa Falar

Cores: verde e rosa

Símbolo: surdo de marcação

Filiação: LIESA (Grupo Especial)

Padroeiro: São Sebastião

Bases: os bairros de Benfica, Maracanã, São Cristóvão e Rocha e o Morro da Mangueira

Quadra de ensaios: Rua Visconde de Niterói, 1072 - Mangueira

Site: www.mangueira.com.br

Presidente: Ivo Meirelles

Presidente de honra: Delegado

Títulos: 1932, 1933, 1934, 1940, 1949, 1950, 1954, 1960, 1961, 1967, 1968, 1973, 1984, 1986, 1987, 1998 e 2002 (Grupo Especial) e 1984 (Supercampeonato)

Personalidades: Alcione, Beth Carvalho, Carlos Cachça, Cartola, Delegado, Dona Neuma, Dona Zica, Geraldo Pereira, Guilherme de Brito, Hélio Turco, Ivo

Meirelles, Jamelão, Jurandir, Leci Brandão, Néilson Cavaquinho, Padeirinho, Tatinho, dentre outros.

Dados históricos

Dona da maior torcida dentre as escolas de samba, a Mangueira é também a campeã do ranking dos 80 anos de desfile e a maior vencedora do prêmio Estandarte de Ouro.

A Mangueira é pioneira em projetos sociais e na década de 1990 montou uma Vila Olímpica, quando passou a disputar campeonatos esportivos, principalmente no atletismo e no basquete.

A primeira escola de samba infantil nasceu na Estação Primeira, embora a iniciativa só tenha se consagrado cinquenta anos depois, quando foi criada a Mangueira do Amanhã.

A escola foi fundada oficialmente em 28 de abril de 1929, e não um ano antes, o que faria dela a pioneira, já que a Deixa Falar foi fundada em agosto de 1928.

Atualmente acanhado diante das demais quadras e em péssimo estado de conservação, o Palácio do Samba, inaugurado em 1970, foi uma obra revolucionária para os padrões da época, quando as escolas abandonavam seus antigos redutos no morro e desciam para o asfalto.

GRES IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE



Fundação: 06 de março de 1959

Escola-madrinha: Império Serrano

Cores: verde-claro, branco e ouro

Símbolo: uma coroa

Filiação: LIESA (Grupo Especial)

Padroeiro: São Jorge

Bases: Subúrbios da Leopoldina

Quadra de ensaios: Rua Professor Lacê, 235 - Ramos

Site: www.imperatrizleopoldinense.com.br

Presidente: Luiz Pacheco Drummond

Títulos: 1980, 1981, 1989, 1994, 1995, 1999, 2000 e 2001 (Grupo Especial) e 1961 (Acesso)

Personalidades: Amauri Jório, Chiquinho, Délcio Carvalho, Hiram Araújo, Luizinho Drummond, Maria Helena, Miltinho Tristeza, Preto Jóia, Zé Catimba, dentre outros

Dados históricos

Pouca gente sabe, mas a Imperatriz é uma dissidência do bloco carnavalesco Cacique de Ramos, do mesmo bairro da escola.

A Imperatriz Leopoldinense foi a primeira tricampeã do Sambódromo e é a única escola que obteve nota máxima em todos os quesitos por três vezes, em 1980, 1989 e 2000.

A escola foi a primeira a contar com um Departamento Cultural, do qual chegou a fazer parte o político Fernando Gabeira.

O samba Martim Cererê, de 1972, fez parte da trilha sonora da novela “Bandeira Dois”, da Rede Globo.

O nome da escola foi uma homenagem a Imperatriz do Brasil Dona Leopoldina von Hasburg, primeira esposa de D. Pedro I, e aos bairros do subúrbio da Leopoldina, que compõem as estrelas de sua bandeira.

GRES INOCENTES DE BELFORD ROXO



Fundação: 11 de junho de 1993

Escola-madrinha: Império Serrano

Cores: Azul, vermelho e branco

Símbolo: uma pomba

Filiação: LIESA (Grupo Especial)

Bases: O município de Belford Roxo, na Baixada Fluminense

Quadra de ensaios: Av. Boulevard, 1741 – Parque São Vicente

Site: www.inocentesdebelfordroxo.com.br

Presidente: Reginaldo Gomes

Títulos: 2012 (Acesso), 2008 (3º Grupo) e 1998 (4º Grupo)

Dados históricos

Com o objetivo de angariar simpatizantes em outros municípios, a escola mudou de nome para Inocentes da Baixada em meados da década de 2000, logo retomando o nome atual.

GRES MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL



Fundação: 10 de novembro de 1955

Escola-madrinha: Beija-Flor

Cores: verde e branco

Símbolo: estrela-guia

Filiação: LIESA (Grupo Especial)

Padroeiro: São Sebastião

Bases: Zona Oeste do Rio, especialmente Bangu, Padre Miguel e a Vila Vintém

Quadra de ensaios: Avenida Brasil, 31.156 - Realengo

Site: www.mocidadeindependente.com.br

Presidente: Paulo Vianna

Presidente de honra: Rogério Andrade

Títulos: 1979, 1985, 1990, 1991 e 1996 (Grupo Especial) e 1958 (Acesso)

Personalidades: Andrezinho, Castor de Andrade, Elza Soares, Lucinha Nobre, Mestre André, Mestre Coé, Mestre Jorjão, Ney Vianna, Paulinho Mocidade, Tiãozinho Mocidade, Toco, Wander Pires, dentre outras.

Dados históricos

A Mocidade surgiu de um time de futebol amador, o Independente Futebol Clube, que inicialmente transformou-se num bloco carnavalesco.

A bateria da Mocidade sempre foi referência, e a tradicional “paradinha” surgiu após Mestre André escorregar e seus ritmistas interromperem o batuque em respeito a ele, no desfile de 1959.

Elza Soares foi a primeira mulher a puxar samba na avenida, com a Mocidade, em 1969.

A escola foi protagonista da série “Filhos do Carnaval”, do canal a cabo HBO.

GRES PORTELA



Fundação: 11 de abril de 1923

Cores: azul e branco

Símbolo: águia

Filiação: LIESA (Grupo Especial)

Padroeiro: São Sebastião (Oxóssi) e N. S^a da Conceição (Oxum)

Bases: Os bairros de Oswaldo Cruz, Madureira, Cascadura, Magno, Campinho, Bento Ribeiro, Rocha Miranda, Vila Valqueire e Turiaçu

Quadra de ensaios: Rua Clara Nunes, 81 – Oswaldo Cruz

Site: www.gresportela.com.br

Presidente: Nilo Figueiredo

Títulos: 1935, 1939, 1941, 1942, 1943, 1944, 1945, 1946, 1947, 1951, 1953, 1957, 1958, 1959, 1960, 1962, 1964, 1966, 1970, 1980 e 1984.

Personalidades: Alberto Lonato, Alcides Lopes, Alvaiadade, Antônio Caetano, Antônio Rufino, Argemiro, Ari do Cavaco, Bandeira Brasil, Benício, Candeia, Catoni, Casquinha, Chico Santana, Claudionor, Diogo Nogueira, Dodô, Jabolô, Jair do Cavaquinho, João Nogueira, Manacéa, Marçalzinho, Marisa Monte, Marquinhos de Oswaldo Cruz, Mestre Marçal, Mijinha, Monarco, Natal, Noca, Paulinho da Viola, Paulo da Portela, Serginho Procópio, Surica, Vilma, Waldir 59, Zeca Padodinho, Zé Ketí, dentre outras.

Dados históricos

A origem da escola remete ao Conjunto de Oswaldo Cruz, fruto da fusão de dois blocos carnavalescos: Baianinhas de Oswaldo Cruz e Quem Fala de Nós Come Mosca. Posteriormente, houve mudança de nome para Quem Nos Faz é o Capricho, Vai Como Pode e, finalmente, Portela.

A bandeira da Portela, desenhada por Antônio Caetano, teve como inspiração original o condor (ave que voa mais alto) e os raios de sol da bandeira japonesa nas primeiras décadas do século XX.

A mudança do nome Vai Como Pode para Portela deu-se por imposição do delegado Dulcídio Gonçalves, que recusou-se a registrar a escola com a antiga denominação e sugeriu a atual. Na ata de fundação, foi registrada a data de origem do Conjunto de Oswaldo Cruz, 11 de abril de 1923, o que faz com que a Portela pleiteie a alcunha de primeira escola de samba.

Além de ser a maior vencedora do carnaval, com 21 títulos, a Portela é a única heptacampeã, a única a participar de todos os desfiles, a primeira a vencer com notas 10 de ponta a ponta e a primeira a excursionar. Não por acaso é chamada de Majestade do Samba.

A Portela introduziu diversas novidades nos desfiles, como o samba-enredo, o uso de apito para comandar a bateria, corda e comissão de frente uniformizada.

É a escola que mais batizou outras agremiações.

A escola sempre se caracterizou por sua tradição e hospitalidade. Até meados da década de 2000, promoveu os piqueniques da Inconfidência e da Independência, além das festas de lançamento dos discos do Grupo Especial e do Acesso.

Maior expoente da Portela na atualidade, Paulinho da Viola passou duas décadas afastado da escola após a mesma escolher o samba dos compositores da MPB Evaldo Gouveia e Jair Amorim para o carnaval de 1974, em detrimento à prata da casa. Apesar de ter retornado em 1995, Paulinho

nunca mais se envolveu em uma disputa de samba na escola, vencida por ele uma única vez, com o samba *Memórias de um Sargento de Milícias* em 1966.

GRES SÃO CLEMENTE



Fundação: 25 de outubro de 1951

Escola-madrinha: Beija-Flor de Nilópolis

Cores: preto e amarelo

Símbolo: Pão de Açúcar

Filiação: LIESA (Grupo Especial)

Bases: o bairro de Botafogo e o Morro Dona Marta

Quadra de ensaios: Av. Presidente Vargas, 3.102 – Cidade Nova

Site: www.saoclemente.com.br

Presidente: Renato Almeida Gomes

Títulos: 1966, 2003, 2007 e 2010 (Acesso) e 1964 (3º Grupo)

Dados históricos

A São Clemente é a mais antiga escola da Zona Sul do Rio de Janeiro em atividade.

É conhecida como a segunda escola de todo torcedor carioca.

Seus enredos voltados para a crítica social também lhe renderam o apelido de “PT do samba”.

Suas cores foram inspiradas no Peñarol, time de futebol uruguaio.

GRES UNIÃO DA ILHA DO GOVERNADOR



Fundação: 07 de março de 1953

Escola-madrinha: Portela

Cores: azul, vermelho e branco

Símbolos: brasão e águia

Filiação: LIESA (Grupo Especial)

Padroeiros: São Jorge e São Sebastião

Bases: A Ilha do Governador, na Zona Norte do Rio de Janeiro

Quadra de ensaios: Estrada do Galeão, 332 - Cacúia

Site: www.gresuniaodailha.com.br

Presidente: Ney Fillardis

Títulos: 1974 e 2009 (Acesso)

Personalidades: Aroldo Melodia, Aurinho da Ilha, Didi, Ito Melodia, dentre outras.

Dados históricos

O brasão da escola remete ao mar, com seu cavalo-marinho, e à poesia, com a lira, coroada pelos louros da vitória. A águia é uma homenagem à madrinha Portela.

A União da Ilha também é tida como segunda escola de boa parte dos cariocas.

A escola ficou famosa pelos grandes sambas-enredo do final da década de 1970 e início da década de 1980, como “Domingo”, “O amanhã” e “É hoje”.

GRES UNIDOS DA TIJUCA



Fundação: 31 de dezembro de 1931

Cores: amarelo-ouro e azul-pavão

Símbolo: pavão

Filiação: LIESA (Grupo Especial)

Padroeiro: São Sebastião e N. S^a da Conceição

Bases: Os morros do Borel e da Casabranca, na Tijuca, e o bairro da Usina

Quadra de ensaios: Av. Francisco Bicalho, 47 – Santo Cristo

Site: www.unidosdatijuca.com.br

Presidente: Fernando Horta

Títulos: 1936, 2010 e 2012 (Grupo Especial); 1980, 1987 e 1999 (Acesso)

Personalidades: Fernando Horta, Paulo Barros, Sobrinho, dentre outras

Dados históricos

A Unidos da Tijuca é uma das mais antigas escolas de samba do país, perdendo nesse “quesito” apenas para Estácio, Portela, Mangueira, Vai-Vai e a inativa União de Vaz Lobo.

Ao lado de Portela e Mangueira, é a única escola em atividade que participou do primeiro desfile oficial.

Em 1933, muito antes portanto de Dona Ivone Lara gravar *Os cinco bailes da história do Rio*, a Unidos da Tijuca já contava com uma mulher, Amália Pires, em sua ala de compositores.

A escola introduziu nos desfiles alegorias alusivas ao enredo.

O pavão do símbolo faz alusão à fábrica de cigarros que havia no morro do Borel, onde a escola faz pelo menos três ensaios anuais, voltados exclusivamente para a comunidade.

A Tijuca tem forte ligação com o Vasco da Gama, desde que homenageou o clube no carnaval de 1998.

Antes conhecida como Unidos, a escola atualmente prefere o nome Tijuca, como se observa em seu símbolo.

GRES UNIDOS DE VILA ISABEL



Fundação: 4 de abril de 1948

Escola-madrinha: Portela

Cores: azul e branco

Símbolo: coroa

Filiação: LIESA (Grupo Especial)

Padroeiros: N S^a da Conceição e São Jorge

Bases: Os morros do Macaco e do Pau da Bandeira, em Vila Isabel, e o bairro do Grajaú

Quadra de ensaios: Boulevard 28 de setembro, 382 – Vila Isabel

Site: www.gresunidosdevilaisabel.com.br

Presidente: Wilson Alves (Wilsinho)

Presidente de Honra: Martinho da Vila

Títulos: 1988 e 2006 (Grupo Especial), 1979 (1-B), 2004 (Acesso) e 1960 (3^o Grupo)

Personalidades: André Diniz, Gera, Luiz Carlos da Vila, Marcos Moran, Martinho da Vila, Paulo Brasão, Seu China, dentre outras.

Dados históricos

A Unidos de Vila Isabel também se originou de um clube de futebol, e enquanto bloco carnavalesco, suas cores originais eram vermelho e branco.

A coroa símbolo da escola é uma homenagem a Princesa Isabel, que dá nome ao bairro onde ela está sediada.

Antes de ser “da Vila”, Martinho passou pela extinta Aprendizizes da Boca do Mato, e por pouco não saiu de lá para o Império Serrano. O mesmo Martinho teve pela primeira vez um samba seu cantado na avenida em 1967. Naquela ocasião, recebeu nota baixa do então jurado Chico Buarque e retribuiu a “gentileza” ironicamente, em forma de um samba cujos versos diziam: *“caramba, nem o Chico entendeu o enredo do meu samba”*.

GRES ACADÊMICOS DA ROCINHA



Fundação: 31 de março de 1988

Escola-madrinha: Vila Isabel

Cores: azul, verde e branco

Símbolo: borboleta

Filiação: LIERJ (Série A)

Bases: A favela da Rocinha e o bairro de São Conrado, na Zona Sul do Rio de Janeiro

Quadra de ensaios: Rua Berta Lurtz,80 – São Conrado

Site: www.academicosdarocinha.com.br

Presidente: Darlan Filho

Títulos: 2005 (Acesso), 1991, 1999 e 2001 (3º Grupo), 1990 (4º Grupo), 1989 (Avaliação)

Dados históricos

Localizada na maior favela da América Latina, a Acadêmicos da Rocinha teve ascensão meteórica em seus primeiros anos de desfile, sob o comando de Joãozinho Trinta. Estreou no Acesso apenas quatro anos depois de ser fundada, com o samba “Pra não dizer que não falei das flores”, tido como um dos melhores de todos os tempos. Cinco anos depois, a escola faria sua estreia no Grupo Especial.

Em meados da década de 2000, a Rocinha viveu outro grande momento, quando o empresário Maurício Mattos atraiu vários investidores para ela, que retornou ao Grupo Especial em 2006.

GRES ACADÊMICOS DE SANTA CRUZ



Fundação: 18 de fevereiro de 1959

Escola-madrinha: Unidos de Bangu

Cores: verde e branco

Símbolo: coroa

Filiação: LIERJ (Série A)

Bases: O bairro de Santa Cruz, na Zona Oeste do Rio de Janeiro

Quadra de ensaios: Rua do Império, 573 – Santa Cruz

Site: www.academicosdesantacruz.com.br

Presidente: Moysés Antônio Coutinho Filho (Zezo)

Títulos: 1965, 1969, 1989, 1996 e 2002 (Acesso); 1963, 1973 e 1980 (3º Grupo)

Dados históricos

A Santa Cruz é afilhada da Unidos de Bangu e madrinha da Unidos do Uraiti, escolas reativadas e inativas, respectivamente.

A escola sofreu intempéries em sua trajetória, como o acidente envolvendo uma alegoria sua e outra da Beija-Flor em 1985 e o blecaute de uma hora e meia em 1991.

Protagonizou duas grandes batalhas judiciais, em 1992 e 2002, para desfilar no Grupo Especial.

Grandes intérpretes como Carlinhos de Pilares, Quinzinho, Dominginhos do Estácio e Luizinho Andanças passaram pela escola, que teve seu hino cantado por Leci Brandão em 1995.

GRES ACADÊMICOS DO CUBANGO



Fundação: 17 de dezembro de 1959

Escola-madrinha: Império Serrano

Cores: verde e branco

Símbolo: o Parthenon

Lema: “A Cubango não é a melhor nem a maior: é a do povo”

Filiação: LIERJ (Série A)

Padroeiro: São Lázaro (Obaluayê/Omulu)

Bases: Os bairros do Cubango, de Fátima, Fonseca, Pé Pequeno, Santa Rosa, São Lourenço e Viçoso Jardim, em Niterói.

Quadra de ensaios: Rua Noronha Torrezão, 560 - Cubango

Site: www.cubango.com.br

Presidente: Olivier Luciano (Pelé)

Títulos: 1967, 1968, 1969, 1970, 1972, 1975, 1976, 1977, 1978, 1979 e 1984 (Niterói); 2002 e 2009 (3º Grupo)

Dados históricos

Campeoníssima em Niterói, a escola estreou no carnaval carioca em 1986 e luta até hoje para chegar ao Grupo Especial, do qual esteve perto em 2005, 2011 e 2012.

O nome Cubango seria a junção de dois radicais em tupi: “Ubang”, que é o mesmo que barreira, e “o”, que é o mesmo que escuro. A letra “c” veio na adaptação ao português. Portanto Cubango é o mesmo que “barreira escura”, ou “anteparo negro”. Na cidade do Rio de Janeiro, “Ubang” deu origem a Bangu. Com o passar do tempo, segundo alguns autores, a dominação portuguesa transformou o local em ponto de comercialização de escravos. Presume-se que estes escravos seriam da atual província de “Quando-Cubango”, antiga Vila da Ponte (nome colonial), em Angola, e adaptaram o indígena “u-bang-u” para o mesmo nome do rio e da vila daquele país.

Os sambas de Heraldo Faria e Flavinho Machado marcaram época na escola, ajudando-a a tornar-se famosa. A dupla também foi campeã na Mangueira.

GRES ALEGRIA DA ZONA SUL



Fundação: 28 de julho de 1992

Escola-madrinha: Salgueiro

Cores: vermelho e branco

Símbolo: Zé Carioca e Panchito

Filiação: LIERJ (Série A)

Bases: As comunidades do Cantagalo e do Pavão-Pavãozinho, no bairro de Copacabana, Zona Sul do Rio de Janeiro

Quadra de ensaios: Rua Francisco Bicalho, 47 - Leopoldina

Site: www.gresalegriadazonasul.com.br

Presidente: Marcus Vinícius de Almeida

Títulos: 1994 (Acesso¹), 1996 (6º Grupo), 2000 (5º Grupo), 2001 (4º Grupo), 2010 (3º Grupo)

GRES CAPRICHOSOS DE PILARES



Fundação: 19 de fevereiro de 1949

Escola-madrinha: Portela

Cores: azul e branco

Símbolo: cobra

Filiação: LIERJ (Série A)

Bases: Pilares, bairro do subúrbio do Rio, vizinho a Del Castilho, Thomaz Coelho, Inhaúma, Engenho de Dentro e Cachambi, Morro do Urubu e as favelas Fernão Cardin e Rato Molhado

Quadra de ensaios: Rua Faleiro, 01 - Pilares

Site: www.grescaprichososdepilares.com.br

Presidente: César Thadeu

Títulos: 1960 e 1982 (Acesso); 1971 e 2012 (3º Grupo)

Personalidades: Carlinhos de Pilares, Fernando Leandro, Jackson Martins, dentre outras

Dados históricos

Existem duas versões para o símbolo da escola. A primeira sugere uma homenagem a Força Expedicionária Brasileira e a segunda a adoção de um animal totêmico capaz de competir com a águia da Portela e o leão da Estácio, por exemplo.

A Caprichosos sempre se notabilizou por seus enredos irreverentes, dentre os quais se destaca “E por falar em saudade”, do famoso samba *Tem bumbum de fora pra chuchu. Qualquer dia, todo mundo nu.*

Sob o comando do falecido presidente Fernando Leandro, a escola viveu seu melhor momento, permanecendo durante anos no Grupo Especial e fazendo apresentações dignas. Após sua saída, perdeu o rumo e chegou a desfilar no antigo Grupo B, do qual se sagrou campeã em 2012.

GRES ESTÁCIO DE SÁ



Fundação: 12 de agosto de 1927

Cores: vermelho e branco

Símbolo: leão

Filiação: LIERJ (Série A)

Padroeiros: São Cosme e São Damião (mais recentemente, São Jorge)

Bases: O complexo de São Carlos, no Estácio, e os bairros de Fátima, Santo Cristo, Castelo, Gamboa, Central, Lapa, Santa Tereza, Caju e Cidade Nova

Quadra de ensaios: Av. Salvador de Sá, 206 – Cidade Nova

Site: www.greestaciodesa.com.br

Presidente: Leziário Nascimento

Títulos: 1992 (Grupo Especial), 1967, 1973, 1978, 1981, 1983 e 2006 (Acesso), 1965 e 2005 (3º Grupo)

Personalidades: Acyr Pereira Alves, Baiaco, Bicho Novo, Bide, Brancura, Buci Moreira, Caruso, Ciça, Darci Nascimento, Dominginhos do Estácio, Déo, Esteves, Gentil, Hélio Macadame, Ismael Silva, Marçal, Nélon Galinha, Sinhô, dentre outras.

Dados históricos

A fundação da Estácio remete a Deixa Falar, primeira escola de samba, que teve vida curta, mas serviu de semente para a criação de outras escolas no Morro de São Carlos, dentre elas Recreio de São Carlos, Paraíso das Morenas e Cada Ano Sai Melhor. As três se uniram para fundar a Unidos de São Carlos, que adotou o nome Estácio de Sá em 1983. Em 2011, a escola passou a adotar oficialmente a data de fundação de 12 de agosto de 1927.

As cores originais da escola eram azul e branco.

Dominguinhos do Estácio e Mestre Ciça iniciaram suas trajetórias na escola, e mesmo passando por várias agremiações, sempre retornam a ela, de forma oficial ou como convidados.

O morro de São Carlos também foi berço de dois monstros sagrados da MPB: Gonzaguinha e Luiz Melodia.

Sylvio Cunha foi o último carnavalesco da Unidos de São Carlos e o primeiro da Estácio de Sá, quando a escola subiu de grupo e trocou de nome.

GRESE IMPÉRIO DA TIJUCA



Fundação: 08 de dezembro de 1940

Cores: verde e branco

Símbolo: coroa

Filiação: LIERJ (Série A)

Padroeiro: São Jorge

Bases: o Morro da Formiga, na Tijuca

Quadra de ensaios: Rua Castel Nuovo, 288 - Tijuca

Site: www.imperiodatijuca.com.br

Presidente: Antônio Marcos Telles (Tê)

Títulos: 1964, 1970 e 1976 (Acesso); 1979 e 2006 (3ºGrupo)

Personalidades: Jorge Melodia, Marinho da Muda, Sinval Silva, dentre outras.

Dados históricos

Popularmente conhecida como Imperinho, a escola foi a primeira a adotar a palavra “império” em seu nome, e por esse motivo chegou até mesmo a ser cogitada a hipótese dela ser madrinha do Império Serrano, fato que não se confirma.

A escola adota o termo Educativa porque havia no Morro da Formiga um grupo de escoteiros voltados para a alfabetização de crianças, conhecido como Tropa José do Patrocínio.

Em 1996, a escola desfilou simbolicamente, em virtude do forte dilúvio que acometeu a cidade, e foi representada pela sua velha guarda.

Joãosinho Trinta passou pela escola, onde se sagrou campeão do Grupo de Acesso em 1976.

Em 2007, a escola homenageou São Jorge com o enredo “O intrépido Santo Guerreiro”, mas apesar do grande samba e desfile, obteve apenas o quinto lugar.

GRES IMPÉRIO SERRANO



Fundação: 23 de março de 1947

Cores: verde oliva, branco e ouro

Símbolo: coroa

Filiação: LIERJ (Série A)

Padroeiro: São Jorge

Bases: O bairro de Madureira e adjacências, além das comunidades São José, Serrinha, Congonha, Cajueiro, Faz Quem Quer, Largo do Neco e Jorge Turco

Quadra de ensaios: Av. Ministro Edgard Romero, 114 - Madureira

Site: www.gresimperioserrano.com.br

Presidente: Átila Gomes

Presidente de honra: Sebastião Molequinho

Títulos: 1948, 1949, 1950, 1951, 1955, 1956, 1960, 1972 e 1982 (Grupo.Especial); 1998, 2000 e 2008 (Acesso)

Personalidades: Abílio Martins, Aluizio Machado, Aniceto do Império, Arlindo Cruz, Átila Gomes, Bacalhau, Beto Sem Braço, Clementina de Jesus, Darci do Jongo, Dona Ivone Lara, Elói Antero Dias, Ivan Milanez, Jorginho do Império, Jovelina Pérola Negra, Mano Décio da Viola, Mestre Fuleiro, Nilton Campolino,

Roberto Ribeiro, Sebastião Molequinho, Silas de Oliveira, Tia Eulália, Tio Hélio, Wilson das Neves, Zé Luís, dentre outras.

Dados históricos

Os primeiros anos do Império Serrano foram avassaladores, com a conquista do tetracampeonato em 1948, 1949, 1950 e 1951.

Em sua origem, o Império teve estreita relação com o Cais do Porto. Eloi Antero Dias, o Mano Eloi, que dá nome a quadra, foi presidente da escola e do sindicato de estivadores. Em 2001, a escola remeteu-se a este período com o enredo “O Rio que corre pro mar”.

A escola foi responsável por diversas inovações no carnaval carioca, como o uso do prato, frigideira e reco-reco na bateria e os destaques nas alegorias.

São da Serrinha o maior compositor de samba-enredo, Silas de Oliveira, o maior partideiro, Aniceto, e o maior Jongueiro de todos os tempos, Mestre Darci.

O grande orgulho dos componentes da escola é sua gestão democrática e o fato de nunca ter tido um patrono.

Considerado o maior samba-enredo de todos os tempos, “Aquarela Brasileira”, de Silas de Oliveira, foi inspirado na quase honônima canção de Ary Barroso. Imperiano confesso, o compositor morreu no dia que a escola desfilou com o samba, e a notícia chegou a seus componentes pouco antes deles entrarem na avenida.

O primeiro grande samba-enredo assinado por uma mulher é do Império Serrano: “Os Cinco Bailes da História do Rio”, de Dona Ivone Lara, Mano Décio, Silas de Oliveira e Bacalhau

O pioneirismo do Império Serrano também se deu na criação da primeira escola de samba mirim, Império do Futuro, idealizada pelo passista Careca.

Com uma história de vida gloriosa no mundo do samba, Careca ficou conhecido como um dos “Pelés do Samba”, trio de ouro de assistas da verde e branco de Madureira, ao lado de Sérgio Jamelão e de Jorginho do Império.

Vice em 1953, 1954, 1957, 1958, 1962, 1965, 1967, 1968, 1973, 1979, 1984 e rebaixada em 1991, 1997, 1999, 2007 e 2009, o Império sempre foi considerado uma escola injustiçada, o que só fez aumentar a simpatia do público pela verde-e-branca.

GRES PARAÍSO DO TUIUTI



Fundação: 5 de abril de 1954

Escola-madrinha: Mangueira

Cores: azul e ouro

Símbolo: coroa

Filiação: LIERJ (Série A)

Bases: O morro do Tuiuti e o bairro de São Cristóvão, na Zona Norte do Rio de Janeiro

Quadra de ensaios: Campo de São Cristóvão,33 – São Cristóvão

Site: www.paraísodotuiuti.com.br

Presidente: Renato Ribeiro Martins (Thor)

Títulos: 1968, 1997 e 2011 (3º Grupo), 1980 e 1997 (4º Grupo)

Dados históricos

A escola desfilou uma única vez no Grupo Especial da LIESA, com o enredo “Um mouro no Quilombo: isso a história registra” e um samba tido como um dos melhores da era Sambódromo.

Em 2003, a Tuiuti se destacou no Grupo de Acesso com uma bela homenagem a Cândido Portinari e um certo carnavalesco de nome Paulo Barros, contratado pela Unidos da Tijuca logo depois.

GRES RENASCER DE JACAREPAGUÁ



Fundação: 2 de agosto de 1992

Escola-madrinha: Salgueiro

Cores: vermelho e branco

Símbolo: pomba branca junto ao sol

Filiação: LIERJ (Série A)

Bases: Largo do Tanque e demais bairros de Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio de Janeiro

Quadra de ensaios: Av. Nélon Cardoso, 82 – Tanque/Jacarepaguá

Site: www.renascerdejacarepagua.com.br

Presidente: Antônio Carlos Salomão

Títulos: 2011 (Acesso), 1999 (5º Grupo)

Dados históricos

Antigo bloco carnavalesco Bafo de Bode, a Renascer foi criada com o objetivo de ser a grande escola do bairro de Jacarepaguá, cujas agremiações nunca conquistaram espaço no desfile principal.

Em 2009, com o enredo “Como vai, vai bem? Veio a pé ou de trem?”, de Paulo Menezes e Paulo Barros, a Renascer surpreendeu pela segunda colocação no Acesso, que abriu caminho para o campeonato dois anos depois.

GRES SERENO DE CAMPO GRANDE



Fundação: 12 de fevereiro de 1996

Cores: azul e branco

Símbolo: coruja

Filiação: LIERJ (Série A)

Bases: o bairro de Campo Grande, na Zona Oeste do Rio de Janeiro

Quadra de ensaios: Av. Dom Sebastião, s/n - Vila São João - Campo Grande

Site: www.serenodecampogrande.blogspot.com

Presidente: Nelson Rodrigues Chaves

Títulos: 2002 (5º Grupo)

GRES TRADIÇÃO



Fundação: 1º de outubro de 1984

Escola-madrinha: Império Serrano

Cores: azul turquesa, azul royal, branco, ouro e prata

Símbolo: condor

Filiação: LIERJ (Série A)

Bases: o bairro do Campinho, entre Madureira e Jacarepaguá

Quadra de ensaios: Av. Intendente Magalhães, 160 - Campinho

Site: www.grestradicao.blogspot.com

Presidente: Nésio do Nascimento

Títulos: 1991, 1993 e 1997 (Acesso), 1986 (3º Grupo), 1985 (4º Grupo)

Dados históricos

Foi criada por familiares do ex-patrono da Portela, Natal, no mesmo ano do surgimento da LIESA.

Seu nome de fundação foi *Sociedade Recreativa e Cultural Portela Tradição (SRCPT)*, alterado posteriormente para *SCR Amor e Tradição*, devido a uma ação judicial proposta pela diretoria da Portela. Após uma reunião, decidiu-se pelo nome atual, já usado em seu primeiro desfile.

A agremiação teve uma das ascensões mais rápidas da história dos desfiles do Rio de Janeiro, começando no Grupo 2 - e chegando ao atual Grupo Especial em três anos.

Grandes carnavalescos passaram pela escola, como Maria Augusta, Viriato Ferreira e Licia Lacerda.

Durante os primeiros cinco anos de existência da agremiação, a dupla Paulo César Pinheiro e João Nogueira assinou a autoria dos sambas de enredo.

GRES UNIÃO DE JACAREPAGUÁ



Fundação: 15 de novembro de 1956

Escola-madrinha: União de Vaz Lobo

Cores: verde e branco

Símbolo: aperto de mãos

Filiação: LIERJ (Série A)

Padroeiro: São Jorge

Bases: Os bairros de Vila Valqueire, Praça Seca e Campos dos Afonsos, na Zona Oeste do Rio de Janeiro

Quadra de ensaios: Av. Intendente Magalhães, 445 – Vila Valqueire

Site: www.uniaodejacarepagua.com.br

Presidente: Reinaldo Bandeira da Costa

Título: 1998 (5ºGrupo)

Dados históricos

Foi a primeira escola a receber a visita de um presidente, quando Juscelino Kubitschek esteve presente em sua quadra.

O grande Paulinho da Viola deu seus primeiros passos na escola, antes de se transferir para a Portela.

Em 2004, no Grupo de Acesso, a escola fez seu melhor desfile, com enredo sobre a cidade do Rio de Janeiro e um samba que ganhou Estandarte de Ouro.

Em 2006, a União de Jacarepaguá estabeleceu uma parceria com a Secretaria de Cultura da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e colaborou no desfile da escola de samba Flor da Idade, voltada para maiores de 65 anos.

GRES UNIÃO DE PARQUE CURICICA



Fundação: 1º de março de 1993

Escola-madrinha: Grande Rio

Cores: azul, vermelho e branco

Símbolo: aperto de mãos

Lema: Sou Curicica e nada me aborrece

Filiação: LIERJ (Série A)

Padroeiro: São Jorge

Bases: O bairro de Curicica, em Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio de Janeiro

Quadra de ensaios: Rua Aruá, 385 – Curicica/Jacarepaguá

Site: www.curicica.com.br

Presidente: Edson Procópio

Títulos: 2000 (5º Grupo), 2005 (4º Grupo)

GRES UNIDOS DE PADRE MIGUEL



Fundação: 12 de novembro de 1957

Escola-madrinha: Unidos do Viradouro

Cores: vermelho e branco

Símbolo: aperto de mãos

Filiação: LIERJ (Série A)

Padroeiro: São Jorge

Bases: Os bairros de Bangu, Padre Miguel e a Vila Vintém

Quadra de ensaios: Rua Mesquita, 08 – Padre Miguel

Presidente: Simões Gama

Títulos: 1959 (Acesso), 2009 (3º Grupo), 2006 (4º Grupo), 2005 (5º Grupo)

Dados históricos

Foi a grande rival da Mocidade Independente até a verde-e-branca se tornar escola do porte atual.

Seu samba de 1972, sobre o bairro de Madureira, é histórico.

Teve ascensão meteórica entre 2005 e 2009, quando subiu de grupo três vezes em quatro anos.

GRES UNIDOS DE VILA SANTA TEREZA



Fundação: 20 de dezembro de 1956

Escola-madrinha: Portela

Cores: azul, branco e dourado

Símbolo: águia

Filiação: LIERJ (Série A)

Bases: O bairro de Vila Santa Tereza, entre Coelho Neto e Rocha Miranda

Quadra de ensaios: Rua Ururai – Coelho Neto

Presidente: Marcelo Figueiredo

Títulos: 1982 e 2011 (4ºGrupo)

GRES UNIDOS DO JACAREZINHO



Fundação: 1º de março de 1993

Escola-madrinha: Mangueira

Cores: rosa e branco

Símbolo: jacaré

Filiação: LIERJ (Série A)

Bases: As comunidades de Jacaré, Jacarezinho, Manguinhos, na Zona Norte do Rio de Janeiro

Quadra de ensaios: Av. Dom Hélder Câmara, 2233 – Vieira Fazenda

Site: www.unidosdojacarezinho.com.br

Presidente: José Roberto da Silva

Títulos: 1986 (Acesso), 1967, 1982 e 1998 (3º Grupo), 2008 (4º Grupo)

GRES UNIDOS DO PORTO DA PEDRA



Fundação: 8 de março de 1978

Escola-madrinha: União da Ilha

Cores: vermelho e branco

Símbolo: tigre

Filiação: LIERJ (Série A)

Padroeiro: São Jorge

Bases: O município de São Gonçalo

Quadra de ensaios: Rua João Silva, 84 - Porto da Pedra (São Gonçalo)

Site: www.unidosdoportodapedra.com.br

Presidente: Fábio Montibelo

Títulos: 1981 (São Gonçalo), 1995 e 2001 (Acesso)

Dados históricos

Primeira e única escola de São Gonçalo a desfilar no Grupo Especial, a Porto da Pedra estreou de forma marcante no mesmo em 1996, com o enredo “Um carnaval dos carnavais”.

Após um período de instabilidade, a escola se manteve durante onze anos no desfile principal, até a queda em 2012.

Recentemente a escola abriu mão da quadra no bairro de Vila Lage e retornou para a antiga, no Porto da Pedra.

GRES UNIDOS DO VIRADOURO



Fundação: 24 de julho de 1946

Escola-madrinha: Portela

Cores: vermelho e branco

Símbolo: aperto de mãos coroado entre uma mão negra e outra branca

Filiação: LIERJ (Série A)

Padroeiro: São João e N. S^a Auxiliadora

Bases: As cidades de Niterói e São Gonçalo

Quadra de ensaios: Av. Do Contorno, 16 – Barreto (Niterói)

Site: www.gresviradouro.com.br

Presidente: Gustavo Clarão

Presidente de honra: José Carlos Monassa Bessil

Titulos: 1949, 1950, 1952, 1953, 1956, 1957, 1958, 1959, 1962, 1963, 1971, 1973, 1974, 1980, 1981, 1982, 1983 e 1984 (Niterói), 1989 (3º Grupo), 1990 (Acesso), 1997 (Grupo Especial).

Dados históricos

Maior campeã de Niterói, a Viradouro foi a primeira a desfilar no Rio, em 1965. Só vinte e um anos depois, no entanto, retornou à cidade na qual se sagrou campeã em 1997.

As primeiras cores da Viradouro foram azul e rosa, em homenagem à padroeira N.S^a Auxiliadora e ao fato de seus fundadores torcerem para Portela e Mangueira, respectivamente. Com a chegada de Albano, simpatizante do Salgueiro, a escola mudou para o atual vermelho e branco.

O desfile de 1998, ano em que a escola defendeu o título, serviu como filmagem para o longa “Orfeu”, de Cacá Diegues, sendo o enredo sugerido exatamente com essa finalidade.

GRES ACADÊMICOS DO SOSSEGO



Fundação: 10 de novembro de 1969

Escola Madrinha: Portela

Cores: azul e branco

Endereço: Av. Rui Barbosa, 264 – Niterói

Filiação: AESCRJ (Grupo C)

Presidente: José Adriano Valle da Costa (Folha)

Títulos: 1986, 1987, 1988, 1990 (Niterói), 2009 (4º Grupo), 1997 e 2008 (5º Grupo)

GRES ARRANCO DO ENGENHO DE DENTRO



Fundação: 21 de março de 1973

Escola Madrinha: Portela

Cores: azul e branco

Lema: O Arranco é todo amor

Endereço: Rua Adolfo Bergamini, 196 – Engenho de Dentro

Filiação: AESCRJ (Grupo C)

Presidente: Tatiana dos Santos Irineu

Títulos: 1988 (Acesso), 1975, 1984 e 1996 (3º Grupo)

GRES BOI DA ILHA DO GOVERNADOR



Fundação: 13 de março de 1988

Escola Madrinha: Mocidade

Cores: vermelho, preto e branco

Endereço: Rua Pio Dutra, 279 – Ilha do Governador

Filiação: AESCRJ (Grupo B)

Presidente: Luiz Martins (Luizinho)

Títulos: 1993 e 1996 (4º Grupo)

GRES DIFÍCIL É O NOME



Fundação: 31 de março de 1973

Escola Madrinha: Unidos do Jacarezinho

Cores: vermelho e branco

Endereço: Av. Dom Hélder Câmara, 6990 - Pilares

Filiação: AESCRJ (Grupo B)

Presidente: Hélio Baraçal Grande (Maneco)

Presidente de Honra: Stephan Necessian

Títulos: 1994 (3ºGrupo)

GRES EM CIMA DA HORA



Fundação: 15 de novembro de 1960

Escola Madrinha: Portela

Cores: azul e branco

Endereço: Rua Zeferino da Costa, 556 - Cavalcanti

Filiação: AESCRJ (Grupo B)

Presidente: Heitor Fernandes

Títulos: 1968 e 1971 (Acesso), 1966 e 1978 (3º Grupo), 2006 e 2010 (5º Grupo)

GRES FAVO DE ACARI



Fundação: 18 de outubro de 2004

Escola Madrinha: Grande Rio

Cores: verde, rosa e outro

Endereço: Rua Piracambu, 604 - Acari

Filiação: AESCRJ (Grupo B)

Presidente: Antônio Carlos Fogueira

Títulos: 2009 (6º Grupo)

GRES IMPÉRIO DA PRAÇA SECA



Fundação: 28 de junho de 2009

Escola Madrinha: Império Serrano

Cores: verde e branco

Endereço: Rua Alm. Melquíades de Souza s/n – Praça Seca

Filiação: AESCRJ (Grupo B)

Presidente: Gustavo Barros

Presidente de Honra: Sandro Avellar

Títulos: 2011 (5º Grupo)

GRES MOCIDADE DE VICENTE DE CARVALHO



Fundação: 07 de fevereiro de 1988

Escola Madrinha: Império Serrano

Cores: verde e branco

Endereço: Av. Martin Luther King, 5309 – Vicente de Carvalho

Filiação: AESCRJ (Grupo B)

Títulos: 2007 (4º Grupo)

GRES ROSA DE OURO



Fundação: 17 de março de 1970

Escola Madrinha: Portela

Cores: azul, ouro e branco

Endereço: Rua Coelho Lisboa, 201 – Oswaldo Cruz

Filiação: AESCRJ (Grupo B)

Presidente: Hélio José (Julinho)

Presidente de Honra: Marcos Falcon

Títulos: 2006 (6º Grupo)

GRES UNIDOS DA PONTE



Fundação: 3 de novembro de 1952

Escola Madrinha: Mangueira

Cores: azul e branco

Endereço: Rua Sargento de Milícias, 506 - Pavuna

Filiação: AESCRJ (Grupo B)

Presidente: Nélon Pontes da Silva

Presidente de Honra: Edson Tessier

Títulos: 1985 (Acesso), 1981 (3º Grupo)

GRES UNIDOS DE LUCAS



Fundação: 1º de maio de 1966

Cores: vermelho e outro

Endereço: Rua Cordovil, 333 – Parada de Lucas

Filiação: AESCRJ (Grupo B)

Presidente: Anivaldo Fernandes

Presidente de Honra: Agnaldo Timóteo

Títulos: 2003 (4º Grupo), 2011 (6º Grupo) e 2012 (5º Grupo)

GRES UNIDOS DE VILA KENNEDY



Fundação: 06 de novembro de 1968

Escola Madrinha: Mocidade Independente

Cores: vermelho e branco

Endereço: Av. Brasil, 34320 – Vila Kennedy

Filiação: AESCRJ (Grupo B)

Presidente: Manoel Ferreira

Títulos: 2000 (4º Grupo)

GRES UNIDOS DE VILLA RICA



Fundação: 20 de março de 1966

Escola madrinha: Unidos de Vila Isabel

Cores: azul e ouro

Endereço: Ladeira dos Tabajaras, 681 - Copacabana

Filiação: AESCRJ (Grupo B)

Presidente: Jairo Valério

Títulos: 1994 (Acesso), 1993 (3º Grupo), 1991 (5º Grupo)

GRES ACADÊMICOS DA ABOLIÇÃO



Fundação: 20 de janeiro de 1973

Escola madrinha: Caprichosos de Pilares

Cores: verde e branco

Endereço: Rua Teixeira de Azevedo, 69 - Abolição

Filiação: AESCRJ (Grupo C)

Presidente: Marcelo Dentinho

GRES ACADÊMICOS DO DENDÊ



Fundação: 20 de Junho de 1992

Escola madrinha: Unidos de Vila Isabel

Cores: azul e branco

Endereço: Estrada do Dendê, 191 - Tauá - Ilha do Governador

Filiação: AESCRJ (Grupo C)

Presidente: Antônio Costa (Tuninho)

Títulos: 3º Grupo (1995), 4º Grupo (1994), 6º Grupo (2001)

GRES ACADÊMICOS DE VIGÁRIO GERAL



Fundação: 13 de março de 1991

Escola madrinha: União da Ilha

Cores: azul, vermelho e branco

Endereço: Rua Alvarenga Peixoto, 60 – Vigário Geral

Filiação: AESCRJ (Grupo C)

Presidente: Elizabeth da Cunha (Betinha)

Títulos: 1992 (5º Grupo)

GRES ARRASTÃO DE CASCADURA



Fundação: 27 de abril de 1973

Escola madrinha: Império Serrano

Cores: verde e branco

Endereço: Rua Caetano da Silva, 700 - Cascadura

Filiação: AESCRJ (Grupo C)

Presidente: Édson Vieira

Títulos: 1977 (Acesso), 1976, 1988 e 1992 (3º Grupo)

GRES ACADÊMICOS DO ENGENHO DA RAINHA



Fundação: 21 de junho de 1949

Escola madrinha: Portela

Cores: vermelho e branco

Endereço: Rua Mário Ferreira, 257 – Engenho da Rainha

Filiação: AESCRJ (Grupo C)

Presidente: Bad Boy

Títulos: 2009 (5º Grupo)

GRES BOCA DE SIRI



Fundação: 7 de dezembro de 1979

Escola madrinha: Imperatriz Leopoldinense

Cores: verde e branco

Endereço: Comunidade Roquete Pinto - Ramos

Filiação: AESCRJ (Grupo C)

Presidente: Vadão

Títulos: 2012 (6º Grupo)

GRES CORAÇÕES UNIDOS DO AMARELINHO



Fundação: 18 de janeiro de 1992

Escola madrinha: Inocentes de Belford Roxo

Cores: azul e amarelo

Endereço: Av. Brasil, 18476 - Irajá

Filiação: AESCRJ (Grupo C)

Presidente: Antônio Carlos Rimas (Toquinho)

Títulos: 2007 (5º Grupo)

GRES GATO DE BONSUCCESSO



Fundação: 16 de fevereiro de 1999

Escola madrinha: Portela

Cores: azul e branco

Endereço: Rua São Jorge, s/n – Bonsucesso

Filiação: AESCRJ (Grupo C)

Presidente: Jorge Canindé

GRES MOCIDADE UNIDA DA CIDADE DE DEUS



Fundação: 20 de março de 1970

Escola madrinha: Unidos de Lucas

Cores: azul e branco

Endereço: Rua Edgard Werneck, 1603 - Jacarepaguá

Filiação: AESCRJ (Grupo C)

Presidente: Beto

Títulos: 1983 (4º Grupo), 2004 (6º Grupo)

GRES UNIDOS DE BANGU



Fundação: 15 de novembro de 1937

Cores: vermelho e branco

Endereço: Rua Santa Cecília, 741 - Bangu

Filiação: AESCRJ (Grupo C)

Presidente: Rafael Marçal

Presidente de Honra: Thiago Pampolha

Patrono: Renato Moura

Títulos: 1957 (Acesso), 1962 (3º Grupo)

SERES UNIDOS DO CABUÇU



Fundação: 28 de dezembro de 1945

Escola madrinha: Portela

Cores: azul e branco

Endereço: Rua Araújo Leitão, 925 – Lins de Vasconcelos

Filiação: AESCRJ (Grupo C)

Presidente: Carlos Alberto Vieira

Título: 1984 (Acesso)

SRES LINS IMPERIAL



Fundação: 7 de março de 1973

Escola madrinha: Portela e Mangueira

Cores: verde e rosa

Endereço: Rua Lins de Vasconcelos, 603 – Lins de Vasconcelos

Filiação: AESCRJ (Grupo C)

Presidente: Cláudio Lúcio (Cacá)

Títulos: 1975 (Acesso), 1997, 2003 e 2007(3º Grupo)

ARES VIZINHA FALADEIRA



Fundação: 10 de dezembro de 1932

Cores:, azul, vermelho e branco

Endereço: Pça Marechal Hermes, 63 – Santo Cristo

Filiação: AESCRJ (Grupo D)

Presidente: Jorge Alexandre (Quinzinho)

Títulos: 1937 (Grupo Especial), 2004 (3º Grupo), 1992 (4º Grupo), 1990 (5º Grupo)

GRES ARAME DE RICARDO DE ALBUQUERQUE



Fundação: 18 de março de 1995

Escola madrinha: Estácio de Sá

Cores: azul e branco

Endereço: Rua Arapiranga, 221 – Ricardo de Albuquerque

Filiação: AESCRJ (Grupo D)

Presidente: César Eleutério Gomes

GRES CHATUBA DE MESQUITA



Fundação: 11 de maio de 2003

Escola madrinha: Rosa de Ouro

Cores: verde e branco

Endereço: Rua Dr. Godói, 769 – Chatuba (Mesquita)

Filiação: AESCRJ (Grupo D)

Presidente: Natalino Augusto

Presidente de honra: Paulinho Paixão

CCES FLOR DA MINA DO ANDARAÍ



Fundação: 12 de dezembro de 1962

Escola madrinha: Salgueiro

Cores: verde, vermelho e branco

Endereço: Rua Leopoldo, 938 - Andaraí

Filiação: AESCRJ (Grupo D)

Presidente: Carlinhos Melodia

Presidente de honra: Miro Garcia

Títulos: 1995 (4º Grupo), 1993 e 2004 (5º Grupo), 2003 (6º Grupo)

GRES LEÃO DE NOVA IGUAÇU



Fundação: 15 de novembro de 1968

Escola madrinha: Beija-Flor

Cores: vermelho, ouro e branco

Endereço: Rua Mário José de Fraga, 40 – Santa Eugênia (Nova Iguaçu)

Filiação: AESCRJ (Grupo D)

Presidente: Odervan Rodrigues da Silva (Bira)

Presidente de honra: Jorge Marotte

Títulos: 1990 e 2000 (3º Grupo), 1988 e 1999 (4º Grupo), 2010 (6º Grupo)

GRES MATRIZ DE SÃO JOÃO DE MERITI



Fundação: 1º de janeiro de 2008

Escola madrinha: São Clemente

Cores: verde, amarelo, azul e branco

Endereço: Rua Moacyr Marques de Morada, 46 – São João de Meriti

Filiação: AESCRJ (Grupo D)

Presidente: Rozemberg Azevedo (Berg)

Presidente de honra: Marcelo Simão

GRES MOCIDADE INDEPENDENTE DE INHAÚMA



Fundação: 07 de maio de 1995

Escola madrinha: Mocidade

Cores: azul e branco

Endereço: Pça Muiraquitã, s/n - Inhaúma

Filiação: AESCRJ (Grupo D)

Presidente: Tércio de Azevedo

Presidente de honra: Neil de Paula

Títulos: 1997 e 2007 (6º Grupo)

GRES MOCIDADE UNIDA DO SANTA MARTA



Fundação: 08 de março de 1992

Escola madrinha: Mocidade

Cores: azul e branco

Endereço: Rua Jupira, 72 - Botafogo

Filiação: AESCRJ (Grupo D)

Presidente: Haroldo Fully

Títulos: 1993 (6º Grupo)

GRES TRADIÇÃO BARREIRENSE DE MESQUITA



Fundação: 27 de dezembro de 2000

Escola madrinha: Tradição

Cores: azul e branco

Filiação: AESCRJ (Grupo D)

Presidente: Ely Francisco Filho

Presidente de honra: Uiranildo

GRES UNIDOS DE COSMOS



Fundação: 1º de janeiro de 1948

Escola madrinha: Unidos de Bangu

Cores: verde e branco

Endereço: Rua Iguaçu, 191 - Cosmos

Filiação: AESCRJ (Grupo D)

Presidente: Rafael Júnior

Presidente de honra: Professor Geraldo

GRES UNIDOS DO ANIL



Fundação: 21 de junho de 1997

Escola madrinha: Viradouro

Cores: azul e branco

Endereço: Rua Araticum, 603 - Anil

Filiação: AESCRJ (Grupo D)

Presidente: Moisés Fernandes

GRES UNIDOS DE MANGUINHOS



Fundação: 23 de abril de 1964

Escola madrinha: Mangueira

Cores: verde, rosa e branco

Endereço: Av. dos Democráticos,32 - Mangueira

Filiação: AESCRJ (Grupo D)

Presidente: Willian

INATIVAS

Bohêmios de Inhaúma: Rival da Mocidade Independente de Inhaúma, desfilou pela primeira vez como escola de samba em 1989, um ano após ser fundada. Desceu do Grupo E em 2011, e como não desfilou no Grupo 1 de blocos esse ano, foi rebaixada para o Grupo 2.

Canários de Laranjeiras: Fundada em 1949, a escola é afilhada da Unidos da Tijuca e já foi campeã do 4º Grupo em 1991. Desfilou no Grupo de Acesso em 1994, quando ganhou Estandarte de Ouro de melhor samba, e 1995, sem a bateria, que não chegou a tempo. Rebaixada no Grupo E em 2012, luta para voltar a ser escola de samba no Grupo 1 dos blocos de enredo

Delírio da Zona Oeste: Fundada a 9 de março de 1998, de cores azul e branco e tendo como símbolo uma cobra naja. Afilhada da Beija-Flor. Foi rebaixada no Grupo E em 2012, ano em que contou com o intérprete Rixxa em seus quadros. Atualmente, desfila como *hors-concours* em Campo Grande, seu bairro sede.

Independente de São João de Meriti: Surgiu da fusão da Independente da Praça da Bandeira com a Unidos do Coqueiro em 2009 e sagrou-se campeã do antigo grupo C no ano seguinte. Em 2011, desfilou no Sambódromo, e após ser rebaixada, solicitou exclusão da AESCRJ para desfilar apenas em seu município de origem.

Infantes da Piedade: Fundada em 1966, tornou-se escola de samba 33 anos depois, e o máximo que conseguiu nesta condição foi um sexto lugar no 5º Grupo, em 2001. Dez anos depois, foi rebaixada ao Grupo 1 da Federação de Blocos, onde não desfilou. Atualmente, figura no Grupo 2.

Paraíso da Alvorada: Sediada no Complexo do Alemão, mais precisamente na comunidade da Alvorada. Suas cores são o preto, o amarelo e o vermelho, cores da bandeira da Alemanha, um modo de não deixar dúvidas sobre o bairro que deu origem à escola, tendo na sua vizinhança uma coirmã de peso, a Imperatriz Leopoldinense. Fundada em 2002, é afilhada da Paraíso do Tuiuti, e desfilou como escola de samba até 2011, quando foi desclassificada do antigo Grupo E.

União de Vaz Lobo: Uma das mais antigas escolas de samba cariocas, ao lado de Portela, Mangueira e Unidos da Tijuca. Grandes nomes como Vilma Nascimento e Juju Maravilha já figuraram em seus quadros. Esteve no Grupo Especial pela última vez em 1954, e já foi campeã do 4º Grupo em 1984. Foi rebaixada do Grupo E em 2012, após homenagear a Beija-Flor. Recentemente, teve sua quadra desapropriada para a construção da Transcarioca, e vem realizando seus ensaios no GRBC Bohêmios de Irajá.

Unidos do Cabral: Fundado em 1953 como bloco carnavalesco no bairro do Caxambi, tornou-se escola de samba 45 anos depois, em 1998. Rebaixado do Grupo E no ano de 2012, atualmente encontra-se no Grupo 1 dos blocos de enredo.

Unidos do Uraiti: Fundada em 1960, desfilou como escola pela primeira vez em 1989. Foi campeã do Grupo E em 2005, e é afilhada da Acadêmicos de Santa Cruz. Rebaixada ao Grupo 1 dos blocos em 2011 e ao Grupo 2 em 2012.

EXTINTAS

Acadêmicos do Caxambi: Assumiu o lugar da escola de samba Inferno Verde, que não vinha tendo bom desempenho, e jamais passara do Grupo 3. Em 1982, a Acadêmicos do Cachambi obteve o vice-campeonato, no Grupo 2-B, equivalente hoje ao Grupo de Acesso C, com o enredo *Da Magia à Alegria*. Em 1993, foi desclassificada porque não desfilou no chamado Grupo de Acesso, equivalente hoje ao D. Em 1996, foi uma das rebaixadas do Grupo D ao promover o enredo *Araribóia, o Cobra da Tempestade*, ficando em 11º lugar. Em 1997, foi campeã do Grupo de Acesso E, mas dissolveu-se a partir de 1998, não mais participando dos desfiles.

Aprendizes da Boca do Mato: Representava a região denominada Boca do Mato, um bairro não-oficial localizado entre o Méier e o Engenho de Dentro. A escola foi fundada no ano de 1954. Foi nela que Martinho José Ferreira, o Martinho da Vila, começou a dar seus primeiros passos no mundo do samba. Lá, ele venceu por sete vezes consecutivas a disputa de sambas-enredo nos anos 1960. O forte da agremiação era a sua bateria. Seu último desfile, já sem Martinho, foi no ano de 1968, pelo Grupo B.

Aprendizes de Lucas: Fundada em 15 de novembro de 1932, foi por três vezes vice-campeã do Carnaval carioca, ficando atrás do Império Serrano em 1950 e 1951 e do Salgueiro, Império Serrano, Portela, Capela e Mangueira em 1960. A Escola tinha como referencia geográfica o lado esquerdo da Estação de Parada de Lucas (direção Duque de Caxias) e a Igreja de São Sebastião, seu padroeiro e protetor. Seu símbolo era um leão. Em 1966, a Aprendizes de Lucas uniu-se à Unidos da Capela, do mesmo bairro, dando origem à escola de samba Unidos de Lucas.

Azul e Branco do Salgueiro: Foi uma tradicional escola de samba, situada no Morro do Salgueiro. Em 1953, fundiu-se com a escola Depois eu Digo, da mesma localidade, para fundar o Salgueiro.

Acadêmicos da Barra da Tijuca: Nos três primeiros desfiles, a escola ganhou o campeonato. Chegou em 2003 ao Grupo B, podendo desfilar na Marquês de

Sapucaí pela primeira vez em sua história. Nesse ano, conquistou um excepcional 4º lugar, quase sendo promovida ao Grupo de Acesso A. Nos anos seguintes, no entanto, a escola passou por dificuldades e registrou três descensos seguidos. Em 2007, já com a ordem de desfile sorteada, oficializou que não desfilaria. Por conta disso, foi suspensa pela AESCRJ por dois carnavais. Por fim, enrolou a bandeira.

Cada Ano Sai Melhor: Uma das primeiras escolas de samba do Brasil, foi criada ainda em 1928, mesmo ano da Deixa Falar. Seu nome inicial era Para o Ano Sai Melhor, sendo também conhecida como "segunda linha do Estácio", conseguindo o vice-campeonato no primeiro concurso oficial, em 1932, ainda com o nome antigo. A escola nasceu na localidade conhecida como *Beco da Padeira*, atual *Capela* no alto do Morro de São Carlos. Em 27 de fevereiro de 1955, uniu-se às escolas Recreio de São Carlos e Paraíso das Morenas para formar a Unidos de São Carlos, atual GRES Estácio de Sá.

Deixa Falar: Fundada em 12 de agosto de 1928, no nº 27 da Rua Maia de Lacerda, na casa de Chystalino, sargento da polícia e pai do sambista Biju, a escola tinha entre seus grandes nomes o sambista Ismael Silva, que foi quem lhe batizou. Considerada por alguns pesquisadores do samba como apenas um bloco, foi de fato a primeira escola de samba no sentido literal do termo, pois seus componentes ensinavam e difundiam o samba, fato reconhecido por todos os pioneiros do gênero. Posteriormente foi também um rancho. A Deixa Falar durou pouco tempo, fazendo "embaixadas" (visitas a outros redutos de samba como Mangueira, Oswaldo Cruz e Madureira) e desfilando na Praça Onze nos carnavais de 1929, 1930 e 1931, não chegando a participar do primeiro concurso oficial das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, organizado em 1932 pelo jornal Mundo Sportivo. Neste ano, preferiu passar para a categoria de rancho.

Filhos do Deserto: Foi uma tradicional escola de samba da cidade do Rio de Janeiro, situada no bairro de Lins de Vasconcelos. Em 1963, fundiu-se com a escola Flor do Lins, da mesma localidade, para fundar a Lins Imperial.

Flor do Lins: Foi uma tradicional escola de samba da cidade do Rio de Janeiro, situada no bairro de Lins de Vasconcelos. Em 1963, fundiu-se com a escola Filhos do Deserto, da mesma localidade, para fundar a Lins Imperial.

Foliões de Botafogo: Surge a 20 de janeiro de 1950 como Bloco Carnavalesco Foliões de Botafogo, transformado em escola de samba somente 20 anos mais tarde. A agremiação ensaiava na Rua Mena Barreto, de cores vermelho e branco. Seu símbolo era um Arlequim. Personalidades frequentavam seus ensaios, como Vatusi, Walter Alfaiate, Beth Carvalho, Almir Guineto, Carlinhos Passista, dentre outros. Seu retrospecto começa em 1974, no Grupo 3 (atual Acesso B), quando na estreia consegue o vice-campeonato com o enredo *Batismo do gigante adormecido*. Em 2004, foi apenas 4ª colocada no Grupo D, não conseguindo promoção para o ano seguinte. O enredo apresentado foi *Um conto tapajó-madeira, Foliões enfeitando a fauna brasileira*. Foi o último ano de uma longa trajetória dessa agremiação carnavalesca.

Império do Marangá: Escola de samba extinta do bairro de Jacarepaguá. Foi fundada a 20 de janeiro de 1957, a partir da fusão das escolas Império de Jacarepaguá e Unidos do Marangá. Suas cores eram o azul e o branco. Sua sede ficava na Rua Maricá. A Império do Marangá foi a primeira escola a desfilar na Passarela do Samba. Leandro Miguel da Silva, de seis anos, foi o primeiro sambista a pisar o asfalto do Sambódromo, em 02/03/1984. A escola enrolou bandeira em 1999.

Independentes de Cordovil: A Independentes de Cordovil foi fundada em 20 de junho de 1946 com o nome de Independentes do Leblon, e com as cores azul-celeste e amarelo-ouro. Era uma escola oriunda da comunidade da Praia do Pinto, no Leblon, e sua sede funcionava nas imediações do local onde hoje está instalada a Cobal. Foi a primeira escola da Zona Sul a desfilar no grupo principal de escolas de samba. Em 1969, um incêndio na favela da Praia do Pinto motivou sua remoção pelo governador do estado da Guanabara, Negrão de Lima, e seus moradores foram transferidos para a Cidade Alta, em Cordovil. Mesmo diante das dificuldades, a escola trocou de nome para Independentes

de Cordovil, e prosseguiu no Carnaval Carioca. O “dragão da Leopolina” só encerraria suas atividades décadas depois, em 1997.

Lira do Amor: Situava-se no suburbio de Bento Ribeiro. Foi a escola para a qual Paulo da Portela migrou após desligar-se da azul-e-branco de Oswaldo Cruz, que ajudou a fundar.

Nação Rubro-Negra: A inspiração veio através da Gaviões da Fiel, famosa escola de samba paulistana, representante do Corinthians. A diferença entre as duas é que a Nação Rubro-Negra não era uma torcida organizada, nem era ligada a uma torcida em específico. Apenas era uma agremiação carnavalesca voltada para os torcedores do Flamengo. Após herdar a vaga da Mocidade de Vasconcelos, estreou no Grupo D em 1997, com o enredo "*Sou Nação 2004, um Rio de integração*", terminando em 11º lugar entre 12 escolas. Com o rebaixamento, não mais desfilou, sendo extinta.

Paraíso das Baianas: Coexistiu com a Unidos do Tuiuti, à qual foi extinta primeiro, deixando como sucessora o *Bloco dos Brotinhos*. Em 5 de abril de 1954, a Paraíso das Baianas e o Bloco dos Brotinhos foram extintos para que fosse criada a Paraíso do Tuiuti.

Prazer da Serrinha: Foi presidida durante toda a sua existência por Alfredo Costa, que segundo os fundadores do Império Serrano, se considerava o dono da escola e tomava decisões sozinho. Os dois melhores resultados da Prazer da Serrinha foram a vitória do desfile extra de 1946, organizado pelo jornal *Tribuna Popular* em homenagem a Luis Carlos Prestes, e o campeonato de 1950, pela UGESB, empatada com a Unidos da Capela. Com o crescimento dos dissidentes do Império Serrano, que desfilava na época pela FBES e em 1951 foi tetracampeão, a Prazer da Serrinha não mais desfilou a partir de 1952, quando houve a reunificação dos desfiles no Rio de Janeiro. Seu último desfile foi em 1951, quando terminou na 9ª colocação. Porém, Alfredo Costa, que era sogro de Ivone Lara, ainda viria a ser presidente do Império Serrano anos mais tarde.

Quilombo: Fundada pelos compositores Candeia, Nei Lopes e Wilson Moreira, em 8 de dezembro de 1975. Não é filiada à AESCRJ, não participa de nenhum desfile competitivo e sua última apresentação foi em 2003. Surgiu como iniciativa do sambista para resgatar valores originais do samba, que segundo ele estariam se perdendo em meio ao Carnaval comercial. Buscando o retorno aos desfiles, o Quilombo nunca deixou de funcionar em sua comunidade com trabalhos sociais e culturais. Sua sede fica em Fazenda Botafogo, rua Ouseley, 810 - Acari - Fazenda Botafogo.

Recreio de Ramos: Foi uma tradicional escola de samba da cidade do Rio de Janeiro, situada no bairro de Ramos, na rua Paranapanema nº 52, fundada em 1931. Foi campeã do desfile das escolas de samba em 1934. Após sua extinção, alguns de seus remanescentes ajudaram a fundar a Imperatriz Leopoldinense, em 1959.

Tupy de Brás de Pina: Fundada a 20 de janeiro de 1951 com as cores azul e branco. Pertenceu em tempos áureos à elite do carnaval carioca. Ganhou notoriedade pela apresentação do samba “Seca do Nordeste” no carnaval de 1961, quando foi vice-campeã do Grupo de Acesso A, perdendo apenas para a Unidos do Cabuçu. Desfilou pela última vez no ano de 1998.

Unidos da Capela: Fundada em 15 de janeiro de 1933, foi duas vezes campeã do Carnaval carioca, porém, em ambas, dividiu o título com outras escolas. Em 1963, sagrou-se campeã do Grupo de Acesso, retornando em 1964 à elite do Carnaval carioca. De cores azul e branco, que adotou de sua padroeira (Nossa Senhora da Conceição), cultuada na capela daquela região, daí também o seu nome. Sua bateria foi a primeira a receber a alcunha de Tabajara do Samba, pela batida imponente. Em 1966, sua diretoria considerou que a fusão com a rival Aprendizes de Lucas, do mesmo bairro, iria fazer a escola crescer e criou-se a Unidos de Lucas.

Unidos do Campinho: Ficava sediada no Morro do Fubá. Nasceu da união de vários blocos do Complexo do Campinho, que inclui, além do próprio Fubá, outras comunidades situadas na divisa entre Cascadura, Fazenda da Bica e Campinho. Seu símbolo era um gavião e as cores azul e branco.

QUESITOS

“Meu coração carnavalesco não foi mais que um adereço. Teve um dez em fantasia, mas perdeu em harmonia”

(Jorge Aragão)

BATERIA

O quesito bateria talvez seja o que mais passou por modificações nos últimos tempos. Houve uma época, até meados dos anos 1990, em que os jurados eram muito complacentes nas notas que davam a este, e quase nunca o “coração da escola” perdia ponto. O advento de novas convenções - paradinha, “bossas” e coreografias em todas as baterias - fez com que os jurados passassem a ser mais criteriosos na hora de dar a nota, afinal, não seria justo dar 10 para uma bateria que interagiu com o público e repetir a nota para outra que passou “reta” pela avenida.

Atualmente, o julgador responsável por este quesito deve estar atento ao modo como a bateria mantém o som em consonância com o samba-enredo, à perfeita união dos sons emitidos por todos os instrumentos e à criatividade e versatilidade da mesma. Não devem ser considerados, entretanto, eventuais panes no sistema de som da avenida, paradas não-obrigatórias não feitas e a quantidade de componentes, desde que dentro do limite mínimo de 200 ritmistas.

Cada bateria possui características próprias. A da Estácio, por exemplo, sempre teve um andamento mais acelerado que a das coirmãs, e atualmente serve de referência para muitas delas, como São Clemente, Unidos da Tijuca e Viradouro. O costume de se tocar caixa apoiada no ombro nasceu no Morro de São Carlos, quando componentes das escolas lá existentes escondiam o rosto com o instrumento para fugir da repressão policial. A bateria da Estácio é conhecida como Medalha de Ouro, devido a um concurso que ganhou no Maracanãzinho décadas atrás. Dentre seus diretores mais famosos, destaca-se Ciça, que promoveu inúmeras inovações rítmicas e criou diversas coreografias não só na escola, mas também na Viradouro, onde pôs a bateria para desfilar em cima de um carro alegórico.

Pouca gente sabe, mas este fato não é inédito. Em 1978, a bateria da Mocidade, sob o comando de Mestre André, já havia desfilado num carro voltado para os ritmistas. Criador da paradinha, Mestre André fez com que sua bateria se destacasse das demais, até que todas passaram a copiá-la quando desfilar sem inovações tornou-se risco de perder pontos na apuração. Em

2005, a bateria da escola resolveu inovar às avessas, e passou reta sob a alegação de que “paradinha era coisa do passado”. Como consequência, perdeu pontos.

Assim como Estácio e Mocidade, as demais escolas têm o costume de adotar codinomes para suas baterias e de “bater” para um determinado orixá. É o caso da bateria da Portela, conhecida como Tabajara do Samba, em referência à Orquestra Tabajara do Maestro Severino Araújo. A bateria toca para Oxóssi (São Sebastião no sincretismo religioso), e tem como característica principal a potência de seus surdos de marcação. Durante longos anos, a bateria foi comandada por Mestre Marçal, cujo filho chegou a ser o primeiro diretor da mesma em 2005, desfilando novamente em 2012 no comando dos tímpanos, instrumento antigo resgatado pelo atual mestre, Nilo Sérgio. Em 1964, a bateria da escola desfilou com uma ala de violinos, fato repetido pela São Clemente em 2012. A escola de Madureira que implantou um naipe de agogôs pela primeira vez em sua bateria foi a Portela, embora atualmente seja o Império Serrano a mais familiarizada com o instrumento.

Na Serrinha destacam-se, além dos agogôs, as caixas de guerra. O reco-reco e o prato, introduzido por Calixto, são oriundos da escola. A chamada no repique também é característica marcante. Inicialmente avessa às paradinhas e coreografias, a Sinfônica do Samba tornou-se referência no assunto sob o comando de Mestre Átila, atual presidente da escola.

Átila teve uma breve passagem pela Vila Isabel, cuja bateria se caracteriza por um tom “grave” se comparada às demais, e pelo rápido andamento. No ano em que a escola desfilou com o samba-enredo “Noel, a presença do poeta da Vila”, de Martinho, a Swingueira viu-se obrigada a diminuir um pouco esse andamento, para adequar-se à melodia cadenciada da obra e aos problemas no sistema de som do Sambódromo

Bem próxima à Vila Isabel, a academia do Salgueiro também faz jus ao nome no que diz respeito à sua bateria, conhecida como Furiosa. Durante anos comandada por Mestre Louro, a bateria toca para Xangô e destaca-se pelos surdos pesados, que marcam bem o compasso da batida.

A bateria da Mangueira toca para Oxóssi, e sua característica mais marcante é a presença de apenas um surdo de marcação, fato que lhe rendeu a alcunha de “Surdo Um”. Recentemente, o primeiro recuo de bateria do Sambódromo foi denominado Mestre Jamelão, em homenagem ao eterno intérprete da escola. Em 2012, ficou famosa a “paradona” da bateria da escola, que durava quase uma passada de samba inteira.

Uma bateria que não se caracteriza por grandes exhibições, mas que se mantém concisa desde a chegada dos mestres Plínio e Paulinho à escola é a da Beija-Flor, que durante anos consecutivos obteve a nota máxima. Ambos foram precedidos por Odilon, que surgiu na União da Ilha e lá consagrou-se como mestre de uma das mais envolventes baterias do carnaval. Foi na Ilha que se originou, sob o comando de Mestre Paulão, a coreografia em 1994.

Tal qual a Beija-Flor, a Imperatriz é outra escola cuja bateria vem se destacando no carnaval contemporâneo. Sob o comando de Mestre Marcone, o Swing da Leopoldina se sobressai pela batida de caixa e convenções de tamborim. Recebe frequentemente notas máximas dos jurados (foi a única escola a obter todas em 2010) e consegue manter uma boa equivalência de batidas por minuto (BPM) entre o primeiro recuo, o segundo e a dispersão.

A seguir, encontra-se uma tabela com dados sobre as principais baterias do carnaval carioca:

Escola	Codiname	Santo (Orixá)	Diretor (es)	Rainha
Beija-Flor	Rolo Compressor	Ogum	Plínio, Rodnei e Binho	Raissa de Oliveira
Estácio de Sá	Medalha de Ouro	Ogum	Chuvisco	Luana Bandeira
Grande Rio	Invocada	Ogum	Ciça	Carla Prata
Mangueira	Surdo Um	Oxossi	Ailton Nunes	Gracyanne Barbosa
Imperatriz	Swing da Leopoldina	Ogum	Noca	Cris Vianna
Império Serrano	Sinfônica do Samba	Ogum	Gilmar	Quitéria Chagas
Mocidade	Não Existe Mais Quente	Oxóssi	Andrezinho, Bereco e Dudu	Camila Silva
Portela	Tabajara do Samba	Oxóssi	Nilo Sérgio	Patrícia Nery
Salgueiro	Furiosa	Xangô	Marcão	Viviane Araújo
São Clemente	Fiel Bateria	-	Gil e Caliquinho	Bruna Almeida
União da Ilha	Baterilha	Ogum / Oxóssi	Riquinho e Odilon	Bruna Bruno
Unidos da Tijuca	Pura Cadência	Oxóssi	Casagrande	Juliana Alves
Vila Isabel	Swingueira de Noel	Ogum	Paulinho e Wallan	Sabrina Sato
Viradouro	Furacão de Niterói	Xangô	Pablo	Dandara Oliveira

SAMBA-ENREDO

Os critérios para julgamento de um samba-enredo dividem-se em dois: letra e melodia. Quanto à letra, os julgadores devem estar atentos à sua adequação ao enredo, sua riqueza, beleza, bom gosto e adaptação à melodia. Quanto à melodia, devem ser consideradas as características próprias rítmicas do samba, beleza e bom gosto de seus desenhos musicais, e a sua capacidade de facilitar o canto e a dança dos componentes.

.A disputa de samba-enredo é um dos eventos mais concorridos em uma escola de samba. Em geral, cada escola recebe em torno de trinta inscrições de parcerias, que podem entrar diretamente no concurso ou serem eliminadas na gravação em quadra. Existem escolas que cortam parcerias antes disso. A seguir, os sambas são divididos em chaves, que logo se unem até a semifinal e a final, que é disputada por três ou quatro obras.

Os critérios da comissão julgadora, formada por diretores da própria escola, são similares aos descritos acima. No entanto, conta muito a resposta do público na quadra. Para garantir uma boa comunicação com esse público, os compositores recorrem a suas “torcidas”, conduzidas até a quadra com direito a comer, beber e entrar de graça, desde que cantem com empolgação.

Os gastos no processo vão além do aluguel de ônibus e da compra de cerveja, refrigerante e lanche. Uma boa parceria deve contar com intérpretes de renome (que geralmente não cobram menos de mil reais por cada apresentação) e cavaquinhistas. Despesas com prospectos, bandeiras, balões de gás e pirotecnia também não são pequenas. Em média, gasta-se entre cinco e dez mil reais a cada apresentação. O prêmio para o samba campeão gira em torno de duzentos mil, além dos direitos autorais e da repercussão da obra na mídia. Há escolas que pagam premiações para o samba vice-campeão, embora a grande maioria não o faça. Atualmente, são muito comuns as chamadas “firmas” ou “escritórios” de samba enredo: grupos de compositores que se dividem por várias escolas ou chegam mesmo a concorrer com mais de um samba na mesma escola.

Um dos grandes críticos dessa tendência, Martinho da Vila enfrentou momentos difíceis em sua escola. Primeiro, no ano de 1982, na disputa com Tião Graúna, e depois, em 2005, quando se afastou temporariamente do carnaval. Atualmente ele integra a parceria conhecida como *dream-team* na Vila Isabel, ao lado do filho Tunico e de André Diniz, Arlindo Cruz e Leonel.

Considera-se como primeiro samba-enredo cantando num desfile a obra "Teste ao Samba", da Portela (1939), embora haja controvérsias dando conta de que o hino *O Mundo do Samba*, cantado pela Unidos da Tijuca no segundo desfile oficial, em 1933, teria sido o pioneiro.

Até 1947 as escolas de samba cantavam durante o desfile dois ou três sambas que não faziam alusão ao enredo. Cada samba era composto de um refrão preparado anteriormente e de versos improvisados durante o desfile. Em 1946, a instituição que organizava os desfiles proibiu a improvisação, exigindo que todas usassem o samba-enredo, que já havia surgido e era cantado eventualmente por algumas escolas.

Ficou famoso neste ano o já mencionado caso da escola de samba Prazer da Serrinha, que ensaiou o samba-enredo "Conferência de São Francisco" (de autoria de Silas de Oliveira e Mano Décio da Viola), mas no momento do desfile acabou por apresentar um samba de terreiro, o que levou a escola a uma má colocação e precipitou o surgimento da dissidência Império Serrano, no ano seguinte.

O primeiro samba-enredo gravado foi "Exaltação a Tiradentes", de Fernando Barbosa Júnior, Mano Décio da Viola, Estanislau Silva e Penteado, pelo cantor Roberto Silva, com o título reduzido para simplesmente "Tiradentes". O samba tinha sido apresentado pelo Império Serrano, originalmente em 1949. Em 1967, o samba-enredo da Mangueira "O Mundo Encantado de Monteiro Lobato" fez sucesso por todo o Brasil, em gravação de Eliana Pittman, estimulando o lançamento do primeiro álbum de sambas-enredo em 1968, que reuniria todos os sambas do ano, intitulado "Festival do Samba".

Ao longo das décadas, o gênero foi passando por várias mudanças. Se antes cobria todo o enredo, naquilo que foi consagrado com o termo samba-

lençol, hoje tem no máximo trinta linhas, sendo quase que padrão o modelo de 28 linhas, com dois refrões. Se antes havia cadência, hoje se samba num ritmo quase que frenético, pois não há como ser diferente num desfile onde cerca de quatro mil pessoas e oito alegorias passam pela avenida em pouco menos de uma hora e meia. Um intermediário entre essas duas fases, segundo especialistas, teria sido Martinho da Vila, com os sambas compostos para a escola de Noel no final dos anos 1960. Um grande crítico dessas mudanças foi Nei Lopes, que no prefácio do livro “Carnaval: da Redentora à Praça do Apocalipse”, de Roberto M. Moura, destacou que o samba “vai se tornando mais ligeiro, mais ‘alegre’, mais ‘animado’, com um refrãozinho obrigatório, ‘pra embalar a rapaziada’ - e acaba virando frevo, sei lá”.

A reedição de sambas antigos, prática adotada no Grupo Especial em 2004 e posteriormente repetida por escolas do Acesso e demais divisões, iniciou-se de maneira nostálgica e emocionante, mas acabou banalizada e se tornando apelativa. Sobretudo quando uma escola reeditava samba de outra ou quando uma mesma escola reeditava sambas seus por dois, três anos seguidos. Definitivamente, os tempos já não são mais os mesmos, e não há como voltar atrás.

DISCOGRAFIA

1968: Esse disco contém os sambas de Salgueiro, Unidos de Lucas, Mocidade Independente, Império Serrano, Portela, Mangueira, Vila Isabel e uma faixa com a bateria das escolas. Os sambas de Império da Tijuca, Independentes do Leblon e Unidos de São Carlos não foram incluídos.

Existe, no entanto, um disco gravado pelo Museu da Imagem e do Som (verdadeira raridade que tenho orgulho de possuir em meu acervo) que traz essas obras. Outra preciosidade desse disco é a gravação do samba da Vila Isabel, “Quatro Séculos de Modas e Costumes”, pelo próprio compositor, Martinho da Vila, que assina como José Ferreira.

1969: O LP chama-se “Festival do Samba Vol. 2” e traz em seu conteúdo os sambas das mesmas escolas anteriores, exceto Salgueiro (“Bahia de todos os

Deuses”), que foi gravado num compacto à parte (raríssimo, por sinal), numa iniciativa da própria escola.

1970: Neste ano, a Associação das Escolas de Samba do Estado da Guanabara (AESEG), através do selo Caravelle, lançou seu primeiro LP, o disco oficial do carnaval carioca. Foi lançado também o primeiro LP do II Grupo, pela mesma gravadora. A Discnews, no entanto, não perdeu a oportunidade de lançar seu “Festival do Samba Vol III”. Esse disco tem qualidade superior, pois no outro as faixas foram gravadas com a primeira passada sem nenhum acompanhamento. Há de se dizer, porém, que o disco oficial contém o samba da Mocidade (“Meu Pé de Laranja Lima”), ao contrário do Festival, que o substituiu por uma faixa de ritmo.

1971: Neste ano também saíram dois LPs: o oficial, da Top Tape e o Festival, da Relêvo. O samba do Salgueiro, campeão daquele ano, só foi gravado no segundo. Neste ano foi lançado o primeiro disco do 3º Grupo, raríssimo.

1972: O disco oficial foi gravado pela Top Tape e traz os 12 sambas das escolas que desfilaram no Grupo I naquele ano. O Festival foi lançado com o nome “Enredo, Desfile de Sambas”. O disco, no entanto, é uma mistura dos sambas de 72 com os do ano anterior.

1973: Também foram gravados dois LPs. O oficial, da Top Tape, e o último Festival. Ambos trazem os dez sambas cantados nos desfiles do Grupo I naquele ano.

1974: Pela primeira vez, foi lançado apenas o disco oficial, da Top Tape

1975: Voltamos a ter dois discos: o oficial, da Top Tape, cuja capa é um pôster, e o da gravadora Tapeocar, intitulado “Escolas de samba – Enredos”.

1976: Apenas o disco oficial, talvez o melhor de todos os tempos. No LP se observa pela primeira vez o logotipo da Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro (AESCRJ), entidade organizadora dos desfiles na ocasião.

1977: Disco oficial, Top Tape.

1978: Disco oficial, Top Tape.

1979: As quedas de Vila Isabel e Império Serrano no ano anterior fizeram com que o Grupo I fosse dividido em dois (I-A e I-B). O mesmo aconteceu com o Grupo II. O Carnaval carioca foi dividido em quatro grupos, portanto. O disco de 79 traz os sambas das escolas do I-A e I-B. São 12 sambas no LP e quatro (Caprichosos, Arranco, Arrastão e Ponte) no compacto que faz parte do álbum.

1980: Disco oficial, Top Tape.

1981: Todos os grupos, do I-A ao 2-B, foram contemplados com LP's

1982: Disco oficial, Top Tape.

1983: Disco oficial, Top Tape.

1984: No primeiro ano da Era Sambódromo, com desfiles sob comando da LIESA, também foi lançado um LP com os sambas-enredo ao vivo na avenida.

1985: Foi lançado o LP do Grupo I-A, e um compacto com os sambas de Cabuçu, São Clemente, Santa Cruz e Em Cima da Hora. No disco do I-B, o samba da Acadêmicos de Santa Cruz é cantado por Aroldo Melodia, diferentemente do que acontece no compacto. Esse disco, da Som Livre, não traz o samba "Xingu, o pássaro guerreiro", que foi lançado num compacto pela então autointitulada Portela Tradição.

1986: A RCA entrou no mercado e passou a produzir o LP do Grupo I-A. Pela primeira vez, Jamelão gravou um samba de sua Mangueira no disco oficial. Algumas escolas, porém, não romperam com a Top Tape, casos de Caprichosos, Ilha, Estácio, Salgueiro e a recém-promovida Unidos da Tijuca. Tivemos, portanto, dois discos: o da RCA, com as escolas que aderiram à nova proposta, e o da Top Tape, com as acima mencionadas, e convidadas (São Clemente, Lucas, Santa Cruz, Engenho da Rainha e Em Cima da Hora). Mesmo assim, lançaram o disco do Grupo I-B, com as escolas que restaram e convidadas. A primeira gravação em CD foi realizada neste ano.

1987: A Estácio gravou no LP da RCA, que para ter o mesmo número de faixas nos dois lados, ganhou uma de bateria. Jacarezinho e São Clemente, recém-

promovidas, fecharam com a Top-Tape, que preencheu seu LP com as escolas do I-B, exceto Santa Cruz e Em Cima da Hora, que foram excluídas e gravaram num compacto. Nesse ano, não foi lançado disco dos Grupos de Acesso.

1988: A Top-Tape saiu de cena e as dezesseis escolas gravaram num único LP, da RCA. No I-B lançaram um disco com os sambas das 10 escolas do grupo, e foram convidadas Cubango e Mocidade Unida de Jacarepaguá, campeãs do Grupo 4 no ano anterior.

1989: Disco oficial, RCA.

1990: Surge a denominação Grupo Especial, que naquele ano contou com 16 escolas, embora só 14 tenha feito parte do disco. Lins Imperial e Unidos do Cabuçu gravaram no disco do Grupo I (antigo I-B).

1991: Disco oficial, RCA

1992: Como o número de escolas a desfilar era ímpar, foi excluído o samba da emergente Leão de Nova Iguaçu, que pode ser encontrado num compacto, cuja capa é igual a do LP.

1993: Foi lançado outro compacto com a mesma capa do LP, pois os sambas de Unidos da Ponte e Grande Rio não foram incluídos nele.

1994: Pela primeira vez, o disco oficial do carnaval carioca é lançado em dois LP's.

1995: Os sambas de São Clemente e Unidos de Villa Rica não foram incluídos, e nem sequer gravados num compacto à parte, embora há quem diga que alguns discos os possuem.

1996: Mais dois LP's.

1997: O ano do último lançamento em LP.

1998: Nesse ano foram gravados quatro CD's: o oficial, um ao-vivo, um de bateria e outro com sambas de "esquenta". O Salgueiro não participou do disco oficial e gravou seu samba num CD à parte.

De 1999 até os dias atuais: Participação de todas as escolas nas faixas. Em 2001, a RCA sai do mercado, dando lugar a uma parceria entre BMG e a gravadora oficial da LIESA. EM 2007, a Universal Music substitui a BMG.

SAMBAS-ENREDO INESQUECÍVEIS

Samba-enredo	Escola	Ano
Exaltação a Tiradentes	Império Serrano	1949
Benfeitores do Universo	Cartolinhas de Caxias	1953
Inferno Verde	Filhos do Deserto	1955
Seca no Nordeste	Tupi de Brás de Pina	1961
Chica da Silva	Salgueiro	1963
Aquarela Brasileira	Império Serrano	1964
Chico Rei	Salgueiro	1964
Os Cinco Bailes da História do Rio	Império Serrano	1965
O Mundo Encantado de Monteiro Lobato	Mangueira	1967
Sublime Pergaminho	Unidos do Lucas	1968
Quatro Séculos de Modas e costumes	Vila Isabel	1968
Dona Beija, feiticeira de Araxá	Salgueiro	1968
Brasil, flor amorosa de três raças	Imperatriz	1969
Yayá do Cais Dourado	Vila Isabel	1969
Heróis da Liberdade	Império Serrano	1969
Bahia de todos os Deuses	Salgueiro	1969
Lendas e mistérios da Amazônia	Portela	1970
Rapsódia da saudade	Mocidade	1971
Misticismo da África ao Brasil	Império da Tijuca	1971
Lapa em três tempos	Portela	1971

Rio Grande do Sul na Festa de Preto Forro	Unidos de São Carlos	1972
Onde o Brasil aprendeu a liberdade	Vila Isabel	1972
Ilu Ayê	Portela	1972
O saber poético da literatura de cordel	Em Cima da Hora	1973
A Festa do Divino	Mocidade	1974
O Rei da França na Ilha da Assombração	Salgueiro	1974
Lendas e festas das Yabás	União da Ilha	1975
A Festa do Círio de Nazaré	Unidos de São Carlos	1975
Macunaíma, herói da nossa gente	Portela	1975
O segredo das minas do Rei Salomão	Salgueiro	1975
Sonhar com rei dá leão	Beija-Flor	1976
Os sertões	Em Cima da Hora	1976
Arte negra na legendária Bahia	Unidos de São Carlos	1976
Mar baiano em noite de gala	Unidos de Lucas	1976
No reino da mãe do ouro	Mangueira	1976
Mãe Menininha do Gantois	Mocidade	1976
A lenda das sereias	Império Serrano	1976
Acalanto para Uiara	União de Jacarepaguá	1976
Domingo	União da Ilha	1977
Logun, príncipe de Efan	Arranco	1977
Do Yorubá à luz, a aurora dos deuses	Salgueiro	1978
O amanhã	União da Ilha	1978
A criação do mundo na tradição Nagô	Beija-Flor	1978
Ao povo em forma de arte	Quilombo	1978

Incrível, fantástico, extraordinário	Portela	1979
Afoxé	Cubango	1979
Sonho de um sonho	Vila Isabel	1980
O que é que a Bahia tem	Imperatriz	1980
Das maravilhas do mar, fez-se o esplendor da noite	Portela	1981
O teu cabelo não nega	Imperatriz	1981
De Daomé a São Luís, a pureza Mina Jeje	Unidos do Cabuçu	1981
Fruto do amor proibido	Cubango	1981
Bumbum Paticumbum Prugurundum	Império Serrano	1982
É hoje	União da Ilha	1982
Lua Viajante	Unidos de Lucas	1982
Mãe baiana, mãe	Império Serrano	1983
Como era verde meu Xingu	Mocidade	1983
E eles verão a Deus	Unidos da Ponte	1983
A visita do Ony de Ifé ao Obá de Oyó	Unidos do Cabuçu	1983
Pra tudo se acabar na quarta-feira	Vila Isabel	1984
Contos de Areia	Portela	1984
Skindô Skindô	Salgueiro	1984
33 – Destino: D. Pedro II	Em Cima da Hora	1984
Acima da coroa de um rei, só Deus	Santa Cruz	1984
Ziriguidum 2001, carnaval nas estrelas	Mocidade	1985
Chora, chorões	Estácio de Sá	1985
E por falar em saudade	Caprichosos	1985
Xingu, o pássaro guerreiro	Tradição	1985
Caymmy mostra ao mundo o que a Bahia e a Mangueira tem	Mangueira	1986

O tititi do Sapoti	Estácio de Sá	1987
Raízes	Vila Isabel	1987
Cem anos de liberdade: realidade ou ilusão?	Mangueira	1988
Kizomba, uma Festa da Raça	Vila Isabel	1988
Liberdade, liberdade: abre as asas sobre nós	Imperatriz	1989
Templo negro em tempo de consciência negra	Salgueiro	1989
Deu a louca no barroco	Mangueira	1990
E o samba sambou	São Clemente	1990
Sonhar não custa nada, ou quase nada	Mocidade	1992
E a magia da sorte chegou	Viradouro	1992
Águas claras para um rei negro	Grande Rio	1992
Peguei um Ita no Norte	Salgueiro	1993
A dança da lua	Estácio de Sá	1993
No mundo da lua	Grande Rio	1993
Gbalá: viagem ao templo da criação	Vila Isabel	1993
Atrás da verde e rosa só não vai quem já morreu	Mangueira	1994
Muito Prazer: Isabel Drummond de Bragança Rosa da Silva, mas pode me chamar de Vila	Vila Isabel	1994
Gosto que me enrosco	Portela	1995
Imperatriz Leopoldinense honrosamente apresenta: Leopoldina, a Imperatriz do Brasil	Imperatriz	1996
O dono da terra	Unidos da Tijuca	1999
Dom Oba II: Rei dos esfarrapados, príncipe do povo	Mangueira	2000
O Rio que corre pro mar	Império Serrano	2001
Orun Ayê	Boi da Ilha	2001
Brazil com "z" é pra cabra da peste, Brasil com "s" é nação do Nordeste	Mangueira	2002

Agudás, os que levaram a África no coração e trouxeram para o coração da África, o Brasil!	Unidos da Tijuca	2003
O Vento Corta as Terras dos Pampas. Em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Guarani -Sete Povos na Fé e na Dor... Sete Missões de Amor	Beija-Flor	2005
O Fruto da África de Todos os Deuses no Brasil de Fé: Candomblé	Cubango	2005
O Império do Divino	Império Serrano	2006
Áfricas, do Berço Real à Corte Brasileira	Beija-Flor	2007
Brasil de todos os Deuses	Imperatriz	2010
E o povo nas ruas cantando é feito uma reza, um ritual	Portela	2012

GRANDES SAMBAS-ENREDO

Em 1994, a gravadora Sony/Columbia lançou uma coletânea com os dez sambas-enredo das dez escolas mais populares do Carnaval: Beija-Flor, Estácio de Sá, Imperatriz, Império Serrano, Mangueira, Mocidade, Portela, Salgueiro, União da Ilha e Vila Isabel. Dez anos depois, tive a oportunidade de atualizar e ampliar essa coletânea, com novos sambas e novas escolas. Segue adiante uma revisão deste conteúdo:

MANGUEIRA

- O grande presidente (1956)
- O mundo encantado de Monteiro Lobato (1967)
- Lendas do Abaeté (1973)
- No reino da mãe do ouro (1976)
- Caymmi mostra ao mundo o que a Bahia e a Mangueira tem (1986)
- Cem anos de Liberdade, realidade ou ilusão? (1988)
- Deu a louca no Barroco (1990)
- Atrás da verde e rosa só não vai quem já morreu (1994)
- Dom Obá II: rei dos esfarrapados, príncipe do povo (2000)
- Brazil com “z” é pra cabra da peste, Brasil com “S” é nação do Nordeste (2002)

PORTELA

- Lendas e mistérios da Amazônia (1970)
- Lapa em três tempos (1971)
- Ilu Ayê (1972)
- Macunaíma: herói da nossa gente (1975)
- Incrível, fantástico, extraordinário (1979)
- Das maravilhas do mar, fez-se o esplendor da noite (1981)
- Contos de Areia (1984)
- Tributo à vaidade (1991)
- Gosto que me enrosco (1995)
- E o povo nas ruas cantando é feito uma reza, um ritual (2012)

SALGUEIRO

- Chica da Silva (1963)
- Chico Rei (1964)
- Dona Beija: feiticeira de Araxá (1968)
- Bahia de todos os deuses (1969)
- O Rei da França na Ilha da Assombração (1974)
- Do Yorubá à luz: a aurora dos deuses (1978)
- Skindô Skindô (1984)
- Templo negro em tempo de consciência negra (1989)
- O negro que virou ouro nas terras do Salgueiro (1992)
- Peguei um Ita no Norte (1993)

BEIJA-FLOR

- Sonhar com rei dá leão (1976)
- A criação do mundo na tradição Nagô (1978)
- O sol da meia-noite: uma viagem ao país das maravilhas (1980)
- A grande constelação das estrelas negras (1983)
- O mundo é uma bola (1986)
- Ratos e urubus, larguem minha fantasia (1989)

- A saga de Agotime – Maria Mineira Naê (2001)
- Manoa – Manaus – Amazônia - Terra Santa: alimenta o corpo, equilibra a alma e transmite a paz (2004)
- O Vento Corta as Terras dos Pampas. Em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Guarani -Sete Povos na Fé e na Dor... Sete Missões de Amor (2005)
- Áfricas, do Berço Real à Corte Brasileira (2007)

IMPÉRIO SERRANO

- Exaltação à Tiradentes (1949)
- Aquarela brasileira (1964)
- Os cinco bailes da história do Rio (1965)
- Heróis da Liberdade (1969)
- Nordeste, seu canto, seu povo, sua glória (1971)
- A lenda das sereias (1976)
- Bumbum Paticumbum Prugurundum (1982)
- Mãe baiana, mãe (1983)
- O Rio que corre pro mar (2001)
- O Império do divino (2006)

MOCIDADE

- Meu pé de laranja-lima (1970)
- Rapsódia de saudade (1971)
- A festa do divino (1974)
- Mãe Menininha do Gantois (1976)
- Como era verde meu Xingu (1983)
- Ziriguidum 2001: um carnaval nas estrelas (1985)
- Vira, virou, a Mocidade chegou (1990)
- Chuê, chuá, as águas vão rolar (1991)
- Sonhar não custa nada, ou quase nada... (1992)
- Padre Miguel, olhai por nós (1995)

IMPERATRIZ

- Brasil, flor amorosa de três raças (1969)
- Oropa, França e Bahia (1970)
- Martim Cererê (1972)
- Oxumarê, a lenda do arco-íris (1979)
- O que é que a Bahia tem (1980)
- O teu cabelo não nega (1981)
- Onde canta o sabiá (1982)
- Liberdade, liberdade: abra as asas sobre nós (1989)
- Imperatriz Leopoldinense honrosamente apresenta: Leopoldina, a Imperatriz do Brasil (1996)
- Brasil de todos os Deuses (2010)

UNIDOS DA TIJUCA

- Sonhos delirantes (1936)
- Magia Africana no Brasil e seus Mistérios (1975)
- Delmiro Gouveia (1980)
- Salamaleikum - a epopeia dos insubmissos malês (1984)
- Guanabaran, o seio do mar (1992)
- Os nove bravos do Guarani (1995)
- O dono da terra (1999)
- Terra dos papagaios... Navegar foi preciso (2000)
- Agudás, os que levaram a África no coração e trouxeram para o coração da África, o Brasil! (2003)
- É segredo! (2010)

VILA ISABEL

- Quatro Séculos de Modas e costumes (1968)
- Yayá do Cais Dourado (1969)
- Onde o Brasil aprendeu a liberdade (1972)
- Sonho de um sonho (1980)

- Pra tudo se acabar na quarta-feira (1984)
- Raízes (1987)
- Kizomba (1988)
- Gbalá: viagem ao templo da criação (1993)
- Muito Prazer: Isabel Drummond de Bragança Rosa da Silva, mas pode me chamar de Vila (1994)
- Noel: a presença do poeta da Vila (2010)

VIRADOURO

- Pleito da vassalagem de Olorum (1974)
- Amor em tom maior (1981)
- Motou Muido Kitoko (1982)
- O sonho de Ilê Ifé (1984)
- Na terra de Antônio Maris, só não viu quem não quis (1985)
- E a magia da sorte chegou (1992)
- Trevas! Luz! A explosão do universo (1997)
- Orfeu, o negro do carnaval (1998)
- Brasil, visões de paraísos e infernos (2000)
- Vira-Bahia, pura energia (2009)

UNIÃO DA ILHA

- Lendas e festas das Yabás (1974)
- Nos confins de Vila Monte (1975)
- Domingo (1977)
- O amanhã (1978)
- O que será? (1979)
- Bom, bonito e barato (1980)
- É hoje (1982)
- Festa profana (1989)
- De bar em bar: Didi, um poeta (1991)
- A viagem da pintada encantada (1996)

GRANDE RIO

- O mito sagrado de Ifé (1989)
- Águas claras para um rei negro (1992)
- No mundo da lua (1993)
- Os santos que a África não viu (1994)
- Na era dos Felipes, o Brasil era espanhol (1996)
- Madeira-Mamoré, a volta dos que não foram, lá no Guaporé (1997)
- Prestes, o cavaleiro da esperança (1998)
- Carnaval à vista – não fomos catequizados, fizemos carnaval (2000)
- Gentileza “X” – O profeta do fogo (2001)

ESTÁCIO DE SÁ

- Rio Grande do Sul na Festa de Preto Forro (1972)
- A festa do Círio de Nazaré (1975)
- Arte negra na legendária Bahia (1976)
- Das trevas ao sol: a odisseia de Carajás (1979)
- Quem é você? (1984)
- Chora, chorões (1985)
- O tititi do Sapoti (1987)
- Langsdorff, delírio na Sapucaí (1990)
- A dança da lua (1993)
- De um novo mundo eu sou e uma nova cidade será (1996)

CAPRICHOSOS

- Congada do Rei David (1975)
- Festa da uva no Rio Grande do Sul (1979)
- Moça bonita não paga (1982)
- Um cardápio à brasileira (1983)
- A visita da nobreza do riso a Chico Rei num palco nem sempre iluminado (1984)
- E por falar em saudade (1985)

- Do tambor ao computador (1997)
- Negra origem – negro Pelé, negra Bené (1998)
- Brasil, teu espírito é santo (2000)
- Zumbi, rei dos Palmares e herói do Brasil. A história que não foi contada (2003)

OFÍCIO DE PUXADOR

Embora o maior dentre todos os cantores de samba-enredo jamais tenha simpatizado com a alcunha de puxador, automeando-se intérprete, foi com esse nome que os responsáveis por conduzir o samba na avenida se tornaram famosos.

Um bom puxador deve ter além de uma boa voz, dicção, senso melódico e capacidade de interagir com o público (mediante os chamados “cacos”) e a bateria. Também mostrar-se capaz de sustentar o ritmo ao longo dos oitenta minutos de desfile, para que o samba não atravesse ou o andamento da escola não sofra uma queda brusca

Atualmente, é quase impossível “interpretar” um samba na avenida, dado o aceleração das linhas melódicas atuais. Um expediente ao qual várias escolas têm recorrido é o de ter mais de um cantor à frente do microfone principal. A Mangueira, com Luizito, Zé Paulo e Ciganerey, e o Salgueiro, com Quinho, Serginho do Porto e Leonardo Bessa, são exemplos disso. Essa tendência já havia sido antecipada pela Portela em 1995, quando a escola reuniu no mesmo carro de som puxadores do naipe de Rixxa, Dedé da Portela, Carlinhos de Pilares, Rogerinho e Celino Dias.

Recentemente, os intérpretes Bruno Ribas, Gilsinho, Leonardo Bessa, Luizinho Andanças, Tinga e Wantuir criaram o grupo Setor 1, com o objetivo de valorizar obras de novos compositores, apresentar samba de raiz e claro, sambas-enredo. A ideia é uma espécie de reedição do antigo grupo Puxadores do Samba, composto por Dominginhos do Estácio, Preto Jóia, Wantuir, Jackson Martins e Serginho do Porto

Dentre os principais puxadores ou intérpretes de samba-enredo de todos os tempos, destacamos, em ordem alfabética, os seguintes: Anderson Paz, Aroldo Melodia, Bruno Ribas, Carlinhos da Paz, Carlinhos de Pilares, Ciganerey, Clovis Pê, David Corrêa, David do Pandeiro, Dedé da Portela, Dominginhos do Estácio, Edmílton di Bem, Elza Soares, Gera, Gilsinho, Ito Melodia, Jackson Martins, Jamelão, Jorginho do Império, Leonardo Bessa, Luizinho Andanças, Luizito, Marcos Moran, Nêgo, Neguinho da Beija-Flor, Ney Vianna, Paulinho Mocidade, Pixulé, Preto Jóia, Quinho, Rico Medeiros, Rixxa, Rogerinho Renascer, Serginho do Porto, Silvinho da Portela, Sobrinho, Tiãozinho Cruz, Tinga, Wander Pires, Wantuir, Xangô da Mangueira e Zé Paulo.

Os seguintes puxadores estão à frente do microfone principal das escolas de samba do Grupo Especial:

Puxador (es)	Escola de Samba
Neguinho da Beija-Flor	Beija-Flor
Émerson Dias e Nêgo	Grande Rio
Dominginhos do Estácio	Imperatriz
Thiago Brito e Wantuir	Inocentes de Belford Roxo
Luizito, Zé Paulo Sierra, Ciganerey e Agnaldo Amaral	Mangueira
Luizinho Andanças	Mocidade
Gilsinho	Portela
Quinho, Serginho do Porto e Leonardo Bessa	Salgueiro
Igor Sorriso	São Clemente
Bruno Ribas	Unidos da Tijuca
Ito Melodia	União da Ilha
Tinga	Vila Isabel

HARMONIA, EVOLUÇÃO E CONJUNTO

Em bom português, harmonia quer dizer canto, dança e ritmo. O julgador deve levar em consideração a igualdade do canto do samba-enredo de todos os componentes da escola estando em consonância com o cantor intérprete do samba-enredo e a manutenção de sua tonalidade. O canto do samba-enredo em sua totalidade também deve ser considerado, além da harmonia do samba.

O pesquisador de carnaval Júlio César Farias lançou recentemente o livro: “Harmonia de escola de samba – teoria e prática”. Trata-se, senão de uma obra definitiva, de uma boa referência sobre o tema.

As escolas de samba sempre adotaram a figura do diretor de harmonia, sendo mais recente a montagem de comissões para cuidar do quesito, tão importante para o julgamento da agremiação. A seguir, a lista das direções/comissões de harmonia das escolas do Grupo Especial:

Escola	Diretor(es)
Beija-Flor	Laíla
Grande Rio	Tavinho Novello
Inocentes de Belford Roxo	Saulo Tinoco
Imperatriz Leopoldinense	Guilherme Nóbrega
Mangueira	José Carlos Neto e Sidney Machado
Mocidade	Kiko Ferreira
Portela	Marcelo Jacob
Salgueiro	Jô, Siro, Sivuca, Jorge Dias Rambo e Alda Alves
São Clemente	Marquinhos
Tijuca	Fernando Costa
União da Ilha	Almir Frutuoso
Vila Isabel	Décio da Silva

Muitas vezes confundido com o quesito harmonia, a evolução verifica a progressão da dança de acordo com o ritmo do samba e a cadência da bateria. Devem ser considerados a fluência da apresentação, penalizando a eventual

ocorrência de correrias ou retrocesso de alas, destaques ou alegorias; a espontaneidade, criatividade, empolgação e vibração dos desfilantes e a uniformidade dos espaçamentos entre alas e alegorias, penalizando a eventual abertura de buracos e penetração de uma ala ou grupo na outra. Não devem ser consideradas aberturas de buracos exigidos pela apresentação, como para o mestre-sala e porta bandeira, comissão de frente, coreografias especiais e colocação e retirada da bateria de seu recuo.

Um dos grandes nós do quesito evolução diz respeito à sua ligação com outro: alegorias e adereços. Um carro “engasgado” na concentração, avenida ou dispersão, compromete seriamente o andamento das alas e gera os tais buracos no desfile. Estes também podem se dar durante as já citadas aberturas de buracos exigidas, principalmente na ocasião de entrada ou saída da bateria do recuo.

O quesito conjunto, por sua vez, diz respeito à forma geral integrada com a qual a escola se apresenta. Devem ser considerados a uniformidade nas diversas formas de expressão – musical, dramática, visual, etc – e o equilíbrio artístico da apresentação.

COMISSÃO DE FRENTE

É a linha de frente da escola, primeiro grupo de integrantes a desfilar, sendo isto uma condição obrigatória. Consiste em cerca de dez a quinze pessoas que realizam uma coreografia, introduzindo o enredo. À exceção da comissão de frente, não há nenhuma outra regra a respeito da ordem dos elementos durante o desfile da escola da samba.

Devem ser considerados pelo júri o cumprimento da função de saudar o público e apresentar a escola – é obrigatória a exibição frente às cabines de julgamento – a coordenação, sintonia e criatividade da exibição, as fantasias, que devem ser adequadas ao tipo de proposta da escola. A perda, mesmo que acidental, de parte da indumentária, deve ser penalizada.

A Portela foi a primeira escola a apresentar sua comissão uniformizada, com a Velha Guarda à frente do desfile. Tradicional como sempre, a escola de

Oswaldo Cruz manteve o consagrado formato até os anos 1990. Nos anos 1920, a Vizinha Faladeira buscou surpreender o público trazendo comissões em limusines ou montadas a cavalo, como nas grandes sociedades.

Inegável é o fato de que, desde aquela época, o trabalho das comissões de frente evoluiu e profissionalizou-se bastante. Em 1963, por exemplo, o Salgueiro dançou o Minueto na Candelária, sob o comando de Mercedes Baptista, o que deu origem às alas coreografadas de hoje em dia. A Imperatriz Leopoldinense especializou-se no quesito e surpreendeu a todos com as mulatas esculturais de 1979 e a bela “comissão dos leques”, em 1994. Em 1991, a Mocidade se apresentou com a comissão dos escafandristas, cujos passos eram dados em sincronia com a batida dos surdos da bateria. No final dos anos 1990 e início dos anos 2000, tornou-se figura comum nas escolas o coreógrafo da comissão de frente, e dentre esses, destacou-se Carlinhos de Jesus, na Mangueira. Notáveis foram seus trabalhos à frente da escola, sobretudo nos anos de 1999, 2000, 2003 e 2007.

Atualmente, a escola referência em termos de comissão de frente é a Tijuca, com os truques de ilusionismo e mágica de Paulo Barros e dos coreógrafos.

Segue abaixo a lista dos coreógrafos das comissões de frente das escolas do Grupo Especial

Escolas (s)	Coreógrafo(s)
Beija-Flor	Augusto Vargas, Marlus Fraga, Ruidglan Barros e Raimundo Rodrigues
Grande Rio	Jorge Teixeira
Inocentes de Belford Roxo	Patrick Carvalho
Imperatriz Leopoldinense	Alex Neoral
Mangueira	Marcelo Chocolate
Mocidade	Jaime Arôxa
Portela	Márcio Moura
Salgueiro	Hélio Benjani
São Clemente	Renato Vieira

Tijuca	Rodrigo Negri e Priscila Motta
União da Ilha	Sérgio Lobato
Vila Isabel	Marcelo Misailidis

MESTRE-SALA E PORTA BANDEIRA

O termo mestre-sala parece ter vindo dos bailes carnavalescos do século XIX, nos quais havia um profissional responsável pela organização do salão, denominado de "mestre de sala" ou "mestre-sala". No entanto, na verdade podemos recuar no tempo e percebermos que eram vários os reis que designavam um nobre da sua máxima confiança que ocupava permanentemente e em vitalício essa função para conduzir todas as cerimônias importantes. Corresponderia hoje ao lugar de Chefe do Protocolo de uma Casa Real ou da Casa da Presidência da República. Em Portugal a família Almada, obteve-o durante seis gerações, de pai para filho, até acabar no 3º Conde de Almada. Mas, mesmo aí, no reino de Portugal, pelo menos durante o domínio filipino, já havia antes esse papel e título como oficial.

Com relação à porta-bandeira, o nome foi uma adaptação natural do antigo "porta-estandarte", personagem, geralmente masculino, que carregava os pesados estandartes dos grupos carnavalescos brasileiros. Mas, como sabemos, na Idade Média já os havia para apresentar a organização militar, civil ou religiosa a qual pertenciam e primitivamente tinham a designação ou posto de alferes.

Historicamente falando, o casal surgiu no período da colonização, quando a corte portuguesa realizava o entrudo nas casas grandes, as sedes das fazendas. Com o passar dos anos, os negros adotaram o entrudo como festa e, durante ela, o casal imitava seus senhores, os barões e baronesas, como motivo de gozação. A brincadeira agradava a todos, tornando-se uma tradição da festa, sendo mais tarde batizados como Porta-Bandeira e Mestre-Sala.

Durante os desfiles das escolas de sambas, os casais de Porta-Bandeira e Mestre-Sala fazem uma apresentação especial para os jurados, com o objetivo de atingir a nota máxima.

A avaliação é feita conforme a exibição do casal, que deve bailar suavemente ao ritmo do samba, fazendo os passos considerados obrigatórios, como meneios, giros, meias-voltas, mesuras e torneados. Além desses, o casal é avaliado pela harmonia entre ambos, a integração dos passos, o cortejo do homem, a proteção e cortesia que dá à sua dama e à bandeira da agremiação, que representa todo o pavilhão da escola de samba.

A avaliação vai também para a apresentação da porta-bandeira, que deve carregar o estandarte da escola sem deixá-lo enrolar ou bater em seu próprio corpo, com leveza, gracejo e correspondendo aos cortejos do mestre-sala.

As roupas do casal devem estar nas cores da escola, mas também adequadas para a apresentação, com acabamentos bem feitos e extremamente luxuosos. Devem também estar adequadas à apresentação, não impedindo os movimentos do casal.

As penalidades ou perda de pontos ficam a critério da apresentação feita, onde o casal não pode ficar de costas um para o outro, no mesmo momento, deixar cair ou perder qualquer elemento da composição de suas roupas e adereços (chapéus, sapato, esplendor, bandeira), mesmo que acidentalmente.

Além do primeiro casal de porta-bandeira e mestre-sala, existem outros casais que se apresentam nos desfiles com a mesma função. Eles servem para treinar outros componentes da escola, caso haja algum imprevisto, além de garantir o preparo das gerações futuras, garantindo a beleza e a qualidade da apresentação.

Muitos deles também cobrem as agendas do primeiro casal, quando são solicitados em festas e apresentações dentro ou fora do país, marcadas na mesma data.

Segue abaixo lista dos primeiros casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira das escolas do Grupo Especial do Rio de Janeiro.

Escola	Casal
Beija-Flor	Claudinho e Selmyinha Sorriso
Grande Rio	Luís Felipe e Verônica
Inocentes de Belford Roxo	Rogerinho e Lucinha Nobre
Imperatriz Leopoldinense	Phelipe Lemos e Rafaela Teodoro
Mangueira	Raphael Rodrigues e Marcella Alves
Mocidade	Feliciano e Squel
Portela	Robson e Ana Paula
Salgueiro	Sidlei e Gleice Simpatia
São Clemente	Fabício Pires e Denadir
Tijuca	Marquinhos e Giovanna
União da Ilha	Bira e Cristiane Caldas
Vila Isabel	Julinho e Rute

ENREDO, ALEGORIAS E FANTASIAS

Optou-se por reunir esses três quesitos, pois dizem respeito diretamente ao trabalho do carnavalesco e de sua equipe de barracão. Enredo é a criação artística de um tema ou conceito, a história que a escola quer contar na avenida. O julgador deve considerar o argumento, ideia geral passada pela escola, o desenvolvimento geral do tema, a apresentação individual das diversas partes, de acordo com o roteiro fornecido no livro abre-alas, a criatividade – sem confusão com ineditismo – a capacidade de compreensão do enredo a partir das fantasias, alegorias e outros elementos plásticos. Devem ser penalizados eventuais desacordos de ordem de alas e alegorias com o roteiro previsto e a ausência de alegorias ou alas previstas no roteiro.

Os enredos costumam ter enfoques históricos, geográficos, antropológicos, folclóricos e sociais, variando de acordo com o perfil da escola e do carnavalesco. Também são bastante comuns as homenagens a figuras famosas, sejam elas do mundo do samba ou não.

Dentre os diversos enredos já apresentados pelas escolas, alguns se destacam pela repetição e pelas variações sobre o mesmo tema. O enredo afro-brasileiro, por exemplo, já foi adotado por diversas escolas ao longo do tempo, sendo que o Salgueiro sempre se destacou como referência nesse sentido. Sagrou-se campeão em 1960, 1963 e 1971, com temas voltados para a negritude, também adotados em 1964, 1976, 1978, 1980, 1982, 1989, 1992 e 2007.

Outras escolas campeãs com a temática negra foram Beija-Flor (1978, 1983 e 2005) e Vila Isabel (1988). Destacam-se também os grandes carnavais de Portela (1972) e Mangueira (1988), com o negro como enredo. O Império Serrano também já desfilou com temas afro-brasileiros algumas vezes, sagrando-se inclusive campeão do Grupo de Acesso em 1998 com o enredo “Sou o ouro negro da mãe África”. Dentre seus sambas mais populares sobre a temática, destaca-se “A lenda das sereias”, de 1976, reeditado em 2009. A escola de samba niteroiense Acadêmicos do Cubango é outra pródiga em desenvolver grandes enredos (e sambas), cujo tema remete à religiosidade afro. Dentre estes, destacam-se os de 1979, 1981, 1987, 1988, 2002 (quando a escola sagrou-se campeã do 3º Grupo) e 2005 (premiado com o Estandarte de Ouro).

Enredo igualmente comum nos desfiles é a cidade do Rio de Janeiro, seja nos tempos atuais ou antigos. O Salgueiro também se destaca nesse item, pois já trouxe o tema nos anos de 1981, 1991, 1994, 2008 e 2010. Outros estados frequentemente lembrados são Bahia e Amazonas. O primeiro já foi enredo das quatro grandes do carnaval antigo e rendeu títulos (e grandes sambas) ao Salgueiro (1969), Imperatriz (1981), Portela (1984) e Mangueira (1986). O segundo já foi apresentado como tema da Portela e da Grande Rio três vezes, sendo que no caso da azul-e-branco, uma delas foi reedição. A

Beija-Flor sagrou-se campeã em 2004 com o enredo “Manoia, Manaus, Amazônia Terra Santa... Que Alimenta o Corpo, Equilibra a Alma e Transmite a Paz”.

No desenvolvimento de enredo, são confeccionadas alegorias e fantasias, quesitos adotados na apuração que define a grande campeã do carnaval. No que diz respeito ao primeiro, o julgador deve julgar apenas as alegorias e adereços presentes no desfile, considerando sua concepção e adequação ao enredo, a transmissão do conteúdo, a criatividade, a impressão causada pelas formas e a exploração e distribuição de materiais, os acabamentos, cuidados na confecção e na decoração. Além disso, os destaques e figuras de composição, com suas fantasias, devem ser julgados como parte integrante das alegorias. Deve ser penalizada a presença de objetos estranhos ao desfile e a eventual passagem de geradores integrando as alegorias. O julgador não deve considerar a quantidade de alegorias, desde que respeite o mínimo de cinco e o máximo de oito. Quanto ao quesito fantasia, observa-se a adequação das fantasias ao enredo, transmitindo seu conteúdo, sua criatividade, utilização, exploração e distribuição de materiais e cores, acabamentos e a uniformidade de detalhes dentro das alas – igualdade de calçados, chapéus e outros complementos –, quando essa proposta for nítida. Deve ser penalizada a ausência significativa de chapéus, sapatos ou outras partes da fantasia, quando ficar nítido que sua presença era necessária.

O trabalho de confecção das fantasias, alegorias e adereços é realizado nos chamados ateliês ou barracões das escolas. Com a inauguração da Cidade do Samba, em 2005, as escolas do Grupo Especial ganharam espaços dignos para prepararem seus carnavais, e abandonaram seus antigos galpões, na Zona Portuária. As escolas do Acesso, no entanto, ainda se espremem no local conhecido como Carandiru, embora haja um projeto da Prefeitura conhecido como Cidade do Samba 2, e mesmo o de uma terceira versão, provavelmente no bairro de Deodoro, para as agremiações dos grupos C, D e E.

Ainda no que diz respeito ao enredo, tornou-se prática comum nas escolas de samba, sobretudo as do Grupo Especial, abordar temáticas

vinculadas a patrocinadores, sem que as mesmas tenham necessariamente vínculo com a história do carnaval ou do samba. O auge dessa prática polêmica se deu quando a Unidos do Porto da Pedra, rebaixada em 2012, apresentou um enredo sobre iogurte, patrocinado por uma empresa de laticínios.

Crítico ferrenho desta tendência, o candidato a prefeito do Rio de Janeiro em 2012 pelo PSOL, Marcelo Freixo, anunciou em entrevista a TV que iria rever o esquema de subvenção das escolas caso eleito. É no mínimo esquisito ver escolas tradicionais com enredos alusivos a revistas de celebridades ou megaeventos que muito pouco ou nada têm a ver com o samba e o carnaval.

O tema carnavalesco ainda será discutido com maiores detalhes em outra parte dessa obra, mas segue uma lista alfabética daqueles que mais se destacaram ao longo dos anos de desfile: Alexandre Louzada, Alex de Souza, Arlindo Rodrigues, Cahê Rodrigues, Clóvis Bornay, Chico Spinoza, Cid Carvalho, Fernando Pamplona, Fernando Pinto, Ivamar Magalhães, Joãozinho Trinta, Lícia Lacerda, Laíla, Luiz Fernando Reis, Maria Augusta, Mauro Quintaes, Max Lopes, Milton Cunha, Paulo Barros, Paulo Menezes, Renato Lage, Roberto Szaniecki, Rosa Magalhães, Sylvio Cunha, Viriato Ferreira, dentre outros.

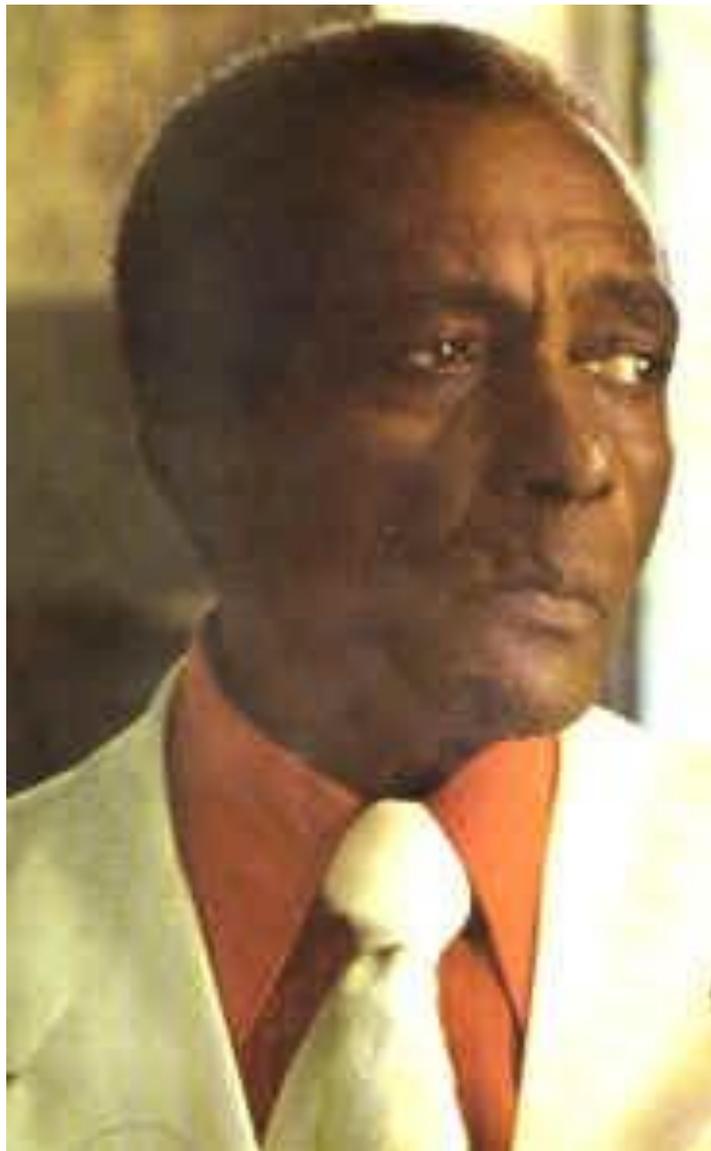
Por fim, uma lista com os atuais carnavalescos das escolas de samba do Grupo Especial:

Escola	Carnavalesco
Beija-Flor	Comissão de Carnaval
Grande Rio	Cahê Rodrigues
Imperatriz Leopoldinense	Max Lopes
Inocentes de Belford Roxo	Wagner Gonçalves
Mangueira	Cid Carvalho
Mocidade	Alexandre Louzada
Portela	Paulo Menezes

Salgueiro	Renato Lage
São Clemente	Fabio Ricardo
Tijuca	Paulo Barros
União da Ilha	Alex de Souza
Vila Isabel	Rosa Magalhães



Deixa Falar, a pioneira



Ismael Silva, o criador



Noel, o poeta da Vila



Cartola no desfile da Mangueira



Paulo da Portela: cidadão samba de 1937



Praça XI: berço das nossas fantasias



Primeira sede do GRES Império Serrano



Salgueiro dança o minueto com a Candelária ao fundo



1969: o samba enfrenta a ditadura



Ô skindô lalá! Ô skindô lelê! Olha só quem vem lá! É o saci-Pererê!



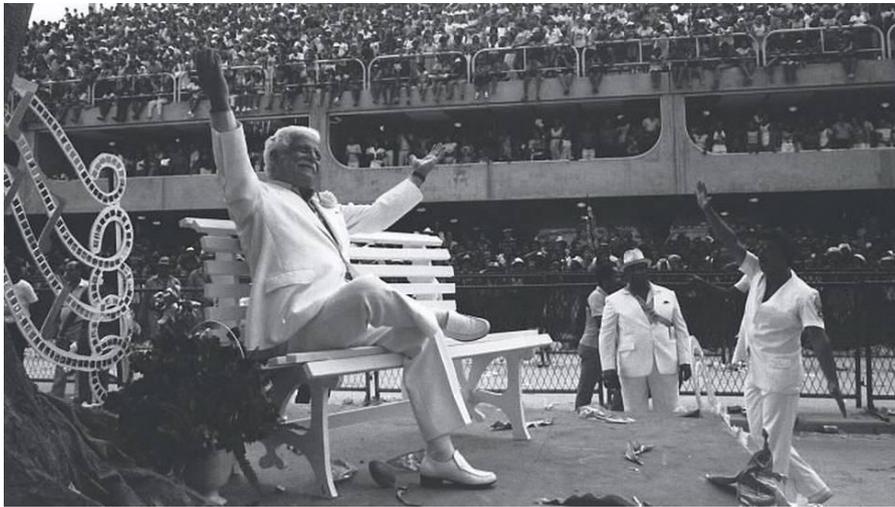
Em 1974, no Salgueiro, inicia-se a Era Joãosinho Trinta



Em 1976, a Beija-Flor encerra a supremacia das quatro grandes e inicia sua brilhante trajetória



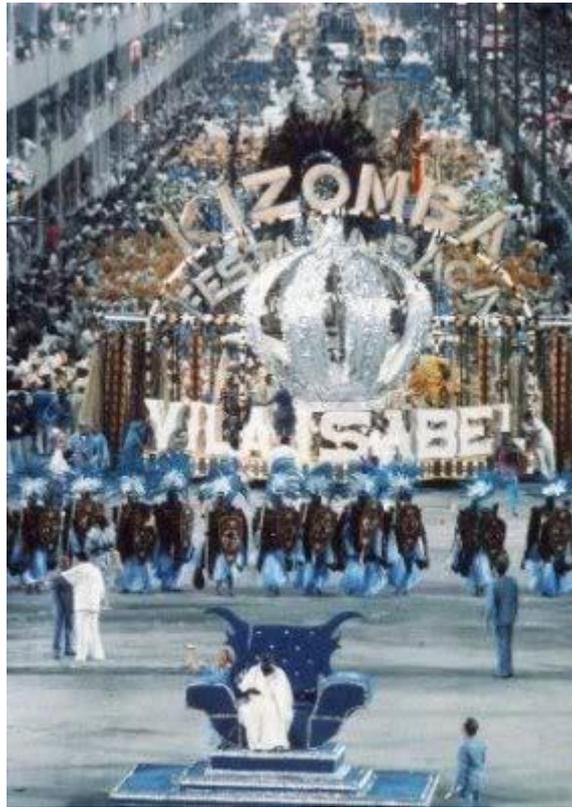
Bumbum Paticumbum Prugurundum, o nosso samba, minha gente, é isso aí!



Braguinha no desfile Supercampeão da Mangueira em 1984, o primeiro da Era Sambódromo



Ziriguidum 2001: carnaval nas estrelas



Valeu Zumbi, o grito forte dos Palmares



Liberdade, liberdade



O polêmico Cristo coberto de Joãosinho no desfile da Beija-Flor de 1989



1992: a Paulicéia Desvairada põe abaixo o Sambódromo e o samba se rende a seu berço



Unidos da Tijuca 2004: surge Paulo Barros

RANKINGS

“O samba vai vencer quando o povo perceber que é o dono da jogada”

(Caetano Veloso)

CAMPEÃS DO GRUPO ESPECIAL

Ano	Escola campeã	Enredo	Carnavalesco
1932	Mangueira	Sorrindo	
1933	Mangueira	Uma Segunda-feira no Bonfim da Bahia	
1934	Mangueira ^[1]	República da Orgia ^[2]	
	Recreio de Ramos		
1935	Vai Como Pode (Atual Portela)	O samba dominando o mundo	Antônio Caetano
1936	Unidos da Tijuca	Sonhos delirantes	
1937	Vizinha Faladeira	A Origem do Samba	
1938	<i>Apuração não foi realizada</i>		
1939	Portela	Teste ao Samba	Paulo da Portela
1940	Mangueira	Prantos, Pretos e Poetas	
1941	Portela	Dez Anos de Glória	Paulo da Portela e Lino Manoel dos Reis
1942	Portela	A Vida do Samba	Lino Manoel dos Reis
1943	Portela	Brasil, Terra da Liberdade	Liga de Defesa Nacional
1944	Portela	Motivos Patrióticos	Liga de Defesa Nacional
1945	Portela	Brasil Glorioso	Liga de Defesa Nacional
1946	Portela	Alvorada do Novo Mundo	Lino Manoel dos Reis
1947	Portela	Honra ao Mérito	Euzébio e Lino Manoel dos Reis
1948	Império Serrano	Antônio Castro Alves	
1949	Império Serrano (pela FBES)	Exaltação à Tiradentes	
	Mangueira (pela UGESB)	Apologia ao Mestre	
1950	Império Serrano (pela FBES)	Batalha Naval do Riachuelo	

	Mangueira (pela UCES)	Plano SALTE - Saúde, Alimentação, Transporte e Energia	
	Prazer da Serrinha (pela UGESB)		
	Unidos da Capela (pela UGESB)		
1951	Império Serrano (pela FBES)	Sessenta e Um Anos de República	
	Portela (pela UGESB)	A Volta do Filho Pródigo	Lino Manoel dos Reis
1952	<i>Apuração não foi realizada</i>		
1953	Portela	As Seis Datas Magnas	Lino Manoel dos Reis
1954	Mangueira	Rio de Janeiro de Ontem e Hoje	
1955	Império Serrano	Exaltação a Duque de Caxias	
1956	Império Serrano	O Caçador de Esmeraldas	
1957	Portela	Legados de D. João VI	Djalma Vogue, Candeia e Joacir
1958	Portela	Vultos e Efemérides do Brasil	Djalma Vogue
1959	Portela	Brasil, Panteon de Glórias	Djalma Vogue
1960 ^[3]	Portela	Rio, a Capital Eterna	Djalma Vogue
	Mangueira	Glória ao Samba	
	Salgueiro	Quilombo dos Palmares	Fernando Pamplona
	Unidos da Capela	Produtos e Costumes da Nossa Terra	
	Império Serrano	Medalhas e Brasões	
1961	Mangueira	Recordações do Rio Antigo	
1962	Portela	Rugendas: Viagens pitorescas através do Brasil	Nelson de Andrade
1963	Salgueiro	Chica da Silva	Arlindo Rodrigues
1964	Portela	O Segundo Casamento de D. Pedro I	Nelson de Andrade
1965	Salgueiro	História do Carnaval Carioca	Fernando Pamplona
1966	Portela	Memórias de um Sargento de Milícias	Nelson de Andrade

1967	Mangueira	O mundo encantado de Monteiro Lobato	
1968	Mangueira	Samba, festa de um povo	
1969	Salgueiro	Bahia de Todos os Deuses	Fernando Pamplona
1970	Portela	Lendas e Mistérios da Amazônia	Clóvis Bornay
1971	Salgueiro	Festa Para um Rei Negro	Fernando Pamplona
1972	Império Serrano	Alô, alô, taí Carmem Miranda	Fernando Pinto
1973	Mangueira	Lendas do Abaeté	Júlio Mattos
1974	Salgueiro	O Rei de França na Ilha da Assombração	Joãosinho Trinta
1975	Salgueiro	O Segredo das Minas do Rei Salomão	Joãosinho Trinta
1976	Beija-Flor	Sonhar com Rei dá Leão	Joãosinho Trinta
1977	Beija-Flor	Vovó e o Rei da Saturnália na Corte Egípciana	Joãosinho Trinta
1978	Beija-Flor	A criação do mundo na tradição nagô	Joãosinho Trinta
1979	Mocidade	O Descobrimento do Brasil	Arlindo Rodrigues
1980	Imperatriz	O que que a Bahia tem?	Arlindo Rodrigues
	Beija-Flor	O Sol da Meia-noite, uma viagem ao país das maravilhas	Joãosinho Trinta
	Portela	Hoje tem Marmelada!	Viriato Ferreira
1981	Imperatriz	O teu cabelo não nega (Só dá Lalá)	Arlindo Rodrigues
1982	Império Serrano	Bumbum Patitumbum Prugurundum	Rosa Magalhães e Lícia Lacerda
1983	Beija-Flor	A grande constelação das estrelas negras	Joãosinho Trinta
1984	Mangueira ^[4]	Yes, nós temos Braguinha	Max Lopes
	Portela	Contos de Areia	Edmundo Braga e Paulio Espírito Santo
1985	Mocidade	Ziriguidum 2001 - Carnaval nas estrelas	Fernando Pinto
1986	Mangueira	Caymmi mostra ao mundo o que a Bahia e a Mangueira têm	Júlio Mattos
1987	Mangueira	O Reino das Palavras, Carlos Drummond de Andrade	Júlio Mattos
1988	Vila Isabel	Kizomba, a festa da raça	Comissão de Carnaval ^[5]
1989	Imperatriz	Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós!	Max Lopes

1990	Mocidade	Vira, virou, a Mocidade chegou	Renato Lage e Lilian Rabelo
1991	Mocidade	Chue... Chuá... As águas vão rolar	Renato Lage e Lilian Rabelo
1992	Estácio de Sá	Paulicéia Desvairada - 70 anos de Modernismo	Mário Monteiro e Chico Spinoza
1993	Salgueiro	Peguei um Ita no Norte	Mário Borrielo
1994	Imperatriz	Catarina de Médicis na corte dos Tupinambôs e dos Tabajéres	Rosa Magalhães
1995	Imperatriz	Mais vale um jegue que me carregue que um camelo que me derrube, lá no Ceará	Rosa Magalhães
1996	Mocidade	Criador e Criatura	Renato Lage
1997	Viradouro	Trevas! Luz! A explosão do Universo	Joãosinho Trinta
1998	Mangueira	Chico Buarque da Mangueira	Alexandre Louzada
	Beija-Flor	Pará – O mundo místico dos Caruanas nas águas do Patu-anu	Comissão de Carnaval ^[6]
1999	Imperatriz	Brasil, mostra a tua cara em 'Theatrum Rerum Naturalium Brasiliae'	Rosa Magalhães
2000	Imperatriz	Quem descobriu o Brasil foi Seu Cabral do dia 22 de abril, dois meses depois do Carnaval	Rosa Magalhães
2001	Imperatriz	Cana caiana, cana roxa, cana fita, cana preta, amarela, Pernambuco, quero vê descê o suco na pancada do ganzá	Rosa Magalhães
2002	Mangueira	Brasil com “Z” é pra cabra da peste, Brasil com “S” é Nação do Nordeste	Max Lopes
2003	Beija-Flor	O povo conta a sua história: Saco vazio não para em pé – A mão que faz a guerra, faz a paz	Comissão de Carnaval ^[7]
2004	Beija-Flor	Manôa, Manaus, Amazônia, Terra Santa... Que alimenta o corpo, equilibra a alma e transmite a paz	Comissão de Carnaval ^[7]
2005	Beija-Flor	O vento corta as terras dos Pampas. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Guarani. Sete povos na fé e na dor... Sete missões de amor	Comissão de Carnaval ^[7]
2006	Vila Isabel	Soy loco por ti, América - A Vila canta a latinidade	Alexandre Louzada

2007	Beija-Flor	Áfricas: do Berço Real à Corte Brasileira	Comissão de Carnaval ^[8]
2008	Beija-Flor	Macapabá: Equinócio Solar, Viagens Fantásticas no Meio do Mundo	Comissão de Carnaval ^[9]
2009	Salgueiro	Tambor	Renato Lage
2010	Unidos da Tijuca	É segredo!	Paulo Barros
2011	Beija-Flor	A Simplicidade de um Rei	Comissão de Carnaval ^[10]
2012	Unidos da Tijuca	O dia em que toda a realeza desembarcou na Avenida para coroar o Rei Luiz do Sertão	Paulo Barros

NÚMERO DE TÍTULOS DE CADA ESCOLA

Total	Agremiação	Anos
21	Portela	1935 1939 1941 1942 1943 1944 1945 1946 1947 1951 1953 1957 1958 1959 1960 1962 1964 1966 1970 1980 1984
18	Mangueira	1932 1933 1934 1940 1949 1950 1954 1960 1961 1967 1968 1973 1984 1984 1986 1987 1998 2002
12	Beija-Flor	1976 1977 1978 1980 1983 1998 2003 2004 2005 2007 2008 2011
9	Império Serrano	1948 1949 1950 1951 1955 1956 1960 1972 1982
9	Salgueiro	1960 1963 1965 1969 1971 1974 1975 1993 2009
8	Imperatriz Leopoldinense	1980 1981 1989 1994 1995 1999 2000 2001
5	Mocidade Independente	1979 1985 1990 1991 1996
3	Unidos da Tijuca	1936 2010 2012
2	Unidos da Capela	1950 1960
2	Vila Isabel	1988 2006
1	Prazer da Serrinha	1950
1	Recreio de Ramos	1934

1	Vizinha Faladeira	1937
1	Estácio	1992
1	Viradouro	1997

CAMPEÃS PÓS-SAMBÓDROMO

Total	Agremiação	Anos
7	Beija-Flor	1998, 2003, 2004, 2005, 2007, 2008 e 2011
6	Imperatriz Leopoldinense	1989, 1994, 1995, 1999, 2000 e 2001
6	Mangueira	1984, 1984, 1986, 1987, 1998 e 2002
4	Mocidade	1985, 1990, 1991 e 1996
2	Unidos da Tijuca	2010 e 2012
2	Salgueiro	1993 e 2009
2	Vila Isabel	1988 e 2006
1	Portela	1984
1	Viradouro	1997
1	Estácio de Sá	1992

RANKING DA LIGA INDEPENDENTE DAS ESCOLAS DE SAMBA

ORDEM	ESCOLA	2008		2009		2010		2011		2012		TOTAL
		Col.	Pt.									
1º	G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis	1º	20	2º	15	3º	12	1º	20	4º	10	77
2º	G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro	2º	15	1º	20	5º	8	5º	8	2º	15	66
3º	G.R.E.S. Unidos da Tijuca	5º	8	9º	2	1º	20	2º	15	1º	20	65
4º	G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel	9º	2	4º	10	4º	10	4º	10	3º	12	44
5º	G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio	3º	12	5º	8	2º	15	-	0	5º	8	43
6º	G.R.E.S. Portela	4º	10	3º	12	9º	2	-	0	6º	6	30
7º	G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira	10º	1	6º	6	6º	6	3º	12	7º	4	29
8º	G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense	6º	6	7º	4	8º	3	6º	6	10º	1	20
9º	G.R.E.S. Mocidade Ind. de Padre Miguel	8º	3	11º	0	7º	4	7º	4	9º	2	13
10º	G.R.E.S. Unidos do Viradouro	7º	4	8º	3	12º	0	-	-	-	-	7
11º	G.R.E.S. Unidos do Porto da Pedra	11º	0	10º	1	10º	1	8º	3	12º	0	5
12º	G.R.E.S. União da Ilha do Governador	-	-	-	-	11º	0	-	0	8º	3	3

13º	G.R.E.S. São Clemente	12º	0	-	-	-	-	9º	2	11º	0	2
14º	G.R.E.S. Império Serrano	-	-	12º	0	-	-	-	-	-	-	0
	G.R.E.S. Estácio de Sá	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	G.R.E.S. Renascer de Jacarepaguá	-	-	-	-	-	-	-	-	13º	0	0

RANKING DOS 80 ANOS DE DESFILES

O atual ranking do Carnaval mostra as escolas que obtiveram as melhores posições nos últimos cinco anos. Ao resultado dos últimos carnavais, atribuem-se pontos às colocações. Mas e se fizéssemos esse cálculo levando em consideração os 80 anos de desfiles? O resultado você vê aqui: a Mangueira é a escola que mais pontuou na história do Carnaval, desde o desfile de 1932, seguida de perto pela Portela. Em seguida, vêm Salgueiro, Beija-Flor e Império Serrano. Veja os 20 primeiros colocados deste ranking abaixo (a fonte principal é o livro “Acadêmicos, unidos e tantas mais”, de João Pedro Bastos; para publicar aqui, atualizamos com o carnaval 2012). A pontuação é a seguinte: 20 pontos para a campeã; 15 pontos para a vice; 12 pontos para a terceira; 10 para a quarta; 8 para a quinta; 6 para a sexta; 4 para a sétima; 3 para a oitava; 2 para a nona; e 1 para a décima.

- 1) Estação Primeira de Mangueira: 951 pontos**
- 2) Portela: 913 pontos**
- 3) Acadêmicos do Salgueiro: 636 pontos**
- 4) Beija-Flor de Nilópolis: 568 pontos**
- 5) Império Serrano: 516 pontos**
- 6) Mocidade Independente de Padre Miguel: 423 pontos**
- 7) Imperatriz Leopoldinense: 401 pontos**
- 8) Unidos da Tijuca: 263 pontos**
- 9) Unidos de Vila Isabel: 234 pontos**
- 10) Unidos do Viradouro: 139 pontos**
- 11) União da Ilha do Governador: 127 pontos**
- 12) Aprendizes de Lucas: 123 pontos**
- 13) Grande Rio: 107 pontos**
- 14) Estácio de Sá: 105 pontos**
- 15) Unidos da Capela: 91 pontos**

16) Depois Eu Digo: 87 pontos

17) Azul e Branco: 86 pontos

18) Deixa Malhar: 57 pontos

19) Paz e Amor: 50 pontos

20) União de Jacarepaguá: 44 pontos

RANKING DO ESTANDARTE DE OURO

Este prêmio foi instituído pelo jornal O Globo em 1972 e, desde então, vem premiando anualmente os destaques do carnaval. Já se tornou tradicional e as escolas aguardam a Quarta-Feira de Cinzas para saber o resultado do Estandarte. Mais recentemente, o resultado passou a ser divulgado na Terça-Feira Gorda. O Júri do Estandarte é composto por personalidades ligadas ao mundo do samba tais como: Fernando Pamplona, Adelzon Alves, Lygia Santos, Helena Teodoro, José Carlos Rêgo, Haroldo Costa, Roberto Moura e Roberto Barreira.

Posição	Escola	Número de Prêmios
1ª	Estação Primeira de Mangueira	72
2ª	Acadêmicos do Salgueiro	69
3ª	Império Serrano	64
4ª	Beija-Flor de Nilópolis	58
5ª	Portela	52
6ª	Mocidade Independente de Padre Miguel	48
7ª	Unidos de Vila Isabel	46
8ª	Imperatriz Leopoldinense	46
9ª	Unidos da Tijuca	35
10ª	União da Ilha do Governador	24
11ª	Estácio de Sá (Unidos de São Carlos)	24
12ª	Caprichosos de Pilares	11
13ª	Acadêmicos do Grande Rio	9
14ª	Unidos do Porto da Pedra	9
15ª	São Clemente	9
16ª	Unidos do Viradouro	8
17ª	Império da Tijuca	6
18ª	Em Cima da Hora	5
19ª	Tradição	5
20ª	Arranco	4
21ª	Unidos da Ponte	4
22ª	Unidos do Cabuçu	4
23ª	Acadêmicos de Santa Cruz	3
24ª	Acadêmicos do Engenho da Rainha	3
25ª	Lins Imperial	3
26ª	União de Jacarepaguá	3
27ª	Unidos de Lucas	2

28 ^a	Acadêmicos do Cubango	2
29 ^a	Acadêmicos da Rocinha	1
30 ^a	Arrastão de Cascadura	1
31 ^a	Boi da Ilha do Governador	1
32 ^a	Canários das Laranjeiras	1
33 ^a	Paraíso do Tuiuti	1
34 ^a	Tupi de Brás de Pina	1
35 ^a	Unidos do Jacarezinho	1
36 ^a	Inocentes de Belford Roxo	1

ESTANDARTE DE OURO x APURAÇÃO

A seguir, faz-se uma compilação das vencedoras do Estandarte de Ouro de melhor escola e das campeãs do desfile ano a ano, de 1973 a 2012.

Ano	Estandarte de Ouro	Campeã
2012	Vila Isabel	Unidos da Tijuca
2011	União da Ilha	Beija-Flor
2010	Unidos da Tijuca	Unidos da Tijuca
2009	Salgueiro	Salgueiro
2008	Unidos da Tijuca	Beija-Flor
2007	Beija-Flor	Beija-Flor
2006	Unidos da Tijuca	Vila Isabel
2005	Unidos da Tijuca	Beija-Flor
2004	Império Serrano	Beija-Flor
2003	Salgueiro	Beija-Flor
2002	Mangueira	Mangueira
2001	Beija-Flor	Imperatriz
2000	Salgueiro	Imperatriz
1999	Mocidade	Imperatriz
1998	Mangueira	Beija-Flor e Mangueira
1997	Viradouro	Viradouro
1996	Imperatriz	Mocidade
1995	Portela	Imperatriz
1994	Salgueiro	Imperatriz
1993	Salgueiro	Salgueiro
1992	Estácio de Sá	Estácio de Sá
1991	Mocidade	Mocidade
1990	Mangueira	Mocidade
1989	Beija-Flor	Imperatriz
1988	Vila Isabel	Vila Isabel
1987	Vila Isabel	Mangueira
1986	Beija-Flor	Mangueira
1985	Caprichosos	Mocidade
1984	Mangueira	Mangueira e Portela
1983	Não houve	Beija-Flor
1982	Império Serrano	Império Serrano
1981	Imperatriz	Imperatriz
1980	Portela	Beija-Flor, Imperatriz e Portela
1979	Portela	Mocidade
1978	Beija-Flor	Beija-Flor
1977	União da Ilha	Beija-Flor
1976	Portela	Beija-Flor
1975	Mangueira	Salgueiro
1974	Salgueiro	Salgueiro
1973	Império Serrano	Mangueira

AS MELHORES DO RIO

No futebol carioca, é comum haver uma competição à parte entre os quatro grandes clubes durante o Campeonato Brasileiro, para que se saiba ao fim da disputa quem é o melhor e o pior do Rio. Se levássemos esse critério em consideração no desfile das escolas de samba desde 1976, quando a Beija-Flor, primeira escola de outro município, foi campeã, teríamos:

Ano	Escola
1976	Mangureira
1977	Portela
1978	Mangureira
1980	Imperatriz e Portela ¹
1981	Imperatriz
1982	Império Serrano
1983	Portela
1984	Portela (domingo), Mangureira (segunda) e Mangureira (supercampeã)
1985	Mocidade
1986	Mangureira
1987	Mangureira
1988	Vila Isabel
1989	Imperatriz
1990	Mocidade
1991	Mocidade
1992	Estácio de Sá
1993	Salgueiro
1994	Imperatriz
1995	Imperatriz
1996	Mocidade
1997	Mocidade
1998	Mangureira
1999	Imperatriz
2000	Imperatriz
2001	Imperatriz
2002	Mangureira
2003	Mangureira
2004	Unidos da Tijuca
2005	Unidos da Tijuca
2006	Vila Isabel
2007	Mangureira
2008	Salgueiro
2009	Salgueiro
2010	Unidos da Tijuca
2011	Unidos da Tijuca

¹ Em negrito, as escolas que também foram campeãs no mesmo ano

CURIOSIDADES

- A julgar por este inusitado ranking, as grandes “campeãs” seriam Mangueira (9 vezes), Imperatriz (8 vezes) e Unidos da Tijuca (5 vezes).

- Se acrescidos aos títulos de cada escola, as melhores colocações dentre as cariocas promoveriam uma drástica alteração no ranking oficial, com a Mangueira chegando a incríveis 29 títulos, seguida pela Portela com 23, Salgueiro com 10 e Império Serrano com 9 troféus.

- O ranking garantiria um tricampeonato (2010, 2011 e 2012) a Unidos da Tijuca, que também seria bicampeã em 2004 e 2005, feito que seria repetido por Salgueiro (2008 e 2009), Mangueira (2002 e 2003), Mocidade (1996 e 1997) e Portela (1983 e 1984).

- Apenas em 2007, quando a Beija-Flor foi campeã e a Grande Rio vice, a melhor carioca não figurou entre as duas primeiras.

- Todos os títulos da Imperatriz datam da era “pós Beija-Flor”, pois a escola de Ramos, ao lado da de Nilópolis e da Mocidade, formou o trio responsável por desbancar as então quatro grandes do carnaval carioca (Portela, Mangueira, Império Serrano e Salgueiro) no final da década de 1970 e início dos anos 1980.

- Se levássemos em consideração o mesmo critério para as escolas da região metropolitana, a Beija-Flor chegaria à incrível marca de 32 conquistas, perdendo apenas para a Viradouro em 1994, 1997 e 2006 e para a Grande Rio em 2010. Se por um lado o feito reflete a força da escola da Baixada, reflete igualmente a entrada tardia de escolas de outros municípios na disputa. Leve-se em consideração que, em determinados anos, a azul-e-branca de Nilópolis passou longe da briga pelo título.

CAMPEÃS DO GRUPO DE ACESSO

Ano	Escola Campeã	Enredo	Carnavalesco
1952	Unidos do Indaiá		
1953	Engenho da Rainha		
1954	Beija-Flor	<i>O Caçador de Esmeraldas</i>	Cabana
1955	Corações Unidos de Jacarepaguá	<i>Primavera</i>	
	Paz e Amor	<i>O Guarani</i>	
1956	Flor do Lins	<i>Exaltação à Princesa Isabel</i>	
	União do Centenário	<i>Palheta no Brasil</i>	
1957	Unidos de Bangu	<i>Homenagem à aviação brasileira</i>	Maza
1958	Mocidade	<i>Apoteose ao samba</i>	
1959	Unidos de Padre Miguel	<i>Lampião</i>	
1960	Caprichosos	<i>Invasão holandesa na Bahia</i>	
1961	Cabuçu	<i>Rio, ontem e hoje</i>	
1962	Unidos de Bangu	<i>Fragata de D. Afonso</i>	Darcy de Jesus
1963	Unidos da Capela		
1964	Império da Tijuca	<i>O esplendor do Rio de Janeiro Imperial</i>	Jorge Melodia e Augusto Henrique

Ano	Escola Campeã	Enredo	Carnavalesco
1965	Santa Cruz	<i>Rio, um fato em cada século</i>	Abílio Correia de Souza
1966	São Clemente	<i>Apoteose ao folclore brasileiro</i>	Ivo Rocha Gomes
1967	Unidos de São Carlos	<i>Lendas e costumes do Brasil</i>	José Coelho
1968	Em Cima da Hora	<i>Anita Garibaldi, amor e revolução</i>	Ney Roriz
1969	Santa Cruz	<i>O Rio dos Vice-Reis</i>	Joceil Vargas
1970	Império da Tijuca	<i>Segredos e Encantos da Bahia</i>	
1971	Em Cima da Hora	<i>Este Rio que Eu Amo</i>	Sebastião Souza de Oliveira
1972	Tupy de Brás de Pina	<i>Chiquinha Gonzaga, Alma Cantante do Brasil</i>	
1973	Unidos de São Carlos	<i>Trá, Lá, Lá, um Hino ao Carnaval Brasileiro de Lamartine Babo</i>	José Coelho
1974	União da Ilha	<i>Lendas e festas das Yabás</i>	Mário Barcellos
1975	Lins Imperial	<i>Dona Flor e seus dois maridos</i>	José Félix
1976	Império da Tijuca	<i>Guerreiros das Alagoas</i>	Joãosinho Trinta
1977	Arrastão de Cascadura	<i>Um talismã pra laiá</i>	Luis Fernandes e Ricardo Aquino
1978	Unidos de São Carlos	<i>Céu de Orestes no chão de estrelas</i>	Comissão de Carnaval
1979	Vila Isabel	<i>Os dourados anos de Carlos Machado</i>	Yêdda Pinheiro

Ano	Escola Campeã	Enredo	Carnavalesco
1980	Unidos da Tijuca	<i>Delmiro Gouveia</i>	Renato Lage
1981	Unidos de São Carlos	<i>Quem diria, da Monarquia à Boemia ao Esplendor da Praça Tiradentes</i>	Comissão de Carnaval
1982	Caprichosos	<i>Moça Bonita Não Paga</i>	Luiz Fernando Reis
1983	Unidos de São Carlos	<i>Orfeu do Carnaval</i>	Sylvio Cunha
1984	Unidos do Cabuçu	<i>Beth Carvalho, a enamorada do samba</i>	Sidelson
1985	Unidos da Ponte	<i>Dez, Nota Dez</i>	Geraldo Cavalcanti
1986	Jacarezinho	<i>Candeia, Luz da Inspiração</i>	Flávio Tavares
1987	Unidos da Tijuca	<i>As Três Faces da Moeda</i>	Sylvio Cunha
1988	Arranco	<i>Pra Ver a Banda Passar</i>	Comissão de Carnaval ^[1]
1989	Santa Cruz	<i>Stanislaw, uma história sem final</i>	José Félix
1990	Viradouro	<i>Só vale o escrito</i>	Max Lopes
1991	Tradição	<i>De geração a geração nas asas da Tradição</i>	Jorge Luiz Vilela
1992	Grande Rio	<i>Águas claras para um rei negro</i>	Lucas Pinto e Sônia Regina
1993	Tradição	<i>Não me leve a mal, hoje é carnaval</i>	Lícia Lacerda
1994	Villa Rica	<i>Copacabana, meu amor</i>	Antônio Sérgio e Maria José

Ano	Escola Campeã	Enredo	Carnavalesco
1995	Porto da Pedra	<i>Campo cidade em busca da felicidade</i>	Mauro Quintaes
1996	Santa Cruz	<i>Ribalta: Luz, sonho e ilusão</i>	Albeci Pereira
1997	Tradição	<i>Os Balangandãs</i>	Orlando Júnior
1998	Império Serrano	<i>Sou o ouro negro da mãe África</i>	João Luis de Moura
1999	Unidos da Tijuca	<i>O dono da terra</i>	Oswaldo Jardim
2000	Império Serrano	<i>Os canhões de Guararapes</i>	Comissão de Carnaval ^[2]
2001	Porto da Pedra	<i>Um sonho possível! Crescer e viver! Agora é lei!</i>	Cahê Rodrigues
2002	Santa Cruz	<i>Papel: Das Origens à Folia - História, Arte e Magia</i>	Fernando Alvarez
2003	São Clemente	<i>Mangaratiba, uma história de lutas para todos que amam a terra e a liberdade</i>	Comissão de Carnaval
2004	Vila Isabel	<i>A Vila é Paraty</i>	João Luis de Moura
2005	Rocinha	<i>Um mundo sem fronteiras</i>	Alex de Souza
2006	Estácio	<i>Quem é você?</i>	Comissão de Carnaval ^[3]
2007	São Clemente	<i>Barrados no baile</i>	Comissão de Carnaval
2008	Império Serrano	<i>Taí, eu fiz tudo pra você gostar de mim</i>	Renato Lage e Márcia Lávía

Ano	Escola Campeã	Enredo	Carnavalesco
2009	União da Ilha	<i>Viajar é preciso - viagens extraordinárias através de mundos conhecidos e desconhecidos</i>	Jack Vasconcelos
2010	São Clemente	<i>Choque de Ordem na folia</i>	Mauro Quintaes
2011	Renascer de Jacarepaguá ^[4]	<i>Águas de Março</i>	Edson Pereira
2012	Inocentes de Belford Roxo	<i>Corumbá - Ópera Tupi Guaikuru</i>	Wagner Gonçalves

TODAS AS CAMPEÃS

Total	Agremiação	Anos
6	Estácio de Sá	1967 1973 1978 1981 1983 2006
5	Santa Cruz	1965 1969 1989 1996 2002
4	São Clemente	1966 2003 2007 2010
3	Império da Tijuca	1964 1970 1976
	Império Serrano	1998 2000 2008
	Tradição	1991 1993 1997
	Unidos da Tijuca	1980 1987 1999
2	Caprichosos	1960 1982
	Em Cima da Hora	1968 1971
	Porto da Pedra	1995 2001
	União da Ilha	1974 2009
	Unidos de Bangu	1957 1962
	Unidos do Cabuçu	1961 1984

	Vila Isabel	1979 2004
1	Arranco	1988
	Arrastão de Cascadura	1977
	Beija-Flor	1954
	Corações Unidos	1955
	Engenho da Rainha	1953
	Flor do Lins	1956
	Grande Rio	1992
	Inocentes	2012
	Jacarezinho	1986
	Lins Imperial	1975
	Mocidade	1958
	Paz e Amor	1955
Renascer	2011	

Rocinha	2005
Tupy de Brás de Pina	1972
União do Centenário	1956
Unidos da Capela	1963
Unidos da Ponte	1985
Unidos do Indaiá	1952
Padre Miguel	1959
Villa Rica	1994
Viradouro	1990

CAMPEÃS DO TERCEIRO GRUPO

Ano	Escola Campeã	Enredo	Carnavalesco
1960	Vila Isabel	<i>Poeta dos escravos</i>	
1961	Imperatriz	<i>Riquezas e maravilhas do Brasil</i>	
1962	Independentes do Leblon		
1963	Santa Cruz	<i>Rio Antigo</i>	Abílio Correia de Souza
1964	São Clemente	<i>Rio dos Vices Reis</i>	Ivo da Rocha Gomes
1965	Unidos de São Carlos	<i>História do Teatro Municipal</i>	José Coelho
1966	Em Cima da Hora	<i>Missão Artística Francesa em 1816 - Debret</i>	Sebastião Souza de Oliveira
1967	Unidos do Jacarezinho	<i>Exaltação a Frei Caneca</i>	
1968	Paraíso do Tuiuti	<i>São Cristóvão, Bairro Imperial</i>	Júlio Matos
1969	Unidos do Cabuçu	<i>Mãe-d'água</i>	
1970	Cartolinhas de Caxias	<i>Cenas Vivas do Rio de Janeiro na Época de Debret</i>	
1971	Caprichosos	<i>Brasil na Primavera</i>	
1972	Império de Campo Grande	<i>Chico Rei</i>	

1973	Santa Cruz	<i>O Rio de todos os tempos</i>	
1974	Unidos de Padre Miguel	<i>Lampião, cangaço e nordeste</i>	
1975	Arranco	<i>Ajuim-Obá</i>	
1976	Arrastão de Cascadura	<i>Boitatá, o fantástico ser das riquezas</i>	
1977	Acadêmicos do Engenho da Rainha	<i>Do milagre da miscigenação ao folguedo do maracatu</i>	Hércules de Lima
1978	Em Cima da Hora	<i>O samba é o embaixador</i>	
1979	Império da Tijuca	<i>As três mulheres do rei</i>	
1980	Santa Cruz	<i>Um Domingo na Quinta da Boa Vista</i>	José Lima Galvão
1981	Unidos da Ponte	<i>As Excelências e Seus Carnavais</i>	
1982	Unidos do Jacarezinho	<i>Geraldo Pereira, Eterna Glória do Samba</i>	
1983	Acadêmicos do Engenho da Rainha	<i>Os Alegres Pregões do Paço Imperial</i>	
1984	Arranco	<i>As Aves que aqui Gorjeiam</i>	
1985	Independentes de Cordovil	<i>Sangue, Suor e Lágrimas</i>	
1986	Tradição	<i>Rei Senhor, Rei Zumbi, Rei Nagô</i>	Maria Augusta e Paulino Espírito Santo
1987	Paraíso do Tuiuti	<i>Força Viva do Samba, Pagode</i>	Júlio Matos

1988	Arrastão de Cascadura	<i>Festa Para Orfeu Negro</i>	
1989	Viradouro	<i>Mercadores e Mascates</i>	
1990	Leão de Nova Iguaçu	<i>O Leão falou, Abre o Jogo, Doutor</i>	Lílian Rabello
1991	Acadêmicos da Rocinha	<i>Do Esplendor da Roma Pagã ao Despertar da Rocinha</i>	Joãosinho Trinta
1992	Arrastão de Cascadura	<i>Carnaval - Ontem, Hoje e Amanhã</i>	Joãozinho de Deus
1993	Villa Rica	<i>Quem Não Arrisca Não Petisca, Façam o Jogo</i>	Antônio Sérgio
1994	Difícil é o Nome	<i>Olubajé, a Festa da Libertação</i>	Paulo Menezes
1996	Arranco	<i>Ser Brasil, Ser Brasileiro</i>	Jorge Freitas
1997	Lins Imperial	<i>Tudo Isso é Brasil</i>	Eduardo Minucci
1998	Unidos do Jacarezinho	<i>Jacarezinho É... Etnias em Festa na Sapucaí</i>	Comissão de Carnaval
1999	Acadêmicos da Rocinha	<i>1999, Fim do Século! Recordar é Viver</i>	Comissão de Carnaval
2000	Leão de Nova Iguaçu	<i>O Leão nos Caminhos do Ouro</i>	Jaime Cezário
2001	Acadêmicos da Rocinha	<i>...E Deus Criou a Mulher...</i>	Luciano Costa
2002	Cubango	<i>África, o Exuberante Paraíso Negro</i>	Antônio Sérgio e Beto Reis

2003	Lins Imperial	<i>Segura a Marimba! Aroldo Melodia Vem Aí...</i>	Jorge Caribé
2004	Vizinha Faladeira	<i>A Bela Adormecida</i>	Flávio Policarpo
2005	Estácio de Sá	<i>Arte Negra na Legendária Bahia</i>	Sylvio Cunha
2006	Império da Tijuca	<i>Tijuca, Cantos, Recantos e Encantos</i>	Sandro Gomes
2007	Lins Imperial	<i>Chico Mendes, o Arauto da Natureza</i>	Eduardo Gonçalves
2008	Inocentes de Belford Roxo	<i>Ewe, a Cura Vem da Floresta</i>	Jorge Caribé
2009	Unidos de Padre Miguel	<i>Vinho, Néctar dos Deuses, a Celebração da Vida</i>	Edward Moraes e Guilherme Alexandre
	Cubango	<i>Afoxé é Cortejo, é Ritual, é Festa, Afoxé é Carnaval</i>	Sérgio Silva e Léo Morais
2010	Alegria da Zona Sul	<i>No mundo da fantasia... vejo as cores da Alegria</i>	Lane Santana
2011	Paraíso do Tuiuti	<i>O mais doce bárbaro - Caetano Veloso</i>	Eduardo Gonçalves
2012	Caprichosos	<i>A Caprichosos faz o seu papel: levanta, sacode a poeira e dá a volta cima!</i>	Amauri Santos

PREMIAÇÃO S@MBA-NET

Originária de uma Lista de Discussão que reúne quase 300 pessoas aficionadas por Carnaval, notadamente o desfile de Escolas de Samba do Rio de Janeiro, o troféu S@mbaNet foi instituído em 1999 para premiação dos sambistas dos Grupos A e B das escolas de samba cariocas.

RANKING

Colocação	Escola	Prêmios
1°	Acadêmicos da Rocinha	28
2°	Paraíso do Tuiuti	26
3°	Acadêmicos do Cubango	24
4°	Império da Tijuca	23
	União da Ilha do Governador	23
6°	Estácio de Sá	22
7°	Lins Imperial	19
8°	Unidos de Padre Miguel	18
	Renascer de Jacarepaguá	18
	Arranco do Engenho de Dentro	18
11°	Império Serrano	17
12°	São Clemente	16
	Acadêmicos de Santa Cruz	16
14°	Unidos do Jacarezinho	14
	União de Jacarepaguá	14
16°	Unidos de Vila Isabel	13
	Caprichosos de Pilares	13
18°	Alegria da Zona Sul	11
19°	Inocentes de Belford Roxo	10
20°	Vizinha Faladeira	9
	Unidos da Tijuca	9
22°	Tradição	8
	Boi da Ilha do Governador	8
	Unidos do Porto da Pedra	8
25°	União do Parque Curicica	7
	Unidos de Lucas	7
27°	Unidos do Viradouro	6
	Unidos da Ponte	6
	Independente da Praça da Bandeira	6
	Sereno de Campo Grande	6

31°	Em Cima da Hora	5
	Leão de Nova Iguaçu	5
33°	Portela	4
	Unidos do Cabuçu	4
	Unidos da Villa Rica	4
	Difícil é o Nome	4
	Acadêmicos do Grande Rio	4
	Acadêmicos do Salgueiro	4
39°	Arrastão de Cascadura	3
	Mocidade de Vicente de Carvalho	3
41°	Unidos da Vila Kennedy	2
	Mocidade Independente de Padre Miguel	2
	Acadêmicos da Barra da Tijuca	2
	Imperatriz Leopoldinense	2
	Acadêmicos do Sossego	2
	Mangueira	2
	Beija-Flor	2
48°	Foliões de Botafogo	1
	Canários das Laranjeiras	1

S@MBA-NET x APURAÇÃO

A seguir, faz-se um paralelo entre o prêmio de melhor desfile e o resultado oficial do 2º e 3º Grupos, desde que o S@mba-Net foi criado, em 1999.

Ano	S@mba-Net	Campeã (Acesso)
2012	Império Serrano	Inocentes de Belford Roxo
2011	Acadêmicos do Cubango	Renascer de Jacarepaguá
2010	Estácio de Sá	São Clemente
2009	Estácio de Sá	União da Ilha
2008	Império Serrano	Império Serrano
2007	Império da Tijuca	São Clemente
2006	União da Ilha	Estácio de Sá
2005	Acadêmicos da Rocinha	Acadêmicos da Rocinha
2004	Vila Isabel	Vila Isabel
2003	União da Ilha	São Clemente
2002	Acadêmicos de Santa Cruz	Acadêmicos de Santa Cruz
2001	São Clemente	Porto da Pedra
2000	Império Serrano	Império Serrano
1999	Unidos da Tijuca	Unidos da Tijuca

Ano	S@mba-Net	Campeã (3º Grupo)
2012	Caprichosos de Pilares	Caprichosos de Pilares
2011	Paraíso do Tuiuti	Paraíso do Tuiuti
2010	Arranco do Engenho de Dentro	Alegria da Zona Sul
2009	Unidos de Padre Miguel	Acadêmicos do Cubango e Unidos de Padre Miguel
2008	Unidos de Padre Miguel	Inocentes de Belford Roxo
2007	Inocentes de Belford Roxo	Lins Imperial
2006	Império da Tijuca	Império da Tijuca
2005	Arranco do Engenho de Dentro	Estácio de Sá
2004	Vizinha Faladeira	Vizinha Faladeira

Ano	S@mba-Net	Campeã (3º Grupo)
2003	Lins Imperial	Lins Imperial
2002	Unidos do Jacarezinho	Acadêmicos do Cubango
2001	Acadêmicos da Rocinha	Acadêmicos da Rocinha
2000	Boi da Ilha do Governador	Leão de Nova Iguaçu
1999	Paraíso do Tuiuti	Acadêmicos da Rocinha

AS MAIS QUERIDAS

Todo carioca tem um time e uma escola de samba. Esse é um jargão comum dentre os que vivem na cidade, assim como aquele que diz que pode se trocar tudo, menos o time. O mesmo não vale para as escolas. Se observarmos os resultados das diferentes pesquisas de opinião realizadas ao longo dos anos, veremos o quanto oscila a preferência do público pelas agremiações.

O fenômeno acompanha a popularidade, a mídia e a fase das mesmas. É comum também vermos torcedores de mais de uma escola, pois ao contrário do que acontece no esporte bretão, a rivalidade entre sambistas é sadia, o que faz com que um frequente a quadra da escola do outro ou mesmo desfilem juntos. É claro que nem tudo são flores, mas em geral predomina a cordialidade entre os que coabitam esse universo.

No que tange à dança das cadeiras entre as mais queridas, é obvio que escolas como Mangueira e Portela, mais antigas e maiores vencedoras, sempre figurem entre as primeiras. No entanto, nem sempre foi assim, cabe dizer. No final da década de 1970 e início da de 1980, o Império Serrano, sempre libertário, gozava de grande simpatia dentre o povo carioca, e embora não haja dados oficiais, diz-se que sua torcida era a maior de todas. Tal fato ganhou proporção ainda maior após o título de 1982, quando a escola fez um desfile histórico e superou uma das fases mais negras de sua história.

A queda de popularidade e força do Império coincide com a ascensão de outra escola verde-e-branca, a Mocidade Independente de Padre Miguel. Três vezes campeã na década de 1990, a escola influenciou uma geração de torcedores, e segundo dados do Data UFF, em pesquisa realizada no ano de 2001, teve a maior torcida (19% dos quatrocentos entrevistados em 21 bairros

do Rio de Janeiro) naqueles anos, seguida por Mangueira (13,2%), Portela (12%), Beija-Flor (9,5%) e Salgueiro (6,5%).

Em pesquisa realizada pelo IBOPE em 2004, a escola já havia sido superada pela Mangueira, tal como segue:

- Mangueira: 17%
- Mocidade: 13%
- Beija-Flor: 11%
- Portela: 11%
- Salgueiro: 7%
- Imperatriz: 4%
- Império Serrano: 3%
- Viradouro: 1%
- Unidos da Tijuca: 1%
- Grande Rio: 1%
- Tradição: 1%
- União da Ilha: 1%
- Caprichosos: 1%

Em fevereiro de 2008, o Instituto Brasileiro de Pesquisa Social (IBPS) entrevistou cerca de 1.200 pessoas na capital e na região metropolitana do Rio de Janeiro, e a Beija-Flor foi a mais citada:

- Beija-Flor: 9,6%
- Mangueira: 6%
- Portela: 4,2%
- Mocidade: 3,7%
- Salgueiro: 3,4%
- Viradouro: 3%

- Grande Rio: 2,2%

A pesquisa mostrou a força da escola no Grande Rio, onde possui grande número de fãs. Convém ressaltar também que, naquele período, a escola sagrou-se do carnaval, o que influencia diretamente na escolha do público, sempre volúvel no que diz respeito ao samba. Em novembro do mesmo ano, o GPP realizou outra pesquisa com 800 entrevistados na capital, e obtiveram os seguintes resultados:

- Mangueira: 15,7%

- Beija Flor: 11,5%

- Portela: 11,2%

- Mocidade: 11%

- Salgueiro: 8,7%

- Imperatriz: 3,5%

- Império Serrano: 2,7%

- Vila Isabel: 2%

- Grande Rio: 0,9%

- Nenhuma: 29,5%.

Chama atenção o fato de que a maior parte dos entrevistados não torce para nenhuma escola, o que dá voz à polêmica afirmação de que o cidadão do Rio, em geral, não toma partido do samba e das escolas. Tal dito ganha ainda mais força quando se observa o grande contingente de cariocas que se desloca para a Região dos Lagos durante o Carnaval, o que deveria servir de alerta para os organizadores dos desfiles, no que diz respeito aos rumos que ele segue atualmente.

A minoria que participa do cotidiano das escolas, no entanto, é bastante ativa. Um fenômeno que se iniciou na Portela e vem ganhando adeptos em outras agremiações é a criação de torcidas organizadas. A pioneira, Guerreiros da Águia, iniciou suas atividades em 2004, e hoje a azul-e-branca de Oswaldo Cruz conta com duas outras torcidas. Uma vez que no Rio de Janeiro tais

torcidas se criam a partir das escolas e não o contrário, como acontece em São Paulo, a probabilidade deste movimento descambar para a violência é pequena. A lógica que o rege é a do samba, não do futebol. Abaixo, segue uma lista das principais torcidas organizadas de escola de samba existentes na atualidade.

Escola	Torcida(s)
Portela	Guerreiros da Águia, Portelamor e Amigos da Águia
Mocidade Independente	Independentes da Mocidade
Imperatriz Leopoldinense	Nação Leopoldinense
Mangueira	Nação Verde e Rosa e Raiz Mangueirense
Estácio de Sá	Leões do Estácio
Salgueiro	Nação Salgueirense
Unidos da Tijuca	Família Tijuicana
Unidos de Vila Isabel	Panela de Noel
São Clemente	La Pandilla Clementiana
Império Serrano	Devotos da Coroa

OS ARTISTAS DO ESPETÁCULO

“Vi Ismael do Estácio com Bide, Baiaco, Brancura e Sinhô. Com o Paulo da Portela sempre estava o Claudionor. Com Cartola da Mangueira, sempre vinha Zé com Fome. Mano Décio e Fuleiro, que lá na Serrinha também tinha nome”

(Ary do Cavaco)

ABÍLIO MARTINS: Oriundo da ala de compositores do Império Serrano, onde foi vencedor do concurso de samba-enredo em 1959, foi parceiro de Mano Décio da Viola. Com voz e estilo de cantar similares a de Jamelão, iniciou a carreira de intérprete de escola de samba no fim dos anos 60, defendendo o antológico “Sublime Pergaminho”, da Unidos de Lucas em 1968. Nos anos 70, realizou dezenas de preciosos registros fonográficos de sambas-enredo antigos. Considerado um intérprete cigano, também teve passagem por escolas como Lins Imperial, Imperatriz Leopoldinense, Unidos de São Carlos, Arranco do Engenho de Dentro, além do próprio Império Serrano. Faleceu em 1993.

ALEXANDRE LOUZADA (1957): Carnavalesco que iniciou sua trajetória na Acadêmicos do Cubango. Em seguida teve passagens pela Unidos do Cabuçu, Portela, Rocinha, Inocentes de Belford Roxo, Unidos da Ponte, Caprichosos, Estácio, Mangueira, Grande Rio, União da Ilha, Porto da Pedra, Vila Isabel e Beija-Flor. Foi campeão do Grupo Especial em 1998 (Mangueira), 2006 (Vila Isabel), 2007, 2008 e 2011 (Beija-Flor). Atualmente, é o carnavalesco da Mocidade no Rio de Janeiro e da Império de Casa Verde, em São Paulo.

ALMIRANTE: Henrique Foréis Domingues (1908-1980). Cantor, compositor e radialista. Autor de diversas marchinhas carnavalescas, formou junto a Noel Rosa o Bando dos Tangarás, e tornou-se o primeiro biógrafo do Poeta da Vila, ao produzir para a Rádio Tupi a série de programas *No tempo de Noel*. Algumas correntes atribuem a Almirante o surgimento do termo “escola de samba”.

ALUÍSIO MACHADO (1939): Cantor e compositor. Desfilou como passista e mestre-sala na Imperatriz Leopoldinense. Também atuou como compositor na Vila Isabel nos anos 1970, a convite de Martinho da Vila. Integrante da Ala de Compositores da Império Serrano, para a qual compôs alguns clássicos do samba-enredo. Vencedor do Estandarte de Ouro em 1982, 1983, 1993, 2006 e 2011.

ANATÓLIO IZIDORO (1933): Compositor. Cidadão-samba vitalício desde 1977, integrou a Unidos da Capela até sua fusão com a Aprendizes de Lucas, que deu origem à Unidos de Lucas.

ANTÔNIO CAETANO: Marinheiro, desenhista e compositor, Antônio Caetano fundou, com Paulo da Portela e Antônio Rufino dos Reis, o Conjunto Carnavalesco de Oswaldo Cruz, que depois deu origem à Vai como Pode e, depois, à Portela.

AMAURI JÓRIO (1925 – 1980): Escritor, pesquisador e carnavalesco. Exerceu o cargo de vice-presidente da UNE (União Nacional dos Estudantes). Político cassado, foi suplente de deputado estadual em 1962. Publicou em 1969, em coautoria com Hiram Araújo, os livros "Escolas de Samba em Desfile: Paixão,

Vida e Sorte" e, em 1975, "Natal, O Homem de Um Braço Só". Iniciou sua carreira na escola de samba Recreio de Ramos e foi um dos fundadores da Imperatriz Leopoldinense.

ANDRÉ, MESTRE: José Pereira da Silva (1932-1980). Mestre de bateria. Responsável pela criação da paradinha e do surdo de terceira. Pai de Andrezinho, ex-integrante do grupo de pagode *Molejo* e diretor de bateria da Mocidade Independente.

ANICETO DO IMPÉRIO: Aniceto de Menezes e Silva Júnior (1912-1993). Foi um dos fundadores do Império Serrano, onde teve o cargo de orador oficial da escola. Dividia sua vida entre o samba e o Cais do Porto, onde era estivador e líder do Sindicato dos Arrumadores. Aniceto se reunia com os outros sambistas, depois do horário do trabalho, para cantar sambas, batucadas ou duros, sempre terminando num gostoso partido alto, com o destaque do próprio, que mandava seus versos de improviso, que eram admirados por todos. Até hoje, Aniceto é reconhecido como o maior partideiro que já existiu.

ANTENOR GARGALHADA: Antenor Santíssimo de Araújo (1909-1941). Foi fundador da escola de samba Azul e Branco, do morro do Salgueiro, da qual foi diretor de harmonia. Em 1938, como representante da escola, foi eleito "Cidadão Samba".

ARGEMIRO PATROCÍNIO (1923-2003). Cantor, compositor e pandeirista. Mais conhecido como Argemiro da Portela, fez parte da Ala dos Compositores da escola e participou do longa-metragem "O Mistério do Samba".

AROLD MELODIA: Aroldo Forde (1930-2008). Compositor e intérprete de samba-enredo. Começou na União da Ilha e passou por Mocidade, Santa Cruz, Unidos da Ponte e Caprichosos de Pilares. Ganhou o Estandarte de Ouro de melhor intérprete em 1986. Dez anos depois, encerrou sua carreira em virtude de um derrame cerebral. Autor do famoso grito de guerra "Segura a marimba", é pai do também intérprete Ito Melodia. Em 2003, foi enredo da escola de samba Lins Imperial.

ARLINDO CRUZ (1958): Cantor e compositor de samba e pagode. Participou do grupo Fundo de Quintal. Tem mais de 550 canções gravadas por diversos artistas e é considerado o responsável pela proliferação do banjo no samba. Autor dos sambas do Império Serrano de 1989, 1996, 1997, 1999, 2001, 2003, 2006, 2007 e 2012, da Grande Rio em 2008 e 2010 e da Vila Isabel em 2012.

AURINHO DA ILHA: Áureo Campagnag de Sousa (1931). Cantor e compositor. Começou na União da Ilha e passou também pelo Salgueiro. Autor de sambas antológicos, como "Dona Beija, feiticeira de Araxá", "História da Liberdade no Brasil" e "Domingo".

BAIANINHO: Eládio Gomes dos Santos (1936). Baiano de Salvador, ganhou notoriedade na primeira metade da década de 70, ao compor grandes obras-primas para a Em Cima da Hora, escola que ajudou a fundar. São de sua autoria sambas clássicos como “Bahia, Berço do Brasil” (1972), “O Saber Poético da Literatura de Cordel” (1973) e “A Festa dos Deuses Afro-Brasileiros” (1974).

BETO SEM BRAÇO: Laudemir Casimiro (1940-1993). Cantor e compositor. Seu apelido lhe foi dado na infância, em consequência de uma queda de cavalo, na qual perdeu o braço direito. Beto Sem Braço pertenceu à ala de compositores da Vila Isabel até 1981. Transferiu-se para a escola de samba Império Serrano, levado pelo compositor Aluísio Machado. No ano seguinte, a dupla ajudaria a escola de samba a vencer o carnaval daquele ano, com o samba "*Bumbum Patitumbum Prugurundum*". Vencedor do Estandarte de Ouro em 1982, 1983 e 1993, o compositor morreu em 15 de abril de 1993, aos 53 anos, no Rio de Janeiro, vitimado por tuberculose.

BAIACO: Ritmista e compositor. Um dos fundadores da Deixa Falar. Gravou vários sambas na década de 1930, muitos de autoria duvidosa, já que era especialista na intermediação da venda ou mesmo apropriação indébita dos mesmos.

BICHO NOVO: Acelino dos Santos. Lendário mestre-sala e passista do Estácio, participou da fundação da Deixa Falar e da Unidos de São Carlos e sempre desfilou pela Estácio de Sá. Foi acusado injustamente de envolvimento numa briga que resultou em morte durante desfile realizado em São Januário, estádio do Vasco da Gama, na década de 1940. Estandarte de Ouro como destaque de chão em 1979, é avô do mestre-sala Marcinho.

BRANCURA: Compositor. Também fundador da primeira escola e parceiro de Baiaco. Cafetão na zona de baixo meretrício do Mangue, era protegido do lendário travesti Madame Satã. Recebeu o apelido devido a sua predileção por moças de pele clara. Morreu jovem e esquizofrênico após uma vida de orgia.

CALÇA-LARGA: Joaquim Casemiro (1908-1964). Incentivador da fusão das três escolas do Morro do Salgueiro - a sua Unidos do Salgueiro, Depois Eu Digo e Azul e Branco -, mas quando a união aconteceu, após o Carnaval de 1953, ele não aderiu, pois desejava ver a nova escola com as cores azul-e-rosa e o nome da sua. Posteriormente, tornou-se diretor de harmonia da Acadêmicos do Salgueiro, resultado da fusão das três agremiações.

CARLOS CACHAÇA: Carlos Moreira de Castro (1902-1999). Compositor e um dos fundadores da GRES Estação Primeira de Mangueira. Ganhou o apelido de Cachaça para diferenciar de outros "Carlos" da turma e por causa de sua bebida preferida. Sua última participação ativa na Mangueira foi em 1948, quando a escola foi a primeira a colocar som no desfile, para o samba-enredo

"Vale de São Francisco" Em dezembro de 1980 lançou pela Ed. José Olympio, em coautoria com Marília T. Barbosa da Silva e Arthur L. Oliveira Filho, o livro "Fala Mangueira". Em 1997, ao completar 95 anos, foi homenageado na quadra da Mangueira por ser o único fundador vivo da agremiação. O único disco solo de Cachaça é de 1976 e inclui pérolas como "Quem Me Vê Sorrindo" (com Cartola) e "Juramento Falso".

CARTOLA: Angenor de Oliveira (1908-1980). Considerado por diversos músicos e críticos como o maior sambista da história da música brasileira, Cartola nasceu no bairro do Catete, mas passou a infância em Laranjeiras. Na Mangueira, logo conheceu e fez amizade com Carlos Cachaça - seis anos mais velho - e outros bambas, e se iniciou no mundo da boemia, da malandragem e do samba. Junto com um grupo de amigos sambistas do morro, Cartola criou o Bloco dos Arengueiros, cujo núcleo em 1928 fundou a Estação Primeira de Mangueira. Ele compôs também o primeiro samba para a escola, "*Chega de Demanda*". Em 1964, o sambista e sua nova esposa, Dona Zica, abriram um restaurante na rua da Carioca, o Zicartola, que promovia encontros de MPB e samba, além de boa comida, reunindo a juventude da zona sul carioca e os sambistas do morro. Em 1974, aos 66 anos, Cartola gravou o primeiro de seus quatro discos-solo. No final da década de 1970, mudou-se da Mangueira para uma casa em Jacarepaguá, onde morou até a morte, em 1980, aos 72 anos.

CANDEIA: Antônio Candeia Filho (1935-1978). Cantor e compositor. Compôs em 1953, aos 17 anos, seu primeiro samba-enredo, *Seis Datas Magnas*, com Altair Prego: foi quando a Portela realizou a façanha inédita de obter nota máxima em todos os quesitos do desfile (total de 400 pontos). É até hoje um dos grandes nomes no panteão da Portela. No início dos anos 60, dirigiu o conjunto Mensageiros do Samba, no qual participavam Arlindo, Jorge do Violão, Picolino, Casquinha e Casemiro. Coerente com seus ideais, em dezembro de 1975 fundou a Escola de Samba Quilombo, que deveria carregar a bandeira do samba autêntico. Em 1978, ano de sua morte, gravou *Axé*, um dos mais importantes discos da história do samba, porém não chegou a ver o álbum pronto.

CHICO SANTANA: Francisco Felisberto Santana (1911-1988). Compositor. Integrante da Velha Guarda da Portela e autor do hino oficial da escola.

CHINA, SEU: Antônio Fernandes de Silveira. Conhecido como Seu China e egresso do morro do Salgueiro, foi um dos fundadores do GRES Unidos de Vila Isabel.

CARLINHOS DE PILARES: Carlos Miguel Marques (1942-2005). Intérprete. Conhecido por cantar os sambas da Caprichosos de Pilares nos anos 70 e 80. Foi autor do samba-enredo "Moça Bonita não Paga" que levou a Caprichosos de Pilares em 1982 ao Grupo Especial do Carnaval carioca. O samba de 1985 "Por Falar em Saudade..." de sua autoria ao lado de Almir Araújo, Marquinhos Lessa e Hércules Corrêa, é considerado uma obra-prima do gênero.

CLARA NUNES: Clara Francisca Gonçalves Pinheiro (1942-1983). Cantora. Considerada uma das maiores intérpretes do país, foi também pesquisadora da

música popular brasileira, de seus ritmos e de seu folclore. Desfilou durante anos pela Portela, escola para a qual seu marido Paulo César Pinheiro compôs o histórico samba-exaltação *Portela na Avenida*, imortalizado em sua voz. Foi homenageada pela escola em 1984 (um ano após seu falecimento) e 2012.

CLAUDIONOR: Claudionor Marcelino. Fez parte do antigo bloco Baianinhas, de Oswaldo Cruz, e participou ao lado de Paulo da Portela, Caetano e Rufino, da fundação da Portela. Considerado o maior passista de todos os tempos, serve como referência até os dias atuais.

CIÇA: Moacyr da Silva Pinto (1956). Mestre de bateria. Esteve à frente da bateria da Estácio de Sá, sua escola de coração, no período entre 1988 e 1997. No ano de 1998 foi diretor de bateria da Unidos da Tijuca, quando a escola homenageou o Vasco da Gama, time para o qual torce. De 1999 a 2009 esteve na Viradouro, onde seu trabalho foi reconhecido pela inovação no Carnaval de 2007, quando a bateria desfilou até o recuo em cima de um carro alegórico. Está desde 2010 como diretor de bateria da Grande Rio, onde inovou com a paradinha mais longa apresentada até o momento na Sapucaí.

CLÓVIS BORNAY: (1916-2005). Museólogo e carnavalesco. Foi carnavalesco das escolas de samba Salgueiro em 1966, Unidos de Lucas em 1967, 1968 e 1969, Portela em 1969 e 1970, Mocidade Independente de Padre Miguel em 1972 e 1973 e Unidos da Tijuca, em 1973. Com a Portela ganhou o campeonato de 1970 com o enredo "Lendas e mistérios da Amazônia". Ao longo de seus 77 anos de Carnaval (69 em desfiles), sempre participava dos desfiles carnavalescos como destaque no alto de um carro alegórico.

DAVID CORRÊA: (1937). Cantor e compositor. Ingressou na Ala de Compositores da Portela em 1972. No ano seguinte, seu samba "Pasárgada, o amigo do rei", foi escolhido para representar a escola no Carnaval. Venceu várias disputas de samba-enredo na azul-e-branco (onde também foi intérprete) e em outras agremiações, sendo um dos maiores campeões do gênero.

DELEGADO: Hélio Laurindo da Silva (1921-2012). Mestre-sala. Com seus 90 anos, o eterno mestre-sala da Mangueira fez história no Carnaval carioca com sua ginga, seus passos e sua atuação com devoção à verde-e-rosa. É considerado por muitos o maior mestre-sala da história. Faleceu em 12 de novembro de 2012, aos noventa anos.

DÉLCIO CARVALHO: (1939). Cantor e compositor. Parceiro de Dona Ivone Lara em vários sambas, ingressou na ala de compositores da Imperatriz Leopoldinense em 1970.

DIDI: Gustavo Baeta Neves (1937-1987). Advogado, se consagrou no Carnaval ao compor clássicos para o Salgueiro como "História da Liberdade no Brasil" (1967), "Dona Beija" (1968) e "E por que não?" (1987). Na União da Ilha faria seus sambas mais populares: "O Amanhã" (1978), "O que Será?" (1979) e "É Hoje" (1982). Boêmio, seria homenageado pela União da Ilha em 1991 no famoso samba-enredo "De Bar em Bar, Didi um Poeta".

DJALMA SABIÁ: Djalma Oliveira Costa (1925). Começou aos 12 anos na Azul e Branco, escola que em 1957 fundiu-se à outras duas dando origem a Acadêmicos do Salgueiro, onde foi compositor de sambas antológicos como *Chico Rei*, *Navio Negreiro*, *Valongo* e *Viagens pitorescas ao Brasil (Exaltação a Debret)*

DIOGO NOGUEIRA: (1981). Cantor e compositor. Filho do saudoso João Nogueira, venceu pela primeira vez a disputa de samba na Portela em 2007, repetindo o feito em 2008, 2009 e 2010. Em 2010, ganhou o prêmio de Melhor Artista ou Banda de MPB no VMB 2010. É apresentador do programa *Samba na Gamboa*, na TV Brasil.

DODÔ: Maria das Dores Rodrigues (1920). Foi a porta-bandeira do primeiro campeonato da Portela, em 1935. Em 2004, desfilou à frente da bateria da escola e foi premiada com o Estandarte de Ouro, na categoria *Personalidade do Ano*. Desfila até hoje pela escola de Oswaldo Cruz, da qual é uma verdadeira reserva moral e cultural.

DOMINGUINHOS DO ESTÁCIO: Domingos da Costa Ferreira. (1941). Cantor, compositor e intérprete. Criado no morro de São Carlos, começou na Unidos de São Carlos em 1972, assumindo o microfone principal em 1976. Entre idas e vindas, passou por escolas como Santa Cruz, Grande Rio, Viradouro, Inocentes de Belford Roxo e Imperatriz, onde se encontra atualmente. Campeão do Grupo Especial em 1980, 1981, 1989, 1992 e 1997. Estandarte de Ouro de melhor intérprete em 1984 e 2000. Participou do extinto grupo *Puxadores do Samba*, com Jackson Martins, Serginho do Porto, Preto Jóia e Wantuir.

DONGA: Ernesto Joaquim Maria dos Santos (1890-1974). Músico, compositor e violinista. Participava das rodas de música na casa da lendária Tia Ciata, ao lado de João da Baiana, Pixinguinha e outros. Em 1916, consagrou a gravação de *Pelo Telefone*, considerado o primeiro samba gravado na história.

EDEOR DE PAULA (1933). Compositor de uma das maiores obras-primas do gênero: “Os Sertões”, samba que a Em Cima da Hora desfilou em 1976. Também venceria na Beija-Flor 17 anos depois.

ELZA SOARES: (1937). Cantora. Ex-mulher do craque Garrincha, Elza sempre foi muito ligada à Mocidade Independente, da qual foi intérprete oficial de 1973 a 1976, e rainha de bateria. Também interpretou o samba da Acadêmicos do Cubango em 2000

EULÁLIA, TIA: Eulália do Nascimento (1908-2005). Irmã de Sebastião Molequinho, presidente de honra do Império Serrano. Em sua casa se deu a fundação da escola, da qual ela se orgulhava de ser a portadora da carteira de sócia nº 1.

FERNANDO PAMPLONA: (1926). Carnavalesco, cenógrafo, professor, produtor e apresentador de televisão. Campeão com o GRES Acadêmicos do Salgueiro em 1960, 1965, 1969 e 1971 e vice em 1961, 1964 e 1970.

FERNANDO PINTO: Luís Fernando Pinto (?-1987). Carnavalesco. Começou no Império Serrano em 1971 e permaneceu na escola até 1976. Na década de 1980, consagrou-se na Mocidade Independente, embora tenha passado pela Mangueira em 1982. Sua marca era o tropicalismo, com enredos baseados na fauna e flora brasileira e nos povos indígenas. Campeão em 1972 pelo Império Serrano e em 1985 pela Mocidade.

FULEIRO, MESTRE: Antonio dos Santos (1911-1997). Cantor e compositor. Primo de Dona Ivone Lara, foi diretor de harmonia do Império Serrano durante décadas.

GERALDO BABÃO: Geraldo Soares de Oliveira. (1926-1988). Compositor, instrumentista, flautista. Compositor da Unidos do Salgueiro (uma das escolas que deu origem à Acadêmicos do Salgueiro). Compôs para a Vila Isabel os sambas de 1959 e 1960. Em 1962, ingressou na Ala de Compositores do Salgueiro, para o qual compôs, além do samba daquele ano, os de 1964, 1965 e 1973.

HAROLDO COSTA: (1930). Ator, escritor, produtor e sambista. Protagonizou, dentre outras peças, *O filho pródigo*, de Lúcio Cardoso, e *Orfeu da Conceição*, a convite de Vinícius de Moraes. Representou também o papel de Jesus em *O auto da compadecida*, de Ariano Suassuna. No cinema, dirigiu o filme *Pista de Grama* e atuou em Cléo Daniel, *Deu no New York Times* e *Rua Alguém 555*. Também teve várias aparições na TV, como nas novelas *Kananga do Japão*, *Pantanal* e *A história de Ana Raio e Zé Trovão*, bem como no seriado *Mãe de Santo*, da extinta Rede Manchete. Dentre suas produções literárias, destacam-se *Salgueiro: Academia do Samba* (1984), *100 anos de carnaval no Rio de Janeiro* (2001) e *Salgueiro – 50 anos de glória* (2003). Atualmente, é comentarista dos desfiles do Grupo Especial pela Rede Globo e integra o júri do Estandarte de Ouro.

HEITOR DOS PRAZERES: (1898-1966). Cantor, compositor e artista plástico. Um dos pioneiros do samba carioca, Heitor compôs seu maior sucesso, “Pierrô Apaixonado”, em parceria com Noel Rosa. Nos anos 20, foi um dos fundadores da Portela, primeira vencedora num concurso entre escolas em 1929, com sua composição “Não Adianta Chorar”. Também participou da fundação da extinta Recreio de Ramos, e foi homenageado por Zeca Pagodinho em 1998 com um disco que leva seu nome.

ISABEL VALENÇA: Destaque carnavalesco do Salgueiro e campeã de vários desfiles de fantasia no Teatro Municipal do Rio. Consagrou-se no Carnaval de 1974, como Chica da Silva. Faleceu em 1980.

IVO MEIRELLES: (1962). Cantor e compositor. Ex-vocalista do grupo Funk'n'Lata e ex-comentarista de carnaval da Rede Globo, é o atual presidente da GRES Estação Primeira de Mangueira.

IVONE LARA, DONA: Yvonne Lara da Costa (1921) Compositora. Nora de Alfredo Costa, então presidente da escola de samba Prazer da Serrinha, começou sua carreira na mesma, até transferir-se para o Império Serrano,

onde em 1965 venceu o concurso de sambas-enredo ao lado de Mano Décio, Silas de Oliveira e Bacalhau. O samba era *Os cinco bailes da história do Rio*, um dos mais famosos do gênero. Formada em enfermagem, Dona Ivone trabalhou com Nise da Silveira no antigo Hospício Pedro II, no Engenho de Dentro. Gravou 16 discos e foi homenageada pelo Império Serrano em 2012.

ISMAEL SILVA: Milton de Oliveira Ismael Silva (1905-1978). Cantor e compositor. Fundador da Deixa Falar, primeira escola de samba.

JAIR DO CAVAQUINHO: Jahyr de Araújo Costa (1920-2006). Cavaquinista. Nascido em Oswaldo Cruz, interessou-se pelo cavaquinho muito cedo, chegando a tentar construir seu próprio instrumento. Aos 15 anos já era primeiro cavaquinho da escola. Nos anos 50 já era considerado pelo exigente Jacob do Bandolim como melhor palhetada de samba da MPB. Sua primeira composição foi gravada em 1958, "Você Não Soube Ser Mulher". Em 1962 fez sucesso com "Meu Barracão de Zinco" (com Jamelão), um de seus maiores êxitos. Participou dos conjuntos A Voz do Morro, Rosa de Ouro (criado para o espetáculo homônimo, em 1964) e Cinco Crioulos. Tem diversas parcerias (muitas inéditas) com Nelson Cavaquinho, que foi seu vizinho durante vários anos, como "Enquanto a Cidade Dorme" e "Eu e as Flores".

JAMELÃO: José Bispo Clementino dos Santos (1913-2008). Cantor e intérprete. De 1949 até 2006, foi o intérprete da Mangueira, sendo voz principal a partir de 1952, quando substituiu Xangô da Mangueira. Se irritava ao ser chamado de "puxador" ao invés de intérprete, pois conforme falava em várias entrevistas, "puxador é quem puxa carro ou quem puxa fumo".

JOÃOSINHO TRINTA: João Clemente Jorge Trinta (1933-2011). Artista plástico e carnavalesco. Polêmico e revolucionário, Joãosinho modificou a estética e a concepção dos desfiles. Pentacampeão do Carnaval entre 1974 e 1979 (duas vezes pelo Salgueiro e três pela Beija-Flor). Voltaria a vencer em 1980 e 1983 pela escola nilopolitana e em 1997, pela Viradouro. Também teve passagens vitoriosas por Império da Tijuca e Acadêmicos da Rocinha, nos Grupos de Acesso. Faleceu em 2011, vítima de sequelas de AVC.

JORGE MELODIA: Jorge Domingos da Silva. (1934-2008). Cantor e compositor. Historicamente ligado ao Império da Tijuca, foi carnavalesco da escola em seus primeiros anos, quando tal ofício ainda não possuía as atuais proporções. Um dos compositores mais bem sucedidos da história do samba, venceu em sua escola nos anos de 1967, 1974, 1975, 1982 e 1991, na São Clemente em 1991 e 2004, no Salgueiro em 1985 e 1986 e na Unidos de Bangu em 1976.

JORGINHO DO IMPÉRIO: Jorge Antônio Carlos. (1944). Cantor e compositor. Filho de Mano Décio da Viola, foi eleito Cidadão-Samba em 1971. Esteve afastado da escola que carrega em seu coração e nome artístico durante anos, e passou por União da Ilha, Porto da Pedra e Cubango até voltar para Madureira.

JORGINHO PESSANHA: Jorge Gomes Pessanha. (1931-1981). Cantor e compositor. Considerado o primeiro Jorginho do Império, pois utilizou o apelido antes do atual, era filho de João Bonifácio Gomes, fundador da Unidos da Capela. Após a fusão da mesma com a Aprendizes de Lucas, Jorginho migrou para a escola da Serrinha, onde foi compositor e diretor social.

JUCA, TIO. Sambista do Estácio que depois fez fama na Caprichosos de Pilares, pela qual foi homenageado em um samba de quadra.

JUJU MARAVILHA. Porta-bandeira. Assim como Vilma Nascimento, iniciou a carreira na União de Vaz Lobo. Brilhou durante anos na Beija-Flor e na Unidos da Tijuca, escola onde sua filha, Fábيا Borges, foi madrinha de bateria.

JUVENAL LOPES: Primeiro mestre-sala da Deixa Falar e décadas mais tarde, presidente da Estação Primeira de Mangueira.

LAÍLA: Luiz Fernando do Carmo (1943). Carnavalesco e diretor de carnaval. Ex-diretor de harmonia do Salgueiro, do qual se desligou em 1975 para ocupar junto a Joãosinho Trinta o cargo de carnavalesco da Beija-Flor, onde se sagrou campeão em 1976, 1977, 1978, 1980, 1983, 1998, 2003, 2004, 2005, 2008 e 2011.

LECI BRANDÃO: (1944). Cantora e compositora. Primeira mulher a participar da Ala de Compositores da Mangueira, Leci exerce até hoje a função de comentarista dos desfiles de escolas de samba pela Rede Globo, dedicando-se ao carnaval de São Paulo desde 2003. Em 2010, elegeu-se Deputada Estadual pelo Estado de São Paulo. Sua militância dá ênfase a negros, igualdade racial, combate ao racismo e a inclusão do samba na política cultural do Estado de São Paulo, entre outras propostas. Leci foi intérprete oficial da Acadêmicos de Santa Cruz em 1995 e homenageada pela Acadêmicos do Tatuapé, de São Paulo, em 2012.

LOURO, MESTRE: Lourival de Souza Serra (1950-1998). Mestre de bateria. Irmão do sambista Almir Guineto, comandou a Furiosa entre 1972 e 2003. Também passou por Caprichosos de Pilares (2005 e 2006) e Porto da Pedra, onde encerrou sua carreira por motivos de saúde.

LUIS CARLOS DA VILA: Luis Carlos Baptista (1949-2009). Cantor e compositor. Criado no subúrbio carioca de Vila da Penha (daí o nome artístico), iniciou-se no mundo do samba no Cacique de Ramos, indo para a Vila Isabel em 1977. É um dos autores do histórico samba-enredo *Kizomba*, que deu o primeiro título do Grupo Especial à escola.

MARÇAL: Armando Vieira Marçal (1902-1947). Bamba do Estácio, parceiro de Bide e de Paulo da Portela. Pai de Mestre Marçal e avô de Marçalzinho.

MARÇAL, MESTRE: Nilton Marçal. (1930-1994). Cantor e mestre de bateria. Filho do lendário Armando Marçal e pai de Marçalzinho, Mestre Marçal era considerado um sambista completo, pois sabia cantar, dançar e tocar como ninguém. Foi mestre de bateria da Portela por vários anos, gravou diversos

discos e também atuou como comentarista de desfiles pela extinta Rede Manchete.

MARÇALZINHO: Armando de Souza Marçal. Ritmista (1956). Terceiro da linhagem dos Marçal, tocou com vários artistas e fez parte do grupo de jazz americano Pat Metheny. Em 2005, assumiu a direção da bateria da Portela, cargo do qual se desligou no ano seguinte.

MANO DÉCIO DA VIOLA: Décio Antônio Carlos (1909-1984). Compositor. Um dos fundadores do Império Serrano, para o qual compôs diversos sambas-enredo, sobretudo ao lado de Silas de Oliveira. Quatro deles deram o campeonato à escola da Serrinha. Gravou mais de 500 sambas e, após sua morte, virou nome de rua em Madureira, na qual reside seu filho Jorginho do Império.

MANO ELÓI: Elói Antero Dias (1888-1971). Fundador de escolas como Prazer da Serrinha, Deixa Malhar e Império Serrano, destacou-se também por suas atividades no candomblé e pela militância no sindicato dos estivadores.

MANO RUBEM: Rubem de Maia Barcelos (1904-1927). Compositor. Lendário sambista do Estácio, falecido aos 23 anos devido à tuberculose.

MARIA AUGUSTA: Maria Augusta Rodrigues. Artista plástica, folclorista, comentarista de televisão e ex- carnavalesca. Iniciou carreira no Salgueiro, quando se destacou com os enredos de 1971, 1973 e 1974, sendo campeão no primeiro e no último. Seu nome, no entanto, é mais associado à União da Ilha, onde consagrou-se com um estilo leve e carnavalesco de desfile no fim dos anos 1970, notadamente nos carnavais de 1977 e 1978. Também teve passagens por Paraíso do Tuiuti, Tradição e Beija-Flor. Madrinha da bateria do Império Serrano, atualmente compõe o time de comentaristas da Rede Globo nos desfiles do Grupo Especial e faz parte do júri do Estandarte de Ouro.

MARINHO DA MUDA: Mário Pereira (1928-1987). Cantor e compositor. Um dos fundadores do GRESE Império da Tijuca, foi autor de diversos sambas-enredo na escola, dentre os quais se destacam os dos anos 1956, 1959, 1964, 1967, 1968, 1970 e 1971.

MARQUINHOS DE OSWALDO CRUZ: Marcos Sampaio de Alcântara (1961). Cantor e compositor. Cria do bairro que lhe empresta o nome artístico, Marquinhos possui estreitas ligações com a Portela, além de ser o organizador de eventos como o Trem do Samba e a Feira das Yabás.

MARTINHO DA VILA: Martinho José Ferreira. Cantor e compositor (1938). Natural do município de Duas Barras e criado na Serra dos Pretos Forros, ingressou no samba através da extinta Aprendizizes da Boca do Mato. Transferiu-se para a Vila Isabel em 1965, e lá compôs diversos sambas-enredo antológicos, consagrando-se como referencia no gênero. Ativista político, é filiado ao PC do B desde 2005. É também pai dos artistas Mart'nália e Tonico Ferreira. Gravou mais de quarenta discos e é o autor de nove livros.

MAX LOPES: Carnavalesco. Também conhecido como Mago das Cores, é especialista em carnavais barrocos e enredos voltados para a religiosidade. Iniciou sua carreira como ajudante de Fernando Pamplona, no Salgueiro. Seu primeiro desfile assinado foi *Mar Baiano em Noite de Gala*, de 1976. Desde então, seguiram-se outros antológicos, como *É hoje!*, *Yes, nós temos Braguinha*, e *Liberdade, liberdade: abra as asas sobre nós!*. Campeão do Grupo Especial em 1984, 1989 e 2002. Passou por Unidos de Lucas, Imperatriz Leopoldinense (três vezes), União da Ilha (duas vezes), Mangueira (duas vezes), Vila Isabel, Viradouro, Estácio, Grande Rio e Porto da Pedra. Sagrou-se campeão do Acesso pela Viradouro em 1990 e retornou para a escola em 2012.

MERCEDES BAPTISTA: Mercedes Ignácia da Silva Krieger (1921) Dançarina e coreógrafa. Primeira bailarina negra do Teatro Municipal do Rio, é considerada precursora das danças afro-brasileiras. Em 1963, foi a coreógrafa da comissão de frente do Salgueiro, que dançou o minueto com a Candelária ao fundo e sagrou-se campeão. A inovação introduziu nos desfiles as alas de passo marcado. Em 2008, foi homenageada pela Acadêmicos do Cubango.

MONARCO: Hildemar Diniz (1933). Cantor e compositor. Líder da Velha Guarda da Portela, Monarco ingressou na ala de compositores azul e branco de Oswaldo Cruz em 1950. Embora nunca tenha vencido uma disputa de samba enredo na escola, tornou-se referência do gênero na Unidos do Jacarezinho, para a qual compôs sambas antológicos. É pai do cantor e compositor Mauro Diniz e avô da cantora Juliana Diniz.

NATAL. Natalino José do Nascimento (1905-1975). Banqueiro do jogo do bicho e líder comunitário, Natal foi patrono da Portela durante anos e tornou-se presidente de honra da escola após seu falecimento. Sua vida foi contada no filme *Natal da Portela* e no livro *Natal, o homem de um braço só*. Nésio do Nascimento, seu filho, fundou a Tradição, escola dissidente da Portela, a qual preside até hoje.

NEGUINHO DA BEIJA-FLOR (1949). Cantor, compositor e intérprete. Nascido em Vila Isabel, Luiz Antônio Feliciano Marcondes, adicionou o apelido ao nome posteriormente. Começou na Leão de Nova Iguaçu e estreou como campeão na Beija-Flor em 1976, repetindo o feito em 1977, 1978, 1980, 1983, 1998, 2003, 2004, 2005, 2007, 2008 e 2011. Permanece na escola até os dias atuais.

NÊGO: Edson Feliciano Marcondes (1959). Compositor e intérprete. Irmão mais novo de Neguinho da Beija-Flor, Nêgo é detentor de cinco Estandartes de Ouro (1991, 1994, 1999, 2004 e 2006) de melhor intérprete, sendo superado apenas pelo mestre Jamelão. Embora nunca tenha criado identidade com nenhuma escola específica, Nêgo é muito lembrado pelo seu trabalho na Grande Rio e no Império Serrano, escolas para as quais retornou recentemente. Ele ainda é o intérprete oficial da Acadêmicos de São Miguel, de Uruguaiana.

NEI LOPES: (1942). Compositor, cantor e escritor. Notabilizou-se como sambista principalmente pela parceria com Wilson Moreira. Foi um dos

fundadores do GRANES Quilombo. Ligado ao Salgueiro e à Vila Isabel, atualmente mantém com as duas escolas relações puramente afetivas. Pesquisador da cultura afro-brasileira, já lançou diversos livros, e atualmente reside em Seropédica, na Zona Rural do Rio de Janeiro.

NEY VIANNA: José da Rocha Vianna (1942-1989). Intérprete. Iniciou carreira na Em Cima da Hora em 1970 e transferiu-se para a Mocidade em 1974, onde permaneceu até o ano de seu falecimento, com uma breve passagem pelo Império Serrano em 1984. É pai do também intérprete Igor Vianna.

NÉLSON CAVAQUINHO: Néelson Antônio da Silva (1911-1986). Compositor e instrumentista. Deixou mais de quatrocentas composições, entre elas clássicos como "A Flor e o Espinho" e "Folhas Secas", ambas em parceria com Guilherme de Brito, seu parceiro mais frequente. Foi homenageado pela Mangueira em 2011.

NOCA DA PORTELA. Osvaldo Alves Pereira (1932). Cantor e compositor. Além de compor vários sambas e sambas-enredo, dentre eles o hino oficial da Portela em 2005, foi Secretário de Cultura do Estado do Rio de Janeiro.

NOEL ROSA (1910-1937). Cantor, compositor e instrumentista. Parceiro de Ismael Silva e Cartola, dentre outros, Noel consagrou-se como grande nome da MPB, apesar da vida curta, e ajudou a consolidar as mudanças geradas pelo "samba de sambar" do Estácio, bem como a colocar Vila Isabel no mapa do samba. Foi homenageado pela escola do bairro em 2010, ano do centenário do seu nascimento.

PADEIRINHO. Osvaldo Vitalino da Silva (1927-1987). Cantor e compositor. sambista responsável pela modernização do partido-alto, ao acrescentar a este estilo a malícia do samba "*sincopado*" e do "*samba-de-breque*". Ingressou na ala de compositores da Mangueira aos 20 anos e é o autor de *O grande presidente*, um dos mais famosos sambas da escola. No ano de 2005, foi lançada sua biografia: "Padeirinho da Mangueira – retrato sincopado de um artista".

PAULINHO MOCIDADE: Paulo Costa Alves (1960). Intérprete. Sua estreia no Carnaval não poderia ter sido mais promissora quando substituiu o saudoso Ney Vianna e conquistou o bicampeonato do Grupo Especial com a Mocidade. Teve outra passagem pela escola no início dos anos 2000, e também foi intérprete da Unidos da Tijuca, Império da Tijuca e Imperatriz Leopoldinense, onde sagrou-se novamente bicampeão em 2000 e 2001. Retornou à escola de Ramos em 2009 e atualmente é o intérprete oficial da Acadêmicos de Santa Cruz. Passou também pela Embaixadores do Ritmo, em Porto Alegre.

PAULO BARROS: (1962). Carnavalesco. Começou na Vizinha Faladeira e passou por Arranco do Engenho de Dentro e Paraíso do Tuiuti, onde seu trabalho chamou a atenção de dirigentes da Unidos da Tijuca. Na escola, sagrou-se vice-campeão em 2004, 2005 e 2011 e campeão em 2010 e 2012. Passou também por Estácio (onde se sagrou campeão do Acesso em 2006), Renascer, além de Viradouro e Vila Isabel. Pelo seu estilo revolucionário, é

considerado o novo mago do carnaval carioca, embora também haja quem critique seus desfiles pelo excesso de teatralidade e pela repetitividade.

PAULO CÉSAR PINHEIRO: (1949) Compositor. Viúvo de Clara Nunes, compôs em sua homenagem o samba *Portela na Avenida*, apesar do coração Mangueirense. Ao lado do amigo e parceiro João Nogueira, compôs os primeiros sambas da Tradição em meados da década de 1980.

PAULO DA PORTELA: Paulo Benjamim de Oliveira (1901-1949). Fundador do bloco Baianinhas, embrião da Portela, a qual presidiu nos primeiros anos. Desligou-se da escola após desentendimento com seus dirigentes e morreu antes de retornar a ela, tendo passado pela Lira do Amor, de Bento Ribeiro.

PAULINHO DA VIOLA: Paulo César Baptista de Farias (1942). Iniciou sua carreira de compositor na União de Jacarepaguá (da qual foi enredo em 2009) e transferiu-se para a Portela logo depois. Na azul-e-branco, venceu apenas um concurso de samba-enredo, mas compôs o samba *Foi o Rio que passou em minha vida*, considerado por muitos o segundo hino da escola. Passou 20 anos afastado e retornou em 1995. Padrinho da Velha Guarda da Portela, ajudou o grupo a organizar-se e resgatar antigos sambas que corriam o risco de se perder com o tempo. Em 2011 foi criado o bloco Timoneiros da Viola, em sua homenagem.

PRETO JÓIA: Amauri Valdo (1958). Compositor e intérprete. Notabilizou-se como um dos compositores do lendário samba-enredo da Imperatriz Leopoldinense *Liberdade, Liberdade: abra as asas sobre nós*, cantado na avenida por Dominginhos do Estácio. Foi intérprete oficial da escola de 1991 a 1999, quando transferiu-se para o Carnaval de São Paulo. Passou ainda por Porto da Pedra e Tradição antes de retornar à sua escola de origem em 2007 e deixa-la após o Carnaval do ano seguinte, quando foi para a Inocentes de Belford Roxo. Fora dos desfiles, gravou diversos jingles políticos, um CD solo e fez parte do grupo Puxadores do Samba.

RENATO LAGE: (1949). Carnavalesco. Iniciou sua trajetória na Unidos da Tijuca, em 1980, e logo em sua estreia sagrou-se campeão do Grupo de Acesso. Passou por Império Serrano, Salgueiro, Caprichosos de Pilares, Mocidade (onde permaneceu por 13 anos) e retornou à vermelho-e-branca da Tijuca em 2003, lá permanecendo até os dias atuais. Campeão do Grupo Especial em 1990, 1991, 1996 e 2009. Ao lado da esposa Márcia Lage, também assinou o desfile campeão do Acesso do Império Serrano em 2008.

ROBERTO RIBEIRO: Demerval Miranda Maciel (1940-1996). Cantor, compositor e intérprete. Foi o intérprete oficial do Império Serrano no carnaval de 1971 e de 1974 a 1981. Em 1975, perdeu a disputa de samba-enredo na quadra, mas sua obra tornou-se mais famosa que a vencedora, e foi gravada por ele e por diversos cantores com o título de *Estrela de Madureira*. Gravou mais de vinte discos, e faleceu em 1996, vítima de um atropelamento automobilístico.

ROSA MAGALHÃES: (1947). Carnavalesca. Começou no Salgueiro e teve breves passagens por Beija-Flor e Portela, mas o primeiro desfile de sua autoria foi o histórico *Bumbum Patitumbum Prugurundum*, que deu o campeonato de 1982 ao Império Serrano. Na verdade, trata-se de uma co-autoria, pois o Carnaval também foi realizado por Lícia Lacerda. Pela Imperatriz Leopoldinense, Rosa ganhou ainda os carnavais de 1994, 1995, 1999, 2000 e 2001. Após anos na escola, desligou-se dela e foi contratada pela União da Ilha, onde assinou o desfile de 2009. Atualmente, é a carnavalesca da Unidos de Vila Isabel, função que também já exerceu na Estácio e no Salgueiro.

SEBASTIÃO MOLEQUINHO: Sebastião de Oliveira (1920). Compositor. Único fundador vivo da escola de samba Império Serrano. A agremiação foi criada na casa de sua irmã, Eulália. Molequinho presidiu o Império Serrano três vezes. Em 2007, ganhou o Estandarte de Ouro de Personalidade.

SELMINHA SORRISO: Selma Rocha (1971). Porta-bandeira. Tida como a melhor porta-estandarte da atualidade, Selminha é pentacampeã do Estandarte de Ouro, prêmio que recebeu pela Estácio de Sá em 1992 (ano do único título da escola no Grupo Especial) e pela Beija-Flor em 2000, 2002, 2005 e 2009.

SOBRINHO: Fábio Crispiniano do Nascimento (1949). Compositor e intérprete. Iniciou carreira na ala de compositores da Mangueira, para a qual foi levado pelo tio Tolito, daí seu apelido. Em 1981, transferiu-se para a Unidos da Tijuca, onde consagrou-se como grande intérprete do Carnaval carioca. Nesse período, também foi puxador da Unidos de Bangu, escola do Grupo de Acesso. Passou por Unidos de Vila Isabel, Imperatriz, a extinta Tupy de Braz de Pina e Santa Cruz, além de ser apoio de Jamelão na Mangueira em 1989, 1991, 1994 e 1995.

SURICA, TIA: Iranete Ferreira Barcellos (1940). Sambista, ex-intérprete de samba-enredo e atualmente uma das mais importantes integrantes da Velha Guarda da Portela.

TOCO: Antonio Correia do Espírito Santo (1936-2006). Um dos fundadores da Mocidade Independente de Padre Miguel. Compôs o primeiro samba da escola em 1957. No ano seguinte, fez "Apotese ao Samba". É dele a maior obra-prima da escola de Vila Vintém: "Rapsódia de Saudades" (1971). Oito anos depois, faria "O Descobrimento do Brasil", samba que embalou o primeiro título da agremiação no grupo principal. "Mãe Menininha do Gantois" (1976), "Vira virou" (1990) e "Chuê chuí" (1991) também são de sua autoria. Morreu dias depois de vencer o concurso de samba-enredo para o Carnaval 2007.

TIÃOZINHO MOCIDADE: Neuzo Sebastião de Amorim Tavares. Cantor e compositor. Ingressou na ala de compositores da Mocidade em 1976 e em 2000 passou a integrar a velha-guarda da escola, da qual tornou-se diretor cultural. Autor dos sambas de 1985, 1990 e 1991, que levaram a Mocidade ao campeonato, e do antológico *Como era verde meu Xingu*, de 1983.

VILMA NASCIMENTO (1938). Porta-bandeira. Começou na União de Vaz Lobo, mas foi levada por Natal, seu futuro sogro, para a Portela, onde

conquistou doze carnavais. Também esteve na Tradição durante os primeiros anos da escola.

VIRIATO FERREIRA (1930-1992). Carnavalesco. Durante alguns anos colaborou com seu trabalho para o sucesso de Joãozinho Trinta na Beija-Flor, mas foi na Portela e na Imperatriz Leopoldinense que pode assumir o posto de carnavalesco e desenvolver enredos inesquecíveis como *Hoje tem marmelada* (Portela, campeã de 1980) e *O que é que a banana tem* (Imperatriz, 1991).

WALDIR 59: Waldir de Souza (1927). Compositor. Recebeu o apelido pelo número de sua carteira de sócio da Portela e para se diferenciar dos demais xarás da escola. Integrante da ala de compositores da escola desde a década de 1950, e da velha-guarda desde os anos 1970. Venceu os concursos de 1955, 1956, 1957, 1959 e 1965.

WALTER ALFAIATE: Walter Nunes de Abreu (1930-2010). Cantor e compositor. Nascido e criado em Botafogo, pertenceu à ala de compositores dos blocos Mocidade Alegre de Botafogo, Bloco do Funil e das escolas de samba São Clemente e Foliões de Botafogo. Integrou também a ala dos compositores da Portela, cujos ensaios frequentava desde o tempo em que escola ensaiava no Mourisco, sede náutica do Botafogo de Futebol e Regatas. Faleceu logo após o carnaval de 2010, sendo seu corpo velado na sede do clube.

XANGÔ DA MANGUEIRA: Olivério Ferreira. (1923-2009). Cantor e compositor. Iniciou-se no samba na escola de Samba União de Rocha Miranda, transferindo-se posteriormente para a Portela, onde foi discípulo do célebre Paulo da Portela. Após a saída de Paulo da escola, no início da década de 1940, Xangô o seguiu por um tempo na Lira do Amor, porém, como também admirava a Mangueira, pediu permissão a seu mestre, sendo por ele indicado à diretoria mangueirense. Na Mangueira, Xangô permaneceu pelo resto da vida, notabilizando-se como diretor de harmonia, cargo que ocupou por várias décadas. Foi também o intérprete oficial do samba da escola até 1951, sendo antecessor de Jamelão.

ZECA DA CUÍCA: Ritmista. Nascido no morro de São Carlos, sua história se mistura com a do samba há 50 anos, quando foi iniciado no ritmo pelos mestres Marçal e Ministro da Cuíca. O amor pela cuíca lhe rendeu o Estandarte de Ouro de 1982 na condição de Destaque Masculino pela Estácio de Sá e a condecoração com a medalha Pedro Ernesto em 2001. Zeca da Cuíca recebeu em 2007, do Ministério da Cultura, o título de Baluarte do Samba, entre 60 bambas cariocas. Um dos fundadores do grupo Originais do Samba.

ZÉ COM FOME: José Gonçalves (1908-1954) Cantor e compositor. Contemporâneo de Cartola e Carlos Cachaca, recebeu o apelido pelo hábito de surrupiar salgadinhos e guardá-los em sua viola durante festas no morro. Após o casamento, passou a ser conhecido como Zé da Zilda. Gravou diversas obras e foi gravado por grandes nomes da MPB, como Paulinho da Viola e Chico Buarque.

ZICA, DONA: Euzébia Silva do Nascimento (1913-2003). Sambista da velha guarda da Estação Primeira de Mangueira, foi a última mulher de Cartola.

ZUZUCA: Adil de Paula (1936). Compositor. Natural de Cachoeiro do Itapemirim, notabilizou-se pela autoria de sambas como *Festa para um Rei Negro* (Pega no Ganzê) e *Mangueira, minha madrinha querida* (Tengo Tengo), que modificaram para sempre a história do gênero.

BE-A-BÁ DO SAMBA

“E no ABC dos Orixas, Oranian é Paulo da Portela”

(Dedé da Portela e Norival Reis)

Abre-alas: Carro alegórico que vem à frente das alas no desfile e apresenta a escola e o enredo para a comissão julgadora.

Adereço: Objeto usado como adorno de fantasia ou alegoria durante o desfile.

Agogô: Instrumento de percussão agudo, composto de duas ou quatro bocas, muito utilizado no maracatu e nos desfiles das escolas de samba.

Afoxé: Batida criada por Mestre Ciça na Unidos do Viradouro, cujo nome deriva de um antigo cordão carnavalesco baiano.

Ala: Grupo de desfilantes uniformemente fantasiado que evolui em conjunto durante o desfile.

Alegoria: Ornamentos que enfeitam carros alegóricos, tripés ou são carregados nas mãos pelos componentes das alas.

Apito: Pequeno instrumento de sopro utilizado por mestres de bateria e harmonia para organizar a participação dos componentes da escola durante o desfile.

Ateliê: Espaço destinado à confecção e armazenamento de fantasias e adereços da escola de samba.

Atravessar: Momento do desfile em que o carro de som e a bateria não se encontram ritmicamente ou quando um setor da escola canta uma parte do samba e o anterior ou posterior canta outra, comprometendo de forma grave a harmonia.

Baluarte: Termo derivado da arquitetura militar, sinônimo de bastião, e que no mundo do samba refere-se ao componente da escola que a sustenta enquanto parte de sua história.

Bamba: Sambista reconhecido no meio pela sua arte de cantar, dançar ou tocar algum instrumento.

Barracão: Local onde são confeccionadas as fantasias, adereços e alegorias da escola de samba.

Bateria: Grupo de ritmistas que tocam instrumentos de percussão e são regidos por um diretor, também chamado de mestre.

Batida: Andamento, cadência e ritmo da bateria, peculiar em cada escola.

Bossa: Convenções e paradinhas executadas pela bateria durante a apresentação.

Bloco: Grêmio recreativo carnavalesco de embalo ou de enredo que desfila pelas ruas do Rio de Janeiro de forma semi-organizada durante o Carnaval. No

segundo caso, em competição. Muitas das escolas de samba da cidade já foram blocos antes de adquirir a denominação atual. Outras escolas foram rebaixadas a bloco.

Boi-com-abóbora: Diz-se do samba de má qualidade, com letra e/ou melodia de gosto duvidoso.

Caixa-de-guerra: Tambor de tamanho médio, derivado das bandas marciais, e utilizado nas escolas de samba. Sua acústica é definida pela forma de uso: preso à cintura pelo talabarte ou apoiado no ombro

Cavaquinho: Instrumento de corda e de origem portuguesa, fundamental para definir a linha melódica do samba-enredo.

Chocalho: Um dos instrumentos utilizado pela bateria

Convenção: Desenho rítmico de um ou mais instrumentos, que tocam em sintonia numa determinada parte do samba.

Cuíca: Instrumento de percussão constituído de um cilindro metálico e revestido internamente por uma pele, ao qual encontra-se aderida uma vareta que, atritada com um pano úmido produz um som rouco.

Dizer no pé: Sambar bem.

Ensaio: Preparo pré-carnavalesco das escolas de samba em suas quadras, nas ruas da comunidade ou no Sambódromo. Denomina-se ensaio geral o último deles, realizado às vésperas do carnaval.

Esquenta: Aquecimento da bateria antes do início do desfile, quando são cantados sambas antigos da escola ou sambas que a exaltam.

Estandarte: Bandeira ou pavilhão da escola, conduzido pelo casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira.

Frigideira: Instrumento de percussão derivado da panela de cozinha, introduzido na bateria das escolas de samba pela Aprendiz de Lucas, na década de 1940.

Folião: participante dos folguedos em blocos carnavalescos ou escolas de samba.

Grito de Carnaval: Primeira manifestação festiva de uma escola de samba, em geral realizada para anunciar o enredo ou apresentar os sambas concorrentes.

Livro de ouro: Antigo caderno de capa dura utilizado para assinatura daqueles que doavam quantias em dinheiro para as escolas do samba.

Marcha: Como é conhecido o samba de letra pobre e melodia acelerada. O nome deriva das antigas músicas que tiveram seu auge nos carnavais das primeiras décadas do século XX.

Pagode: Gênero musical derivado do samba e do partido-alto, surgido em meados dos anos 1980, na quadra do bloco carnavalesco Cacique de Ramos.

Pandeiro: Instrumento de percussão, constituído de uma pele esticada num aro ou num quadrado de madeira ou de metal, com ou sem guizos, no qual se bate com as mãos e, acrobaticamente, com os cotovelos.

Partido-alto: Samba que contém uma primeira parte previamente composta, sendo a segunda feita mediante versos de improviso.

Repique: Instrumento de percussão que constitui-se de um pequeno tambor sob o qual são exercidas batidas rítmicas com uma baqueta e a mão livre.

Reco-reco: Instrumento de percussão introduzido nas baterias das escolas de samba. Originariamente feito com um gomo de bambu.

Recuo: Espaço destinado à permanência da bateria durante uma parte do desfile, para que toda a escola possa desfilar sob o som de seus instrumentos.

Rei Momo: Símbolo da grandeza do Carnaval, sempre representado por um folião muito gordo e de simpatia irradiante, vestindo fantasia vistosa, com coroa majestática. É uma figura mitológica grega.

Samba: Dança cantada de origem africana, compasso binário e ritmo obrigatoriamente sincopado.

Samba de quadra: Samba composto por integrantes da escola sem necessariamente ter um enredo específico, sendo, no entanto, cantado nos ensaios.

Samba de raiz: Diz-se do samba que mantém-se fiel às características do gênero, sem se render a inovações ou se deixar influenciar por outros gêneros musicais.

Samba de terreiro: Antiga denominação do samba de quadra.

Samba-enredo: Samba composto a partir de um tema específico destinado ao desfile de uma escola.

Samba-exaltação: Samba que enaltece uma determinada escola, geralmente cantando no esquentar da bateria.

Surdo: Grande tambor que marca o ritmo da escola, sendo chamado de *primeira* aquele sob o qual é desferida a primeira batida, de *segunda* aquele onde se executa a resposta e de *terceira* o que emite som no intervalo entre ambas.

Tamborim: Instrumento de percussão de tamanho pequeno e som bastante agudo, sob o qual são desferidos golpes rítmicos mediante uma baqueta.

Tarol: Espécie de caixa menos compacta, que emite um som mais agudo, geralmente utilizada pelo componente apoiada em seu ombro.

Xequerê: Espécie de grande chocalho recentemente introduzido nas baterias.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, HIRAM. *Carnaval: seis milênios de história*. 2ª Edição – Rio de Janeiro: Gryphus, 2003

BASTOS, João. *Acadêmicos, Unidas e tantas mais: entendendo os desfiles e como tudo começou* – Rio de Janeiro: Folha Seca, 2010

CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. 2ª Edição – Rio de Janeiro: Lumiar Editora, 1996.

DINIZ, André. *Almanaque do Carnaval: a história do carnaval, o que ouvir, o que ler, onde curtir* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008

FARIAS, Júlio César. *Bateria: o coração de uma escola de samba* – Rio de Janeiro: Literis Editora, 2010

FARIAS, Júlio César. *Para tudo não se acabar na quarta-feira: a linguagem do samba-enredo* - Rio de Janeiro: Litteris Editora, 2002

JÓRIO, Amaury & ARAÚJO, Hiram. *Escolas de samba: vida, paixão e sorte*. Rio de Janeiro, 1969

LOPES, Ney. *Sambeabá: o samba que não se aprende na escola* – Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Folha Seca, 2003

MOTA, André Aydano. *Maravilhosa e soberana: histórias da Beija-Flor*. 1ª Edição – Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2012

MOURA, Roberto M. *Carnaval: da redentora à Praça do Apocalipse* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1986

MUSSA, Alberto e SIMAS, Luiz Antônio. *Samba de enredo: história e arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010

PIMENTEL, João. *Marcadas para viver: a luta de cinco escolas*. 1ª Edição – Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2012

SIMAS, Luiz Antônio. *Tantas páginas belas: histórias da Portela*. 1ª Edição – Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2012

VARGENS, João Baptista M & MONTE, Carlos. *A velha guarda da Portela*. 2ª Edição – Rio de Janeiro: Manati, 2004

VASCONCELLOS, Francisco de. *Império Serrano: Primeiro decênio*. Rio de Janeiro, 1991.

VIANNA, Luiz Fernando. *Geografia carioca do samba*. 1ª Edição – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004

SITES

Academia do Samba – <http://www.academiadosamba.com.br>

Dicionário Cravo Alvim da Música Popular Brasileira -
<http://www.dicionariompb.com.br>

Galeria do Samba - <http://www.galeriadosamba.com.br>

LIESA - <http://www.liesa.com.br>

O Terminal/Carnavalesco - <http://www.carnavalesco.com.br>

Portelaweb - <http://www.portelaweb.com.br>

Samba de Raiz - <http://www.sambaderaiz.net>

Sambario - <http://www.sambariocarnaval.com>

SRZD/Carnaval - <http://www.srzd.com.br/carnaval>

SRZD/Carnaval Virtual - <http://www.srzd.com.br/editoria/carnavalvirtual>

Tudo de Samba - <http://www.tudodesamba.com.br>

Wikipedia - <http://www.wikipedia.com>

CRÉDITOS DAS FOTOS

01	http://naodanomesmo.blogspot.com.br/2012/08/deixa-falar.html
02	http://www.vidalusofonas.pt/ismael_silva.htm
03	http://www.quemdisse.com.br
04	http://comissaodefrente.blogspot.com.br/2012/04/nossa-historia-cartola-mangueira-1978.html
05	http://www.institutobrasilidades.com.br/2009_04_01_archive.html
06	http://www.titanproducoes.com.br/TiaCiata.html
07	http://www.madureiraonline.com.br
08	http://velha-casa.blogspot.com.br/2007/10/mercedes-baptista.html
09	http://bancadadosamba.wordpress.com/grandes-enredos/herois-da-liberdade-imperio-serrano-1969/
10	http://www.sambariocarnaval.com/frames/index.php?sambando=luizcarlo srosa6
11	http://www.sambaderaiz.net/la-vem-a-academia/
12	http://ofimdomundoimperfeito.blogspot.com.br/2012_02_01_archive.html
13	http://oglobo.globo.com/carnaval-2013/veja-momentos-marcantes-dos-carnavais-da-decada-de-1980-3892094
14	http://extra.globo.com/noticias/carnaval/o-rio-em-outros-carnavais-435405.html
15	http://marceloguireli.multiply.com/journal/item/69/69
16	http://www.sambariocarnaval.com/frames/index.php?sambando=editorial 45

17	http://www.papodesamba.com.br/noticia.php?id=3853
18	http://poemaseconflitos.blogspot.com.br/2010/02/escolas-de-samba-poderao-usar-imagens.html
19	http://www.flogao.com.br/musikando
20	http://sonhodecarnaval.blogspot.com.br/2012/10/o-poder-do-carnaval-em-um-desfile.html

